

 **SCALABRINIANAS**

Perfil Espiritual de uma mulher forte

Bem-aventurada
Assunta Marchetti



Leocádia Ortolan Mezzomo
Organizadora

**PERFIL ESPIRITUAL
DE UMA MULHER FORTE
Bem-aventurada
Assunta Marchetti**

SÉRIE MEMÓRIAS DA EDITORA CSEM

2024. Lice Maria Signor. *Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 2001/2019*, vol. IV.

2024. Elda Broilo, Zenaide Ziliotto, Carmem Lussi (Org.). *Vivências solidárias na busca pela terra. Irmãs Missionárias Scalabrinianas junto aos migrantes sem-terra.*

2021. Marivane Chiesa (Org.). *Bienvenu Shelter. 20 anos de acolhida, cuidado e empoderamento.*

2021. Marivane Chiesa (Org.). *Bienvenu Shelter. 20 years of welcoming, caring and empowering.*

2011. Laura Bondi. *Madre Assunta Marchetti. Uma vida missionária.*

2015. Lice Maria Signor. *Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas 1971-2001*, vol. III.

2006. Província Maria, mãe dos migrantes – Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas (Org.). *Profecia Itinerância Caminho. 15 anos de Serviço aos Migrantes.*

2007. Lice Maria Signor. *Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas 1934-1971*, vol II.

2005. Lice Maria Signor. *Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas 1895-1934.*

**ESTE LIVRO FOI PUBLICADO PELO CSEM,
CONTEMPORANEAMENTE, EM:**

Italiano: https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2025/09/Ebook_Profilo_Spirituale_M_Assunta_2025_CSEM_IT.pdf

Espanhol: https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2025/09/Ebook_Perfil_Espiritual_M_Assunta_2025_CSEM_ES.pdf

Inglês: https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2025/09/Ebook_Spiritual_Profile_M_Assunta_2025_CSEM_EN.pdf

Leocádia Ortolan Mezzomo
Organizadora

**PERFIL ESPIRITUAL
DE UMA MULHER FORTE**
Bem-aventurada
Assunta Marchetti



Brasília
2025

Organização: Ir. Leocádia Ortolan Mezzomo, mscs

Diagramação: Inês Ruivo Andrade

Capa: Ir. Luciana Pitol, mscs

Revisão do texto: Ir. Leda Maria Garbin, mscs
e Ir. Elena Ferrarini, mscs

Responsabilidade:

Ir. Neusa de Fátima Mariano, mscs – Superiora Geral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perfil espiritual de uma mulher forte : bem-aventurada Assunta Marchetti [livro digital] / organizadora Leocádia Ortolan Mezzomo. -- Brasília, DF : Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2025. -- (Série memórias ; 10) 155 p.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85775-33-5

1. Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas - História. 2. Espiritualidade - Igreja Católica - Meditações. 3. Freiras - Itália - Biografia. 4. Freiras - Itália - Vida religiosa. 5. Marchetti, Maria Assunta, 1871-1948. 6. Missão cristã. 7. Mulheres - Aspectos religiosos - Cristianismo I. Mezzomo, Leocádia Ortolan. II. Série.

25-296627.0

CDD-922.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Freiras católicas : Biografia e obra 922.2

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129



CENTRO SCALABRINIANO DE
ESTUDOS MIGRATÓRIOS
SRTVN Qd 702 – Cj. P Sobrelojas 1 e 2
70719-900 – Brasília – DF, Brasil
Email: csem@csem.org.br
www.csem.org.br



IRMÃS MISSIONÁRIAS
SCALABRINANAS
Via Monte del Gallo, 68
00165 – Roma – Itália
Tel. +39 06 393 773 320
E-mail: segreteria generale@scalabriniane.org
www.scalabriniane.org

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
<i>Ir. Neusa de Fátima Mariano, mscs</i>	
1. PERFIL BÍBLICO-TEOLÓGICO DA MISSIONÁRIA	13
<i>Rosanna Virgili</i>	
Introdução	15
1. A humildade	16
2. O serviço no horizonte da vida eterna.....	21
3. A dignidade da mulher e da Irmã	23
4. Mulher de comunhão	27
5. A urgência eucarística do testemunho	30
6. O cuidado por todos os membros do corpo do Senhor	33
A modo de conclusão	38
Referências bibliográficas.....	39
2. CARTAS DE MADRE ASSUNTA MARCHETTI	41
Introdução geral às cartas e orações.....	43
1. Carta ao fundador Mons. João Batista Scalabrini	45
2. Cartas ao Padre Faustino Consoni	49
3. Cartas a diferentes personalidades eclesiais	55
4. Cartas à congregação, às provinciais, às mestras e outras irmãs.....	67
5. Cartas aos familiares	87

3. ANÁLISE DA GRAFIA DE MADRE ASSUNTA MARCHETTI (1871-1948)	97
<i>Nazzareno Palaferri</i>	
1. Apresentação dos documentos	99
2. Semiologia grafológica	103
3. Análise da personalidade.....	110
4. BEM-AVENTURADA ASSUNTA MARCHETTI MÃE TERNA DOS ÓRFÃOS	147
<i>Ir. Leocádia Ortolan Mezzomo, mscs</i>	
Breve biografia.....	149



Santidade...

“Alcançar a estatura e maturidade de Cristo Jesus!”

(Ef 4,13)

Apresentação

A vida missionária nos ensinou, e a história da Igreja continua a nos confirmar, que as obras de Deus produzem frutos que permanecem (cf. Jo 15,5-8). Assim é nossa experiência enquanto Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, que têm na Bem-aventurada Assunta Marchetti sua inspiração e sua primeira testemunha. Mulher forte, nutrida pela vitalidade e radicalidade do carisma scalabriniano, ela deixou impressa com sua vida, a forma própria da vida religiosa feminina que a Congregação assumiu e segue recriando ao longo do tempo, como tão bem expresso no título do livro: *Perfil Espiritual de uma Mulher Forte: Bem-aventurada Assunta Marchetti*.

A promessa dirigida a ela e às três primeiras companheiras de caminhada em 25 de outubro de 1895, por nosso fundador, São João Batista Scalabrini – “Ide confiantes, filhas, vos mandarei depois outras coirmãs”¹ – permanece viva e atual. Ela ressoa com força neste ano em que celebramos os **130 anos de fundação da Congregação**, em que a Igreja celebra o Jubileu da Esperança, e em que a Congregação realiza seu XV Capítulo Geral.

Celebramos a memória e a herança de Assunta Marchetti, uma mulher com perfil de liderança missionária e capacidade de gestão à frente de seu tempo. Dela aprendemos a ousadia de crer e buscar sempre mais, movidas pela causa da missão e dos migrantes, especialmente pelas mulheres e crianças em situação de mobilidade. Com ela acreditamos que podemos inovar, resistir e ousar, sempre

1. *Scalabrini. Uma voz atual*. São Paulo: Congregações Scalabrinianas Missionárias e Missionárias de São Carlos, 1989, p. 420.

que necessário, porque por vocação não separamos fé, vida e vocação missionária scalabriniana.

Foi a partir de sua experiência nos primórdios da Congregação que reconhecemos que o mandato missionário confia-nos uma causa que traz consigo as bênçãos das pessoas e de Deus.² E, como bem escreveu Scalabrini por ocasião da preparação da I Conferência sobre a migração, realizada em Roma, em 08 de fevereiro de 1891: “Saibamos aproveitar”.³

Em Assunta Marchetti tudo é singelo, equilibrado, ponderado e natural, comunicando beleza, harmonia e interioridade. No documento da análise grafológica encontramos aspectos significativos alusivos à sua personalidade. O grafólogo assim a define: “Dotada de intuito particular, que a permitia compreender as situações particulares de outros; de um alto sentido de dependência, mas também com um grande sentido de autonomia e de ação [...]. Caraterologicamente é um verdadeiro milagre de equilíbrio e de bondade humana, indício de que ela viveu da superação de si mesma, da escuta e da íntima meditação das mensagens interiores que a levaram a um contínuo ‘Eis-me aqui’”.⁴

Este volume nasce como um ato de gratidão e, com memória agradecida, reconhecemos a heroicidade de sua vida e os passos fecundos que deu como religiosa scalabriniana. Nossa Congregação recebeu dela a marca da originalidade feminina que a configura, e da resiliência que nos impulsiona a recomeçar sempre, ampliar o espaço da tenda ou das fronteiras da missionariedade, superar dificuldades e servir sem reservas, com dedicação total, nas vias das migrações e da busca por refúgio. Em Assunta nos inspiramos para responder, com o ardor e a sabedoria de seu legado, aos novos tempos e às situações transformadoras da mobilidade humana no mundo atual, que nos desafiam.

O livro reúne, além do estudo grafológico já citado, manuscritos da Bem-aventurada Assunta Marchetti e os estudos teológico-

2. *Scalabrini. Uma voz*, p. 462.

3. *Ibidem*.

4. PALAFERRI, Nazareno. Prot. 16103/95. *Analisi su grafia di Madre Assunta Marchetti (1871-1948)*. Instituto Grafológico “G. Moretti” de Urbino, Itália.

-bíblicos elaborados pela biblista Rosanna Virgili, que nos permite conhecer e admirar ainda mais o perfil espiritual da cofundadora da Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas. Mulher forte, de uma espiritualidade extraordinária. Ela é um exemplo que permeia o nosso futuro de esperança. É figura que podemos propor como um jeito de ser, figura feminina que interpela cada irmã e irmão que se torna disponível a abrir novos caminhos no mundo da mobilidade humana.

Convido a todas e a todos a lerem estas páginas inspiradoras pelo seu conteúdo e pela missionariedade scalabriniana que nos desperta a viver com renovado ardor a nossa vocação na Igreja. Ao mesmo tempo, incentivo a divulgação da riqueza presente neste livro, para que muitas pessoas conheçam e se motivem na vida e na fé pelo esplendor que reflete de sua vida em Cristo.

Que a Bem-aventurada Assunta Marchetti, que nos deixou um legado profundo de autêntica fidelidade ao carisma scalabriniano e um rastro de santidade fundamentada sobretudo na humildade, nos ajude a viver e a testemunhar a acolhida e a solidariedade aos migrantes e refugiados.

Ir. Neusa de Fátima Mariano, mscs

Roma, 01 de julho de 2025

77º Aniversário de morte da

Bem-aventurada Assunta Marchetti

1

PERFIL BÍBLICO-TEOLÓGICO DA MISSIONÁRIA

*Rosanna Virgili**



* Graduada em Filosofia pela Universidade de Urbino. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e Mestrado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Aprofundou os seus estudos em Louvain-la-Neuve, Jerusalém e Harvard.

INTRODUÇÃO*

Maria Assunta Caterina Marchetti, nasceu no dia 15 de agosto de 1871 em Lombrici de Camaiore (Lucca). Desde jovem, manifestou o desejo de consagrar-se inteiramente a Deus na vida claustral. A divina providência, ao contrário, a impeliu a acolher outra proposta que Deus lhe fez através do seu irmão, Pe. José, missionário entre os migrantes italianos, no Brasil. Juntamente com a mãe e outras duas companheiras, em Piacenza, em 25 de outubro de 1895, emitiu os votos religiosos nas mãos do Fundador, hoje, São João Batista Scalabrini. Concluída a celebração religiosa na Capela do Episcopado de Piacenza, partiram para Gênova e juntamente com os migrantes embarcaram no navio *Fortunata Raggio* que as levou ao Brasil. Elas formaram o primeiro núcleo das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo.

Madre Assunta viveu como missionária no Brasil por cinquenta e três anos, sempre animada de grande caridade pelos órfãos, migrantes e enfermos. Foi um modelo incansável de doação evangélica aos menores e uma fiel guardiã do carisma scalabriniano.

Faleceu no dia primeiro de julho de 1948, no orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, São Paulo, Brasil. E, depois de um longo processo canônico, foi proclamada Bem-aventurada em 25 de outubro de 2014, em São Paulo, Brasil.

Segue um perfil bíblico-teológico da bem-aventurada, cofundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas.

* Tradução do original italiano, realizada por Ir. Sônia Dalforno, mscs.

1. A HUMILDADE

A sobriedade e a austeridade, com as quais nossa Bem-aventurada teceu seu estilo de vida, encontram a raiz moral e espiritual na humildade. Isso se explicita, com evidência, na Carta que ela escreve à “Diletíssima Coirmã”, não apenas na saudação final onde se declara: “Vossa humilde serva em Jesus Cristo”, mas no modo como descreve sua eleição a superiora:

As queridas e boas Coirmãs, com seu voto, carregaram meus pobres ombros com uma responsabilidade formidável. Desejei esquivar-me de tamanho peso – consciente da minha incapacidade absoluta – mas a insistência do nosso Exmo. Visitador mons. Lari (que me indicava nesta eleição a voz de Deus) me forçou aceitar. E assim, como em nenhuma circunstância e lugar aconteceu – como nesta – a profunda sentença: “Deus se serve de instrumentos mais inaptos, mais insuficientes para suas obras” (C. N. 11).

É imediata a ressonância destas palavras com aquelas evangélicas pronunciadas por Maria de Nazareth no *Magnificat*: “a minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque ele olhou para a humildade de sua serva” (Lc 1,46-48).

Como Maria, a jovem da Galiléia de origem e condição humilde, foi plenificada de maravilhas pela escolha que Deus havia feito recair sobre ela, para que se tornasse a mãe do Salvador, assim a Bem-aventurada Assunta não pode ocultar a admiração e a imprevisível comoção de ter sido escolhida para governar suas Coirmãs. E que se tratava da vontade de Deus, e que ela estava consciente que aquela eleição vinha de Deus, é claro por aquilo que ela mesma considera: “Deus se serve dos instrumentos mais inadequados, mais insuficientes para suas obras”. Grande e extremamente importante é para ela, de fato, a missão que a aguarda. Também esta consciência evoca aquela de Maria que descreve a grandeza da obra que vê Deus desenvolver no seu ventre, estes estupendos, grandiosos prodígios:

Porque o Poderoso fez para mim coisas grandiosas. O seu nome é Santo, e sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Ele mostrou a força do seu braço: dispersou os que têm planos orgulhosos no coração. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias. Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre (Lc 1,49-55).

Por tudo aquilo que dela será gerado, Maria canta os louvores ao Senhor, porque Deus realiza as maiores obras por meio dos pequenos! O mesmo louvor se eleva do coração de Assunta consciente do fato de que Deus ama os pequenos, ama e confia suas maiores obras aos humildes, aos pobres, aos rejeitados da terra. Percebe-se, também, o eco do coração de Jesus que estremece de alegria por causa deste agir extraordinário do Pai: “Naquela mesma hora Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). O amor e a confiança especiais que Deus tem, aliás, para os pequeninos, atravessa toda a Escritura.

É Deus mesmo que o confessa no livro do Deuteronômio quando assim se dirige aos Israelitas: “O Senhor afeiçãoou-se a vós e vos escolheu, não por serdes mais numerosos que os outros povos – na verdade sois o menor de todos –, mas sim porque o Senhor vos amou” (Dt 7,7-8). A razão da sua pequenez é a mais forte quando os profetas devem suplicar para que tenha compaixão dele. No livro do profeta Amós, encontramos duas visões onde Deus demonstra suas intenções de punir duramente o seu povo: “Eis o que me mostrou o Senhor Deus: Ele formou uma nuvem de gafanhotos, pouco antes da colheita do feno, depois do corte do feno do rei. O Senhor Deus mostrou-me: “Vi o Senhor chegando para castigar com o fogo. O grande mar já estava em chamas que já iam queimando as roças” (Am 7,1.4).

Também, na história dos primeiros reis de Israel, aparece traçada uma autêntica ‘teologia da humildade’, especialmente nos fatos

de Saul e de Davi. Saul era “alto e belo” e um homem já maduro, enquanto Davi era pequeno e inexperiente, mas Deus não faz como os humanos que olham as aparências, já que Ele “olha o coração” (1Sam 16,7), portanto, rejeita Saul e escolhe Davi. Importante é também o exemplo de pequenas mulheres, aparentemente, inaptas a realizar atos de governo, a tomar decisões “políticas”, que se revelam, ao contrário, capazes de salvar sua cidade – como Judite – ou de reverter o destino do próprio povo condenado ao extermínio, como no caso da órfã Ester, que se torna a esposa do rei da Pérsia.

O papel desta última é uma Meghilla, aquela que abre o carnaval hebraico (*Purim*), festa de alegria porque o destino de Israel foi revirado e da morte passou à vida. Tudo isso pela oração e a coragem da pequena Ester. “Entoai o louvor de Deus com tambores, cantai ao meu Senhor com pandeiros, entoai para Ele um salmo novo; exaltai e invocai o seu nome! [...]. Mas o Senhor todo-poderoso os desprezou e os envergonhou pela mão de uma mulher!” (Jt 16,1.5) canta, enfim Judite, depois de ter derrotado o exército dos inimigos, com a força da fé e da oração.

Demos atenção especial à humildade do Filho de Deus, que foi exaltada amplamente nos Hinos cristológicos das Cartas paulinas, como na dos Filipenses que assim exorta:

Ele, existindo em forma divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano. E encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz! Por isso, Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que, em o nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra; e toda língua confesse: ‘Jesus Cristo é Senhor’, para a glória de Deus Pai (Fl 2,6-11).

Deus se entrega aos pequenos, como é claro, para a Bem-aventurada Assunta, que experimenta tudo isso, na sua própria pessoa. Por isso, acredita que a sua eleição venha da voz de Deus e assim escreve a Mons. Egídio Lari que lhe pedia, em julho de 1927, que aceitasse o governo da Congregação:

Recebi a sua preciosíssima carta de 29 de julho p p. Perdoe-me, Mons., se demorei um pouco para responder. Tratando-se de tão grande responsabilidade que as reverendas Irmãs, minhas coirmãs, querem me confiar, tomei alguns dias para refletir e rezei ao bom Deus para que me iluminasse. Conheço, Rev.mo Mons., a minha indignidade e inaptidão e conheço também as inúmeras dificuldades que existem no governo de uma Congregação religiosa como a nossa. Porém, confiando no Senhor e tomando das suas mãos este chamado, humildemente aceito e desde este momento, Rev.do Monsenhor, me coloco à sua disposição. Pedindo-lhe a sua S. Bênção e a poderosa ajuda das suas fervorosas orações, confirmo-me de V. R. Ill.ma, Serva e Filha [...] (C. N. 5).

Vemos, nesta mulher corajosa e humilde, a força da fé, a atividade da humildade, que não recua nos momentos difíceis, nos quais os humildes sabem encontrar em Deus sua força, para colaborar na messe que é absolutamente de Deus. Exemplar é a confiança que ela coloca em Deus, no “Amabilíssimo Coração de Jesus” e isto lhe permite enfrentar os desafios que se apresentam e as responsabilidades, com serenidade.

O progresso do Instituto nos anos 1927-1935 – período do seu segundo mandato – encontra sua explicação sobretudo nas qualidades superiores da Madre, na humildade com que sabia contar com a ajuda das coirmãs e na paixão em cumprir a vontade de Deus que sabia discernir na oração. Com frequência, repetia às coirmãs “Coragem! Coloquemo-nos nas mãos de Deus e façamos a sua vontade”.

Muitos testemunhos que se manifestaram no Processo Canônico sobre a Serva de Deus, Madre Assunta Marchetti, declararam que a Madre vivia de modo muito humilde e que sua humildade era percebida no modo de vestir, de servir, de ocupar-se dos casos mais repugnantes que chegavam no orfanato ou no ambulatório, de assumir todos os trabalhos da casa e da comunidade que, frequentemente, são considerados os mais humilhantes. Ela, verdadeiramente, compreendeu muito cedo, que a humildade é absolutamente necessária, para avançar no caminho que faz da criatura humana, uma discípula fiel do divino Mestre. A sua era uma humildade autêntica,

constante, heroica como declararam os teólogos da Congregação para a Causa dos Santos. Nunca se percebeu um impulso à superioridade, era alheia a qualquer forma de ostentação, protagonismo, afirmação de si, ou autodefesa também quando isso exigisse dela um forte e concreto heroísmo (Bondi, 2004, p. 238).

Amou e buscou constantemente o escondimento, o esquecimento, o último lugar, governou, serenamente, embora sentindo-se ímpar ao seu ofício. O exercício da autoridade foi para ela um puro servir, seguindo Jesus que passou a vida servindo (Mc 10,45). O exercício da autoridade, assumido em diferentes momentos, foi um exímio servir e um convite às coirmãs a servir. Suportou as injúrias sem reclamar e nunca guardou rancor para com quem a humilhava. Muitas vezes, escolheu conservar o silêncio debaixo da cruz, confiando em Deus que nunca deixa de socorrer e exaltar os humildes, no seu tempo (1Pd 5,5). O grafólogo, padre Palaferri, assim se expressou: “Assunta foi um verdadeiro milagre de equilíbrio e de bondade humana, uma “violenta” superação de si que a levou a responder à vida com um contínuo “eis-me aqui”¹.

Podemos falar de uma humildade “divina” que os cristãos farão própria para revestir o Corpo de Cristo. A fraqueza torna-se a força do cristão, assim como a humildade é sinal da pertença ao Senhor. Paulo é mais uma vez o intérprete magistral:

Irmãos, quando fui até vós anunciar o mistério de Deus, não recorri à oratória ou ao prestígio da sabedoria. Pois, entre vós, não julguei saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado. Aliás, estive junto de vós com fraqueza e receio, e com muito temor. Também a minha palavra e a minha pregação não se apoiavam na persuasão da sabedoria, mas eram uma demonstração do poder do Espírito, para que a vossa fê se baseasse no poder de Deus e não na sabedoria humana (1Cor 2,1-5).

E ainda:

Ele me disse: “Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente”. Por isso, de bom grado me glo-

1. *Analisi su grafia di Madre Assunta Marchetti (1871-1948)*. Instituto grafologico “G. Moretti”. Urbino, 1995, p.017. O texto, na íntegra, é publicado nesse volume, cap. 3.

riarei das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim; e me comprazo nas fraquezas, nos insultos, nas dificuldades, nas perseguições e nas angústias por causa de Cristo. Pois quando estou fraco, então é que sou forte (2Cor 12,9-10).

2. O SERVIÇO NO HORIZONTE DA VIDA ETERNA

Na humildade, a Bem-aventurada Assunta dedicou com convicção e alegria a sua vida a serviço dos enfermos nos hospitais. Um serviço eminentemente “teológico” porque ser médico é um dos primeiros adjetivos de Deus. Quando o povo de Israel saiu do Egito foi libertado da escravidão e curado pelas águas do Mar Vermelho, salvo pela mão de Deus, assim se apresentou a todos o Deus libertador: “Eu sou Aquele que te cura” (Ex 15,26). Deus “cura” as águas de Mara e as faz tornarem-se doces e potáveis, Deus cura da opressão, da idolatria, do medo e doa a um povo rejeitado a promessa de um País de liberdade e de paz. Jesus passava “curando e fazendo o bem a todos” (At 10,38) também Ele – como o Pai – era médico e curava todo tipo de enfermidade. Também o Apóstolo Pedro conseguiu curar o aleijado e “médicos” foram também os outros Apóstolos.

Assim a nossa Bem-aventurada que dedicou a sua vida – junto com suas coirmãs – ao cuidado dos doentes, trabalho bem pesado e precioso. Assim escrevia à Ir. Xavier e Coirmãs:

A senhora sabe como são os hospitais; temos muitos, não existe o perigo de ficar sem trabalho; os doentes são sempre entre 15 e 25, depois tem tudo o restante: injeções e várias medicações a fazer; alguns vêm e para outros devemos ir nas casas, porém nas vizinhanças, não distante; mas graças a Deus todas estamos bem de saúde (C. N. 20).

O seu desejo era o de morrer entre os órfãos, em uma radical obediência à vocação, até o fim, como se deduz da Carta a padre Faustino Consoni:

Agradeço-lhe, infinitamente, e lhe rogo de me recomendar muito ao Senhor para que me dê força, coragem e resignação à sua Santa Vontade. Parece-me impossível que o Senhor não atenda os meus desejos, o de deixar-me morrer em meio aos órfãos. Oh! Padre, isto eu desejo de coração e é o único objeto dos meus desejos (C. N. 3).

Conhecendo a humildade da serva dos órfãos, podemos colher neste seu desejo, uma espécie de ardente súplica a Deus, para que possa ser encontrada entre os pequenos do Reino. Entre aqueles que Jesus mesmo convida a ser como crianças: “Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos céus” (Mt 18,1-5). E sua vida foi este contínuo compromisso para ser pequena, conforme os critérios evangélicos e assim saber alcançar entre as exigências dos compromissos a presença de Deus, que a amava e chamava a servir em humildade!

Com a alma já no horizonte da vida eterna, a Bem-aventurada Assunta acrescentava: “Embora em meio às cruzes e tribulações, estou contente e agradeço ao Senhor que me faz sofrer neste mundo, para poupar-me depois na eternidade” (C. N. 3).

Por ocasião da morte de um filho muito amado assim consola sua irmã Marieta e seu cunhado:

Nestes momentos é inútil dizer “fiquem felizes”; mas que fazer? Deus o deu a vocês e Deus o levou. Consolai-vos porque tendes um anjo no paraíso que rezará por vocês, por todos [...] Marieta, estou distante fisicamente, mas com a oração estou próxima, como pobre “pecadora” como sou. Aqui todos os enfermos e todas as Irmãs comungaram e tão logo seja possível, o Pároco celebrará a Santa Missa por ele (C. N. 23).

Com igual força de ânimo e profunda fé se dirigia à sua irmã Elvira e a seu irmão Pio para dar a notícia da morte de sua mãe: “Agora não nos resta senão rezar e continuar a ser bons cristãos e honestos como foram os nossos queridos pais, assim nos ajudarão e nos abençoarão do Paraíso [...]. Imitemos também nós os nossos genitores a fim de que possamos ganhar o Paraíso” (C. N. 21). É bonito ler as muitas cartas que escreveu aos familiares onde não se

encontram muitas notícias, mas pode-se perceber uma insistência, um convite a viver os valores, os princípios inculcados nos filhos pelos nossos saudosos genitores.

A participação espiritual na Comunhão dos Santos era tão forte na Bem-aventurada Assunta que – em sua fé humilde e grande! – se admirava de receber as felicitações pelo seu onomástico da parte de Padre Faustino a quem escreve: “Agradeço, infinitamente, os cumprimentos que V. R. dignou-se enviar-me pelo meu onomástico. Agradeço, de modo especial, as orações que V. R. fez por mim naquele dia” (C. N. 4).

A Bem-aventurada Assunta ‘não sofria de orgulho ou narcisismo’, mas tinha clara a verdade e a essência de sua pessoa: “Sou uma pobre religiosa, não mereço ser tão lembrada. Somente a sua bondade pode sugerir-lhe tanta delicadeza para comigo” (C. N. 4). Em suas palavras ressoam os versículos do Salmo 8, onde o orante se maravilha, por sua vez, do comportamento de Deus para com os humanos e pergunta: “Que coisa é o homem, para dele te lembres, que é o ser humano, para o visitares?” (v. 5).

3. A DIGNIDADE DA MULHER E DA IRMÃ

Como emerge da perícia grafológica, a Bem-aventurada Assunta na própria interioridade, sente e vive a si mesma, em atitude de verdade, de humildade e de simplicidade. Mas a humildade da Bem-aventurada era revestida de grande dignidade como também acontece com os personagens bíblicos. Ela não abaixava a cabeça diante de eventuais atitudes ou disposições de pessoas autoritárias que gravassem sobre a saúde das Irmãs e das comunidades. Percebemos a força, a convicção expressa na Carta a Dom Scalabrini:

Excelência! Persistindo nas ordens dadas e continuando a querer aquilo que nos vem sendo solicitado pelos Superiores locais, ou seja, a renúncia à Congregação de São Carlos, nós não podemos responder senão abandonando este asilo (este orfanato), para buscar consumir o restante da nossa vida em outras

obras de caridade. Mas será este um caminho seguro para nós? e o nosso futuro poderá deixar tranquila a consciência de quem quer colocar-nos em poder do acaso? Não! (C. N. 1).

Não se trata de insubordinação, mas de sabedoria e de fé que dá à Bem-aventurada a coragem de objetar às decisões impostas, sem levar em conta as reais condições das Irmãs e, também, da vocação específica com a que elas foram chamadas. Características revisadas ainda pela perícia caligráfica que assim a descreve:

A primeira qualidade é aquela de uma vontade forte e constante, não apenas pela natural energia com a qual ela é dotada, mas sobretudo pelo seu forte poder de reflexão, de deliberação e de ponderação, pelas quais, nunca agindo por impulso, quando se determina por alguma coisa, o faz sempre com decisão e convicção. Ademais, se empenha nas coisas só racionalmente e com plena consciência ao seu alcance; de fato, inconscientemente, sente que todo compromisso que se assume será como uma espécie de imperativo categórico que não admite subterfúgios ou benévolas interpretações.

Uma sabedoria e uma autenticidade na fé, que relembra aquela de tantas mulheres, colocadas como exemplo de fidelidade e sabedoria na Escritura.

A primeira que queremos recordar é Isabel, esposa de Zacarias, sacerdote do Templo de Jerusalém (Lc 1,5-25). Por sua humilde fé, Isabel, que era considerada estéril e, portanto, desprezada pelos homens, em sua velhice concebeu um filho. Grande foi a sua alegria e o seu reconhecimento para com o Senhor que, no seu coração, aclamava dizendo: “Assim o Senhor fez comigo nestes dias: dignou-se tirar a vergonha que pesava sobre mim” (Lc 1,25). Ela recebeu a visita de sua prima Maria e, à sua saudação, sentiu “estremecer” a criança que trazia no seio, sinal de que havia reconhecido a presença de Jesus no ventre da mãe, nova “Arca da Aliança” (Lc 1,41).

Isabel torna-se bem consciente de que aquela criatura que traz no ventre é “um dom de Deus” e por isso quando – no dia em que o seu menino foi circuncidado – as pessoas presentes na festa sugerem chamá-lo Zacarias – ou seja, com o nome do marido – Isabel

se opõe claramente: “Não! Se chamará João” (Lc 1,60). De fato, aquele era, o nome que o Anjo Gabriel havia sugerido a Zacarias no Templo e aquela era a sua verdade: aquele filho era para ele e para todo Israel não um fruto da fé de Zacarias – que não tinha acreditado! (Lc 1,20) – mas um dom de Deus (é o significado do nome: João).

A determinação da Bem-aventurada Assunta encontra, depois, um exemplo luminoso na grande heroína bíblica Judite (“a Judia”). Ela, também, se opõe com um basta às decisões realmente inopertunas que o rei impõe para toda a sua cidade, Betúlia, e para todos os seus habitantes, encurralados no torno da guerra e do assédio. Embora sendo uma mulher e, além do mais, viúva, portanto, não autorizada a contestar as decisões do rei e dos seus “senadores” – os anciãos –, Judite manda chamar estes últimos e, com a cabeça erguida, os repreende dizendo:

Ouvi-me, chefes dos habitantes de Betúlia. Não é correta a palavra que pronunciastes ante o povo neste dia, quando firmastes um juramento, pronunciado entre Deus e vós comprometendo-vos entregar a cidade aos nossos inimigos, se, dentro de tantos dias, o Senhor nosso Deus não nos enviar socorro. Quem sois vós, que hoje tentastes a Deus e vos pusestes no lugar de Deus em meio a vossos irmãos? Agora tentais o Senhor todo-poderoso, vós que nunca entendeis coisa alguma! Pois não sois capazes de sondar as profundezas do coração humano, nem de captar as razões do seu pensamento; como então perscrutaríeis a Deus, que fez todas as coisas, conheceríeis o seu pensamento e sondaríeis o seu projeto? Absolutamente, irmãos, não provoquéis o Senhor nosso Deus! (Jt 8,11-14).

A firmeza e a determinação de Judite, que se uniram à sua sabedoria e à sua oração, derivam do amor profundo por seu povo e da fé pura que ela tem no Deus de Israel. Esta é a raiz espiritual que leva Judite a agir contrariamente a quanto fora disposto no decreto do rei e a realizar uma ação extraordinária conseguindo a salvação de toda a cidade.

A Bem-aventurada Assunta mostra também aquela parresia de palavra que é típica dos apóstolos de primeira hora, quando ela assim se dirige ainda a Dom Scalabrini:

Soubemos que as ordens de V. E. Revma feriam as mais queridas lembranças das humildes subscritas: foi-lhes imposta outra superiora entre as recém-chegadas, demitindo da sua função aquela que nunca havia aspirado nem desejado a distinção que lhe fora feita. E as coisas não pararam por aqui: é necessário, foi-nos dito, mudar os velhos votos pelos novos, fazendo novo noviciado e trocando hábito e as regras. E aqui começam as dolorosas sentenças. Com que lei humana pode-se impor um sacrifício pelo qual renegando um passado doloroso sim, mas abençoado por Deus e pelos homens, devêssemos enfrentar um futuro no seio de uma nova família obscura para nós, não solicitada e nem escolhida por nós? (C. N. 1).

Nesta escrita, podemos também divisar a mulher humilde e forte, que não se cala quando percebe que a dignidade da escolha vocacional é menosprezada, ainda que isso não aconteça por desprezo, mas, provavelmente, por falta de atenção e respeito que poderia ir em prejuízo do Carisma Scalabriniano. O carisma é por ela ciosamente guardado, como um dom especial de Deus para a sua Igreja, no qual ela e as coirmãs fizeram os primeiros votos nas mesmas mãos do Fundador naquele memorável 25 de outubro de 1895.

Como Paulo está seguro do (seu) Evangelho, assim a Bem-aventurada Assunta mostra-se segura do seu julgamento, como in-forma ainda a perícia caligráfica:

Pessoa que se ‘quebra’, mas não se dobra diante daquilo que não é justo e reto: energia a toda prova, em sustentar a justiça e a verdade. Ela sente com a mente e o coração que aquilo que defende é a vontade de Deus e está bem consciente de que, como recomenda o Apóstolo Pedro: “é melhor obedecer a Deus que aos homens” (At 5,29).

4. MULHER DE COMUNHÃO

O que parece simplesmente boas maneiras epistolares e que esconde, ao contrário, uma grande sensibilidade e uma autêntica espiritualidade na Bem-aventurada Assunta, é o uso que ela faz do pronome da primeira pessoa plural, do “nós” em lugar do “eu”. Nisto não se revela, de fato, uma mera formalidade, mas a consciência de ser parte de uma comunidade, membro de um “Corpo” ao qual sente, plenamente, pertencer. Quanto emerge da Carta ao cardeal Raffaello Carlo Rossi (C. N. 10) onde aparece claro que aquele “nós” que agradece se refere àquela Comunidade reunida em Nome do Senhor da qual Ele mesmo fala no Evangelho dizendo: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles” (Mt 18,20). Uma “reunião” que será expressa exatamente na Igreja, naquela *ecclesia* que, na língua original grega, significa, precisamente: “reunião, assembleia” que se constitui em Nome do Senhor.

A Bem-aventurada Assunta cumpre com extrema atenção e cuidado, a função de governo que lhe foi designado, embora sabendo de sua “indignidade e inaptidão” e das “inúmeras dificuldades que existem” para governar uma “Congregação religiosa como a nossa” (C. N. 5). Aceita esse honroso e pesado cargo, com o sentimento da Comunhão das Irmãs com e no Senhor e para que tal comunhão possa se tornar sempre mais sólida, leal e real, até se tornar um espelho daquele edifício (*oikodomé*) que é o Corpo místico de Cristo encarnado na Igreja.

A Bem-aventurada Assunta assume a sua função de superiora geral com dedicação, mas também com desprendimento, com toda força, mas também com “castidade” sem jamais ser tentada a considerar a Congregação como uma propriedade pessoal, mas tornando-se ministra da sua coesão e do verdadeiro bem. Absoluta, aparece a sua liberdade ao deixar a função de Geral, ainda antes do término:

estando próximo o término do mandato que, em virtude da santa obediência, humildemente, vinha desempenhando no limite dos poucos dons que o Senhor me concedeu, com a presente, comunicando-lhe, me permito colocar nas mãos de V. E.

Revma a minha função de Superiora Geral da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, com sede em São Paulo (C. N. 8).

Diferente de tantos fundadores que têm dificuldade para deixar uma função proeminente na Comunidade por eles fundadas, a Bem-aventurada Assunta deixa transparecer a proximidade do seu coração ao do Apóstolo Paulo que disse: “Não temos a pretensão de dominar a vossa fé; mas o que queremos é colaborar para a vossa alegria. Pois quanto à fé, estais firmes” (2Cor 1,24).

Pode-se admirar, na Bem-aventurada Assunta uma verdadeira mulher de comunhão, também, quando se percebe em algumas de suas cartas uma certa preocupação diante de algumas atitudes de coirmãs que mais parece fruto de rebeldia que perfume de *Caritas Christi*. Ela não descuida de nenhuma das suas obrigações como superiora geral e não busca uma atitude mais cômoda, que seria a do silêncio, pois é movida pelo desejo de ver reinar entre as coirmãs aquela caridade que nas palavras do Santo fundador João Batista Scalabrini, é o “alicerce” que une as ‘diferentes pedras’, dando estabilidade ao humano edifício da nascente Congregação.

Realmente, grande é a honestidade e a franqueza com que a Bem-aventurada Assunta declara sua pequenez, para levar adiante a função que lhe foi designada como responsável do governo da Comunidade. Assim escrevia a Monsenhor Egídio Lari:

Revmo Mons. Lari, tomo a liberdade de expor a V. Revma algumas dúvidas. Monsenhor, peço que tenha compaixão de mim, sou uma pobre religiosa que, dia a dia, sinto aumentar o grande peso da responsabilidade da minha função. Conhecendo a minha incapacidade, decidi, diante de Nosso Senhor, de não fazer nada, sem consultar antes V. Revma (C. N. 6).

Com a inteligência da fé, a Bem-aventurada compreende que na Igreja, ninguém pode exercer sozinha a autoridade. Necessita-se uma “obediência” recíproca para se colaborar na edificação da Comunidade, e faz-se necessário reconhecer e desfrutar da sabedoria e da fé madura de quem é mais “velho” na fé como foi o caso de Monsenhor Lari, para a Bem-aventurada.

Aquilo que realmente a Bem-aventurada queria e sentia em seu coração era, de fato, somente a unidade e o bem futuro da Congregação, e quanto a isto ela não nutre nenhuma dúvida: “Cria, Monsenhor, não é a paixão que nos impulsiona neste ponto, mas o compromisso e o amor que temos pelo nosso Instituto”.

A Bem-aventurada Assunta, não tem medo de falar, de objetar àquilo que ela considera contrário ao ideal de vida religiosa do Instituto nascente, porque deseja ser fiel ao Carisma recebido do Fundador Scalabrini e a ela transmitido pelo zeloso Pai dos Órfãos, o venerável padre José Marchetti. Embora encontrando dificuldades, não diminuía, mas rezava e pedia conselho. Aquilo que ela deseja é o verdadeiro bem da “nossa amada Congregação”, como escreve com frequência. A Bem-aventurada tem a mesma franqueza que encontramos com frequência nas cartas paulinas e nos Atos dos Apóstolos, Madre Assunta diria, seguindo São Paulo:

Que as pessoas nos considerem como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus. Ora, o que se exige dos administradores é que cada um seja fiel [...] Vós já estais saciados! Já vos enriquecesteis! Sem nós já começastes a reinar! Oxalá estivésseis mesmo reinando, para também nós reinarmos convosco! Na verdade, parece-me que Deus nos apresentou, a nós apóstolos, em último lugar [...]. Até a presente hora, padecemos fome, sede e nudez; somos esbofeteados e vivemos errantes; esgotamo-nos no trabalho manual (1Cor 4,1-2; 8-12).

A atitude dos Coríntios devia ser particularmente previsível: cada um pensava ser melhor que os demais. Paulo os acossa com as suas perguntas: quem vos dá o privilégio de avantajarse? Não tendes, talvez, recebido cada coisa? E, então, que motivo tendes para avantajarse-vos como se o tivésseis criado vocês? O “inchar-se” de um vai em detrimento de outro e orgulhar-se é sinal de que não sabeis que tudo tendes recebido. A perda do sentido da circularidade do dom de Deus isola uma pessoa da outra, mas também do Senhor. Esta espécie de ‘caruncho de vanglória’ acabaria por destruir o Carisma que é dom para os menores entre os migrantes, razão pela qual Deus fez surgir a Congregação da qual a Bem-aventurada Assunta Marchetti é a cofundadora. Ela, como mulher sábia e pru-

dente se empenha a vigiar por uma comunidade unida nos valores e fecunda nas obras, segundo o Coração de Jesus, no qual, desde sempre, tem colocado toda a sua confiança.

O testemunho da verdadeira fé está em um fato bem preciso: a comunhão da Igreja, a unidade dos cristãos, apesar da diversidade de suas pessoas e de suas histórias. Esses devem reconhecer-se todos nascidos da única graça, linfa de vida que vem do corpo do Senhor morto por amor! Um amor que não pode senão gerar amor, amizade, solidariedade, fraternidade. Nenhum apóstolo pode fazer-se titular do amor do Senhor! Nenhum fundador, nem mesmo Paulo, foi, de fato, crucificado, mas somente o Cristo: nenhum pode, portanto, erigir um muro de divisão lá onde o Senhor colocou o seu corpo exatamente para derrubar aquele muro. Ninguém tem o direito de rasgar um vestido novo e perfeito, aquele do Senhor ressuscitado (*schísmata*: algo de compacto que seja rasgado). Com tristeza, Paulo ficou sabendo, que entre eles existiam desavenças, quer dizer invejas, ciúmes, acusações, julgamentos, desprezo de um grupo contra o outro (cf. 1Cor 3,3; Rm 1,29; 13,13; Gl 5,20). O estilo dos dias comuns, da vida ordinária, em todos os seus aspectos, deve ter desmascarado os Corintos.

5. A URGÊNCIA EUCARÍSTICA DO TESTEMUNHO

Nos documentos que temos à disposição para compreender a espiritualidade e a espessura teológica da Bem-aventurada Assunta outro elemento chama a atenção e ilumina: a centralidade da sôroridade e da unidade da Congregação, fruto que deriva da Ceia Eucarística.

Como para o Apóstolo Paulo, assim para Madre Assunta a unidade dos cristãos é condição e efeito do ágape fraterno onde se faz memória da Ceia do Senhor. Se os cristãos não forem concretamente unidos entre si, hipócrita e falsa é a Eucaristia que celebram. Estas são as palavras pesadas de Paulo:

De fato, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: Na noite em que ia ser entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo entregue por vós. Fazei isto em minha memória”. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em minha memória”. De fato, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte do Senhor, até que ele venha (1Cor 11,23-26).

O relato paulino da ceia do Senhor é o mais antigo que temos e o primeiro testemunho neotestamentário da praxe eucarística. O texto indica como após algumas décadas da morte de Jesus, as comunidades cristãs celebravam já aquela ceia como uma liturgia de ação de graças, “eucarística”. O dom do corpo e do sangue de Jesus, na ceia, antecipa o gesto da sua morte na Cruz, evidente no cálice da “nova aliança no meu sangue” (1Cor 11,25). De Moisés a Jesus: enquanto a antiga aliança se selava no sangue de animais, a nova aliança realiza-se no sangue de Cristo. A Igreja deve perpetuar a memória: “Fazei isto em minha memória”, disse Jesus.

Uma memória que reproduz o ritual da páscoa hebraica, que deverá ser celebrada como um memorial, como festa do Senhor, como rito perene (cf. Ex 12,14). E, como os hebreus consumiam a carne do cordeiro para recordar a salvação do Senhor (Ex 12,27), assim a ceia eucarística celebra o Senhor que morreu e ressuscitou para a nossa salvação. Também nisto se liga um fio histórico-salvífico entre o Antigo e o Novo Testamento. A comunidade nasce e se solidifica sobre o que a ceia do Senhor celebra: a nova aliança no corpo e sangue de Cristo; portanto, não poderá celebrar indignamente a memória daquela ceia. Trata-se de um elemento essencial da fé cristã que, de fato, é tratado com um léxico judiciário: “Quem come... indignamente será culpado contra o corpo e o sangue do Senhor” (1Cor 11,27), “Examine-se cada um a si mesmo [...] quem come e bebe sem reconhecer devidamente... come e bebe sua própria condenação” (1Cor 11,28-29).

A linguagem é a da antiga aliança, na qual à transgressão da Lei seria seguida de uma sanção. Como o hebreu tinha firmado um pacto com Deus, através do qual se tornava responsável pela fidelidade ao mesmo, assim será para os cristãos: sobre a mesa da última

ceia (pascal) foi estipulada a nova aliança – paga com a morte na cruz – e, portanto, os cristãos devem ser fiéis. Mas se o antigo Israel deveria ser fiel a uma série de proibições e preceitos, os cristãos devem ser fiéis ao mesmo Senhor que é amor gratuito para todos. Podem fazer concretamente amando os seus irmãos mais pobres, aguardando-os antes de tomar a refeição, para fazê-la junto a eles. Não o rito, mas aquilo que nele se celebra, conta; não a liturgia exterior, mas a autêntica comunhão fraterna. Gravíssima é a sanção: despedaçais o corpo de Cristo!

O discurso se encerra com um convite angustiado da parte de Paulo: “Quando vos reunirdes para a ceia, esperai uns pelos outros” (1Cor 11,33). E se ainda não estais maduros para a vida cristã, em vez de provocar um dano a vós mesmos e aos outros, ficai em casa para comer o alimento da divisão sem hipocrisia. É importante observar a delicadeza do discurso: quem fica em casa e come o seu pão particular não sofre a sanção, enquanto sofrerá o julgamento do Senhor quem participa – “indignamente” – das assembleias eucarísticas.

Esta é uma preciosa sugestão para as comunidades cristãs de todos os tempos, e, incontestavelmente, também para a comunidade das Irmãs das quais a Bem-aventurada Assunta havia assumido a função de vigiar, como superiora geral. Ela era alguém de uma objetividade extraordinária. Conhecia a si mesma e às exigências da função de ser a dirigente da comunidade que nasceu para ser expressão do amor de Deus Pai-Mãe dos órfãos, os migrantes menores e necessitados.

Madre Assunta, mulher eucarística, tinha na sacrossanta eucaristia o centro de sua forte espiritualidade. Muitas testemunhas a declararam como uma pessoa que sabia estar, também nos breves tempos livres, aos pés do tabernáculo, permanecendo com os olhos fixos em Jesus, o Esposo Divino, ao qual consagrou a vida desde jovem e para sempre! E não só. Sabia encontrar tempos mais longos e tranquilos, seja nas horas de repouso, seja tarde da noite ou de manhã cedo, para estar ajoelhada diante do tabernáculo.

Pode-se dizer com o salmista que “acordava a aurora” (Sl 108,3). Era admirável nos cuidados pela Capela, pelo altar, pelos paramentos. E não só. Cuidava das plantas do jardim, para que não faltassem flores frescas para o Esposo divino. Inculcou esta atitude também nas coirmãs da sua querida congregação (Bondi, 2007, p. 60-64).

6. O CUIDADO POR TODOS OS MEMBROS DO CORPO DO SENHOR

Em novembro de 1929 Madre Assunta se encontrava em visita à comunidade de Bento Gonçalves, RS, quando escreveu uma carta à Ir. Imaculada Mileti e conselho, na qual se evidencia o pensamento de fundo da Bem-aventurada: a sua constante preocupação com as Irmãs para que fossem animadas por sentimentos de caridade, de paz, com espírito de sacrifício e de zelo para o bem e a saúde de todas.

Assim escreveu:

Sem sacrificio não se pode fazer o bem ao próximo e muito menos se pode fazer se não tivermos caridade entre nós; mas esperamos que esta não venha a faltar entre nós. Com união e caridade tudo se suporta, todas as cruces pesam menos. Agora desejaria saber sobre Ir. Rafaela e Ir. Carolina; em uma carta, eu perguntava sobre elas, como estava a saúde delas, mas nada me foi respondido; gostaria saber algo sobre elas. Estou feliz que as Irmãs tenham melhorado, agradeçamos a Jesus e Maria. Saudações a todas as Coirmãs, particularmente à Ir. Angelina e a toda a Comunidade do Pari e de Vila Prudente; recebam também saudações desta Comunidade, de Ir. Borromea, das Novícias e postulantes. Rezem por mim, Deus a abençoe (C. N. 12).

A superiora geral insiste sobre a caridade, sobre a unidade entre as coirmãs porque se estas virtudes faltassem na Congregação, não faltaria um elemento de pouca importância, mas o essencial para a beleza histórica do Instituto que ela reconhecia como maravilhoso dom de Deus. Faltaria também o testemunho da fé cristã, pela qual o Instituto nasceu e continuava a viver e a crescer.

A postura da Bem-aventurada Assunta foi sempre aquela de uma mãe preocupada em fazer o bem e de custodiar as suas irmãs: na Carta a Monsenhor Lari (C. N. 7) escreve: “todas as Irmãs trabalham e têm boa vontade, mas não posso sacrificá-las mais”. Procurava persuadir Monsenhor a não calcar a mão sobre o empenho das Irmãs, pedindo a elas de sustentar só em duas, as exigências

de uma Comunidade. Um tema muito ouvido ainda hoje pelo que – por falta de Irmãs – se arrisca de invalidar a qualidade e a paz da vida religiosa, sacrificando-a às exigências materiais que, às vezes, são propostas pelos superiores.

A superiora geral não queria que se exigisse muitos sacrifícios das suas Irmãs, pois a saúde delas – do corpo e da alma – era a sua maior preocupação. O mesmo intenso cuidado que Moisés tinha para com Israel, fortemente provado pela fome e pelo cansaço no longo e intransitável caminho, através do deserto.

Assim Moisés expunha queixa a Deus:

Moisés ouviu o povo que se lamentava em todas as famílias, cada uma à entrada de sua tenda. Então o Senhor inflamou-se de grande ira, e Moisés muito aflito disse ao Senhor: “Por que maltratas assim teu servo? Por que gozo tão pouco de teu favor, a ponto de descarregares sobre mim o peso de todo este povo? Acaso fui eu quem concebeu ou deu à luz este povo? [...] Onde conseguirei carne para dar a toda esta gente? Pois se lamentam contra mim, dizendo: “Dá-nos carne para comer!”. Já não posso suportar sozinho o peso de todo este povo: é grande demais para mim (Nm 11,10-14).

Na sua primeira carta circular à Congregação em 1927, expressou a sua confiança e a sua grande esperança na cooperação das coirmãs:

Nesta minha aceitação, me sorri uma grande esperança: a cooperação leal, pronta e generosa de todas as minhas boas Coirmãs e sobretudo das Superiores de cada Casa. Uma tormenta inominável procurou arrastar-nos e engolir-nos. Fomos salvos por milagre e podemos dizer que neste duro risco, que foi a prova de fogo, o bom Deus nos deu um sinal visível da sua admirável proteção. Agora, trata-se de estreitar-nos todas em um doce vínculo de caridade e – esquecendo um triste passado – tomar o nosso caminho, ou melhor, recomeçar uma vida nova (C. N. 11).

Outro fundamento e pilar bíblico e teológico da fé da Bem-aventurada Assunta é o seu conceito de Congregação, quer dizer,

daquele “membro” da Igreja, onde cada Irmã é chamada a cooperar para o bem de todas e onde as superiores de cada comunidade colaboram com humildade e sacrifício, coragem e empenho, dentro de uma obediência que não é submissão, mas fiel construção do único Corpo de Cristo.

Assim escreve:

Cada Superiora, pois dirija a sua Comunidade, com tal clareza e conformidade com as Santas Regras e os costumes da Congregação, como se devesse de um dia a outro deixar a sua função à voz da Santa obediência. Clamo humildemente, e com toda caridade a atenção sobre este ponto muito essencial à boa ordem, para não incorrer em dolorosos mal-entendidos e amargas decepções. Conto muito, minha bem-amada Coirmã, com sua prudência, bondade e caridade e me congratulo com a sua firmeza e santo Espírito de sacrifício (C. N. 11).

A geometria de uma Igreja “poliédrica”, sinodal e não piramidal antecipa a ideia proposta pelo Pontificado do Papa Francisco e realizada através dos recentes Sínodos da Igreja Católica (2023, 2024).

Devemos, então, reconhecer que seja o Papa, seja a Bem-aventurada se inspiraram, uma vez mais, na Palavra de Deus e na doutrina paulina. Perfeito, é de fato o quadro delineado por Paulo no capítulo doze da Primeira Carta aos Coríntios: A Igreja é o Corpo de Cristo, comunhão de tantos carismas diferentes que são os membros.

A respeito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que vivais na ignorância. [...] Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes atividades, mas é o mesmo Deus, que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos. A um, é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria: a outro, uma palavra de conhecimento, segundo o mesmo Espírito. A outro é dada a fé, pelo mesmo Espírito. A outro são dados dons de cura, pelo mesmo Espírito. A outro, o poder de fazer milagre. A outro, a profecia. A outro, o

discernimento dos espíritos. A outro, a diversidade de línguas. A outro, o dom de as interpretar. Todas essas coisas as realizam um e o mesmo Espírito, que distribui a cada um conforme quer. Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito (1Cor 12,4-13).

Os carismas são comparados aos membros do corpo de Cristo. Ele é como o corpo: formado daqueles membros que são os cristãos com seus carismas. No final, Paulo dirá: “Vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo” (1Cor 12,27). Cristo é, portanto, a realidade onde a multiplicidade dos membros constitui um único corpo. O léxico batismal, associa a água ao Espírito: com a qual fomos dessedentados. Trata-se de uma experiência interior que nos lembra o Batismo cristão: “Vós que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus” (Gl 3,27-28).

Paulo considera todos ‘imersos’ naquele único batismo que fez superar as adversidades, graças à ação do Espírito. O corpo, portanto, é formado por muitos membros. E cada um tem necessidade do outro. Com uma espécie de diálogo imaginário entre os vários membros, Paulo quer chegar à raiz das divisões, que muitas vezes, é a pretensão de ser mais ricos de carismas que os outros ou de ter o carisma melhor. Mas, como poderia um carisma substituir o outro? A comparação é a do olho com a orelha: se todo o corpo fosse olho, como poderia escutar? Deus mesmo, que criou o corpo, distinguiu os membros como quis.

Nenhum membro pode dizer que não necessita do outro, precisamente, em virtude da sua diversidade. Aquilo que o outro tem eu não tenho, deveria pensar também o ‘corpo’ da Comunidade que, ao contrário, tende a se dividir. Nesta indispensável reciprocidade os membros mais fracos ou mais delicados merecem um cuidado mais intenso, exatamente, como se faz com os membros mais delicados do corpo. Mas tem mais: também os membros “indecorosos”

são objeto de atenção, antes, de maior atenção. Para compreender e realizar um verdadeiro Corpo eclesial vivente não bastam os carismas, nem os relativos ministérios, não bastam, enfim, nem mesmo os dons do Espírito, mas é necessário um “caminho”, um modo de partilhar e conceber-se como parte uns dos outros: trata-se da caridade, do amor.

O amor é dom e sabedoria, ao mesmo tempo; graça do Senhor ressuscitado, mas também esforço, fadiga, suor, inteligência dos cristãos. A Igreja, em suas comunidades, é chamada a decidir por um método, a fim de que os carismas não sejam gastos, ou transferidos em fins idolátricos. O amor é o método de formar a Igreja que Paulo propõe. E é aquele que a Bem-aventurada Assunta acolhe, deseja, ama e procura construir “com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças” (Dt 6,5) durante toda a sua vida: daquela de simples religiosa consagrada, àquela da sua função de Madre Geral da Congregação. Isso é fruto, antes de tudo, da ação do Espírito que a plenifica com grandes carismas, mas também com seus talentos humanos que, muito bem são individuados e descritos na Perícia caligráfica de Padre Nazzareno Palaferri:

A inflexibilidade da vontade, é talvez, a qualidade moral que mais sobressai nela, com o mérito de não ser fruto de convencionalidade de um super-eu, mas de virtude, porque racionada e razoável, de fato, não a torna tão rígida e inflexível, mas a faz ser mais mansa – sem frouxidão ou fraquezas nos confrontos com os demais. Realmente, as pessoas irracionalmente inflexíveis, carecem de sentimento; são rígidas sobre si mesmas e sobre os outros, mas em geral, mais sobre os outros que sobre si mesma. Em relação a si mesma, também é inflexível no aspecto da disciplina interior e exterior. Isso faz com que siga normas, diretrizes e ordens, sem protestos ou sentido de rebelião. Sendo isso fruto de mentalidade, não concebe nem mesmo a possibilidade do contrário. Desta força interior, alcança um forte espírito de superação das dificuldades internas e externas, pelo que, está em condições de ser como que, superiores às suas mesmas energias físicas, demonstrando que nela as energias do espírito potencializam também aquelas fisiológicas. É obvio que este complexo de qualidade se torna também capacidade de dirigir e governar o grupo do qual faz parte.

A MODO DE CONCLUSÃO

Entre as muitas testemunhas encontradas na Positio, preparada acuradamente, pela Postuladora, Irmã Laura Bondi, mscs, encontramos inúmeras testemunhas que descrevem a protagonista deste elaborado teológico-bíblico, como uma mulher forte, que soube sempre unir a firmeza à mansidão e a doçura total.

Lemos no livro das Virtudes da Serva de Deus, que ela foi:

uma apóstola da caridade; conforto dos enfermos; socorro para as famílias da vizinhança tanto em Camaiore como no Brasil; religiosa exemplar que agia sempre de modo a ganhar tempo para depois ajudar as outras, no trabalho. Era observante fidelíssima das normas que respeitava, como expressão da santa vontade de Deus e não com mero servilismo; religiosa discreta, que sabia sempre colocar os outros em primeiro lugar; exemplar no servir, sem perder a dignidade da função que ocupava, sem a menor ostentação. Assunta foi uma religiosa dotada de energia, firmeza de espírito, grande lealdade, caridosa franqueza, humilde, sem arrogância, de voz suave. A bem-aventurada Assunta foi uma religiosa de sublime piedade e que diante de Jesus eucarístico se transfigurava (Bondi, 2004, p. 267-268).

Por natureza, tinha uma forte personalidade, mas atestam muitos testemunhos e o grafólogo, padre Palaferri, que ela soube dominar a sua tendência natural e usar a energia para uma vida fecunda de bem, de obras de caridade. Isso que lemos e contemplamos, neste breve artigo teológico-bíblico, é um pouco desta santa mulher, missionária de São Carlos Borromeo. A Bem-aventurada Assunta Marchetti é a Cofundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas.

Por esta razão, os teólogos do Dicastério das Causas dos Santos a declararam uma religiosa de virtudes heroicas em 17/9/2010 e, o Papa Bento XVI, a declarou venerável, em 19/12/2011 e, em 14/02/2013, foi aprovado o milagre obtido por sua intercessão.

Depois disto, o Papa Francisco, declarou-a digna de ser beatificada. Assim que, em 25/10/2014 aconteceu a celebração litúrgica da Beatificação na Catedral Metropolitana, Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, Brasil.

Referências bibliográficas

BIBBIA DELLA CEI, 2008.

BONDI, Laura. **Le virtù della Serva di Dio, Madre Assunta Marchetti**. São Paulo: Loyola, 2004.

BONDI, Laura. **Madre Assunta Marchetti. Una vita Missionaria**. Brasília: CSEM, 2011.

FRANCESCONI, Mario. **Una donna forte**. Bergamo, 1974.

PALAFERRI, Nazzareno. **Analisi su grafia di Madre Assunta Marchetti (1871-1948)**. Instituto grafologico “G. Moretti”. Urbino, 1995. Tradução de Laura Bondi.

Série das cartas de Madre Assunta Marchetti citadas na reflexão bíblica-teológica:

C. N. 1 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Mons. Giovanni Battista Scalabrini. IL 28/01/1900.

C. N. 3 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Padre Faustino Consoni. IL 21 gennaio 1921.

C. N. 4 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Padre Faustino Consoni. IL 13 settembre 1921.

C. N. 5 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Mons. Egidio Lari. IL 29 luglio 1927.

C. N. 6 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Mons. Egidio Lari. IL 7 settembre 1927.

C. N. 7 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Mons. Egidio Lari. IL 20/10/1927.

C. N. 8 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Mons. Benedetto Aloisi Masella. IL 25 aprile 1933.

C. N. 10 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Card. Raffaello Carlo Rossi. IL 18 luglio 1934.

C. N. 11 – Circolare alla Congregazione di Madre Assunta Marchetti. IL 8 settembre 1927.

C. N. 20 – Lettera di Madre Assunta Marchetti a Suor Xavier e consorelle. IL 19 agosto 1939.

C. N. 21 – Lettera di Madre Assunta Marchetti alla sorella Elvira. IL 16 marzo 1927.

C. N. 23 – Lettera di Madre Assunta Marchetti alla sorella Maria Luisa – Marieta. IL 19 marzo 1943.

2

CARTAS DE MADRE ASSUNTA MARCHETTI



INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS E ORAÇÕES

A Bem-aventurada Assunta Marchetti não deixou nenhuma obra escrita devido a sua limitada escolaridade. Dela temos dois relatórios dos seus dois períodos de governo geral, duas circulares à Congregação e uma discreta correspondência. As cartas que chegaram até nós são um total de 393. Os destinatários das mesmas são:

- Dom João Batista Scalabrini;
- Padre Faustino Consoni;
- Diferentes personalidades eclesiásticas;
- Superiores provinciais, mestras das noviças e outras Irmãs;
- Familiares: irmãs, cunhados, sobrinhos.

As cartas em português foram, preferencialmente, traduzidas para o italiano; aquelas que tinham a tradução incluída foram trazidas com pequenas correções gramaticais, por exigências linguísticas, mas, tanto em um, como em outro caso, houve o cuidado de ser fiel ao conteúdo original. As que nos chegaram na língua italiana, foram copiadas fielmente, exceto algumas palavras que não eram legíveis.

Os escritos da Bem-aventurada, se considerados à luz dos princípios da fé, da Igreja, dos bons costumes, das obrigações do próprio estado, não apresentam elementos refutáveis, como se expressaram os teólogos censores. Tudo nela expressa respeitosa dependência, humildade e desejo de comunhão. Apresentam, ainda, outras características: o equilíbrio, a prudência, a reflexão, a sinceridade, a ausência de qualquer sombra de conveniência, de fofocas, de busca de si e de vaidade. Percebe-se, ainda o recolhimento, a compostura

interior, a adesão incondicional à santa vontade de Deus e a fé irremovível em um Deus que vê e provê.

Às vezes se evidencia, também, uma particular consistência psicológica, sustentada constantemente por uma energia capaz de dominar tudo o que pode dificultar a afirmação da justiça, da verdade e enfraquecer as atitudes próprias de uma vida religiosa coerente.

A Bem-aventurada Assunta, através de seus escritos, com estilo muito elementar, revela alguém que sabia sempre o que queria, ou seja, uma pessoa convicta e convincente. Ela sabia manter-se fiel ao essencial, à renúncia daquilo que é marginal e superficial. Às vezes, sua acentuada sobriedade aproxima-se a um tom austero, um pouco severo, quase sempre abrandado e serenado por uma abundante dose de equilíbrio que, nunca se contradiz. Os escritos não possibilitam entrever canetadas impulsivas: a escritora é constante em enfrentar, com ponderação, as diferentes situações, nem sempre fáceis no decorrer de sua longa existência. Esta ponderação garante a ausência de contradições. Assunta não conhece o voltar-se sobre si mesma, aquele voltar-se que, poderia até ser justificado, em tantos momentos de sua vida: seu autocontrole é tal de causar, muitas vezes, admiração.

Ela sabe estar sempre em sintonia com o ambiente e com as pessoas, sem se deixar, de nenhum modo, se sobrepor a eles. Transparece uma certa tendência à inflexibilidade, que desemboca, geralmente, na benevolência, na magnanimidade. No complexo, os escritos da Cofundadora delineiam uma criatura clara, profundamente linear, psicologicamente consistente, estável no tempo, ordenada interiormente e exteriormente humilde, no sentido mais cristão da palavra, mas de uma humildade complexa, pela qual, enquanto se define: a vossa humilde serva – conclui de fato assim, muitas de suas cartas – sabe sempre ser senhora respeitável: dos acontecimentos, da história e, também, de quantos são destinatários do seu amoroso e gratuito serviço.

1. CARTA AO FUNDADOR MONS. JOÃO BATISTA SCALABRINI

C. N. 1

São Paulo, 28 de dezembro de 1900.
Proc., Vol. XV, ff. 10-13.

Carta de valor histórico, porque, de modo iluminado e enérgico, a humilde Bem-aventurada defende a identidade da Congregação, no tempo da tentativa de Dom Giovanni Battista Scalabrini de fundir a congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo com a das Apóstolas do Sagrado Coração.

Excelência,

transcorre o sexto ano de que foi fundado, na cidade de São Paulo, pelo falecido missionário, Padre Giuseppe Marchetti, o orfanato Cristóvão Colombo, orfanato que assumiu o desenvolvimento e importância previstos pelo seu milagroso fundador, encontra-se atualmente a altura de uma função que desperta admiração e encanto, tanto nos nacionais como nos estrangeiros. As humildes, abaixo-assinadas, chamadas a colaborar com seu trabalho a uma obra de tamanha caridade e importância, atenderam ao apelo e com o consentimento e aprovação de V.E. Ilma. aceitaram o véu e se submeteram às regras que lhe foram dadas primeiro pelo falecido Padre Marchetti e depois renovadas pelo seu sucessor, o Digníssimo Padre Faustino Consoni, tomando ao mesmo tempo o nome de Irmãs da Caridade da Congregação de S. Carlos de Piacenza. Suas regras foram escritas seguindo as pegadas das de São Francisco de Sales, por ordem e desejo de V. Excia e assim, aceitas e seguidas escrupulosamente pelas humildes Irmãs que assinam esta carta.

Em seis anos de vida dedicada totalmente ao bem dos infelizes orfãozinhos e à oração pelos benfeitores e para a salvação de nos-

sas almas, não houve de nossa parte nada que desmerecesse a estima de nossos Superiores, ou tivéssemos, por um único momento, abandonado o campo de trabalho, para nós sempre suave, porque necessário. Uma nossa querida Irmã perdeu a vida na árdua missão e outra, pode-se dizer que perdeu a saúde; mas não houve um só lamento, nenhuma recriminação, nem um desejo jamais saiu dos lábios de nenhuma de nós que buscasse obter mudança ou melhora de vida. Sempre se fez e se buscou em tudo, fazer a vontade de Deus. Após a morte do saudoso Padre Marchetti, que foi sucedido pelo Padre Consoni, fomos chamadas a renovar os nossos votos para torná-los perpétuos e foi naquela ocasião que se uniram a nós três novas irmãs professoras, depois de um longo tempo de experiência. Depois parecia que cada coisa seguisse pelo seu caminho, foi nomeada superiora a mais humilde das aqui abaixo assinadas, e nunca entre nós houve qualquer tipo de distinção, ou de preferência nos trabalhos. Disto podem testemunhar os mesmos Padres Consoni, Simoni e Dotto que tiveram maior tempo para conhecer o espírito de que fomos sempre animadas e as nossas tendências para o bem e a prosperidade do Instituto.

Foi pela metade do ano que agora está por terminar que se começou ouvir dizer sobre a vinda de novas irmãs nossas da Itália, e nós recebemos a notícia com satisfação, ou melhor, com entusiasmo, seja porque nos viria, em tempo oportuno, uma poderosa ajuda, e seja porque, de tal fato se intuía o desenvolvimento progressivo deste orfanato que nós vimos construir, crescer, animar, encher de crianças, e finalmente, tornar-se uma obra digna de ser admirada e premiada pelo mundo inteiro, depois de ter superado os obstáculos da fome, das privações, da incredulidade humana, das perseguições naturais, etc. No p. p. mês de setembro chegaram as novas Irmãs e nos foi prazeroso recebê-las e abraçá-las com aquele afeto fraterno que é o símbolo da harmonia e do amor alicerçado no verdadeiro espírito de sacrifício.

Mas, infelizmente, nossa alegria foi de curta duração. Soubemos que as ordens de V. E. Rev.ma golpeavam a mais querida lembrança as humildes abaixo-assinadas: veio-lhes imediatamente

imposta outra superiora entre as novas chegadas, demitindo da sua função aquela que não tinha jamais ambicionado nem desejado a distinção que lhe fora feita. As coisas não pararam por aqui: é necessário, foi-nos dito, trocar os velhos votos pelos novos, fazendo novo noviciado e trocando hábito e regras. E aqui começaram as dolorosas dificuldades.

Excelência! É com o coração dilacerado pela dor que nos dirigimos a V.E. Rev.ma lançando-nos aos vossos pés e implorando toda a vossa proteção. Com que coragem podemos e devemos nós, depois de seis anos de vida passados na observância das nossas leis e com o nome do qual nos honramos e gloriamos, ou seja, aquele de S. Carlos Borromeo, abandonar e perder a memória das nossas fadigas e as regras com as quais fomos chamadas a fazer parte da Congregação? Com que espírito informado pela justiça, pode-se pretender que nós, sustentadas até agora na nossa ordem, renunciássemos a todo um passado de amor pelos orfãozinhos e de glória para nossa Congregação?

Com qual lei humana pode-se nos impor um sacrifício pelo qual, renegando um passado espinhoso sim, mas abençoado por Deus e pelos homens, devêssemos enfrentar um futuro no seio de uma nova família obscura, não solicitada nem escolhida por nós?

Excelência! Persistindo nas ordens dadas e continuando a querer o que nos vem referido pelos Superiores locais, ou seja, a renúncia à Congregação de S. Carlos, nós não podemos responder senão abandonando este orfanato, para buscar consumir o que resta da nossa vida em outras obras de caridade. Mas, será este um caminho seguro para nós? e o nosso futuro poderá deixar tranquila a consciência de quem nos quer colocar ao poder do acaso?

Não! E a justiça de V. E. Rev.ma. fará vibrar as cordas do seu coração para proteger-nos, ajudar-nos e deixar que continuemos a gastar a nossa vida pelo bem dos orfãozinhos, para ganharmos, com as mais duras fadigas, os mais cruentos sacrifícios, os mais pungentes espinhos, a paz e a glória da vida futura.

Com tal esperança esperamos confiantes as disposições de V.E. Rev.ma que, como nosso Pai e Supremo Superior, desejará também abençoar-nos.

Seguem as assinaturas:

Irmã Assunta Marchetti,

Irmã Maria Franceschini,

Irmã Maria Bassi,

Irmã Camilla Dal Ri,

Irmã Maria das Dores,

Irmã Angela Meneguzzo,

Irmã Clarice Baraldini,

Postulante Luigia – Micheletto.

Oração: Guia-nos, Senhor!

Guia-nos, Senhor, pelo amor do teu nome!

Guia-nos a todo instante, Senhor, porque a nossa alma é imprudente e nos encontramos abatidos por ventos impetuosos que agitam o nosso mar e ameaçam a nossa frágil embarcação...

Guia-nos, Senhor, porque somos farinha facilmente vulnerável, e arriscamos de não acolher em nós o Teu fermento, aquele bom que transforma em pão a nossa massa informe...

Guia-nos, Senhor, a fim de que reconheçamos em ti Aquele que nos ama e não permite, senão quanto é para o nosso bem!

Guia-nos com a força do teu amor porque não temos senão Tu como farol luminoso nas longas noites dos nossos males profundos, e respiramos amor, vivemos amor, nos tornamos amor!

Anônimo



2. CARTAS AO PADRE FAUSTINO CONSONI

C. N. 2

Nova Bréscia, 11 de setembro de 1920.

A bem-aventurada Assunta expressa seu sentido reconhecimento pelos votos expressos pelo padre Consoni por ocasião de seu onomástico e promete rezar por ele. A seguir, com muita dor, relata-lhe o abandono da vida religiosa por uma das coirmãs.

Revm. Padre Faustino.

Perdoe-me a demora em responder à sua apreciadíssima carta, mas creia não foi negligência, mas minhas muitas obrigações que me impediram. Antes tarde do que nunca!

Agradeço, em primeiro lugar, os votos que me desejou pelo dia da Assunta. A recompensá-lo por tanta bondade se encarregará o Doador de todo bem. A mim só me resta agradecer-lhe e rezar muito pelo senhor.

Sinto com amargura a triste notícia da pobre, antes infeliz Irmã Tereza. Isso eu pensei que iria acontecer, como o senhor sabe, há tempo ela nutria no coração este desejo. Não foi falta de adverti-la, fizemos o que estava ao nosso alcance para dissuadi-la deste pensamento. Se agora decidiu sair, pior para ela. Rezemos, porém, para que antes que perca a alma, que o Senhor a leve consigo ao Paraíso.

Minha mãe me escreveu que o senhor, Revmo. Padre, vai visitá-la frequentemente, e eu lhe agradeço por isso, e, sempre que puder fazê-lo, será um favor para mim.

Nós aqui estamos bem, graças ao bom Deus. A Divina Providência nos ajuda bastante, aliás não merecemos tanto. O povo continua a nos amar e respeitar.

Nossa maior alegria é saber que agora o nosso noviciado continua bem com a bênção do Senhor Deus. Também o senhor, Revmo. Padre reze, para que o Senhor continue a nos abençoar.

Talvez já saiba, por minha mãe, que morreu o meu tio Domingos, da Argentina. A Elvira me escreveu que teve a morte de um santo. Deus o tenha na glória, rezemos por sua alma.

As Irmãs de Guaporé pelo que sei, têm muito trabalho, porém estão bem.

Padre, não seja tão avaro conosco, dê-nos suas notícias, escreva-nos com mais frequência, pois suas cartas nos são motivo de consolação. Termino, pedindo saudar, por mim, o Irmão José.

Receba respeitosas saudações das Irmãs daqui. E me recomendo calorosamente às suas orações. Minhas saudações e lhe suplico a bênção. Sua Gratíssima Coirmã em Jesus Cristo.

Oração para pedir ajuda

Como Nicodemos me aproximo de ti, de noite,
favorecido pela cumplicidade das trevas...

Tu, vento impetuoso e vigoroso,
sacuda-me do quotidiano torpor,
renova a vida a este corpo que envelhece,
dá-me um coração novo.

Como na origem do universo,
sopra onde e como queres sobre mim,
criatura informe,
para modelar-me à tua imagem.

Renascido de novo do alto,
com cantos, despertarei novas auroras.

Valentino Salvoldi



Nova Bréscia, 21 de janeiro de 1921.
Proc., Vol. XV, f. 33.

A Bem-aventurada comunica boas notícias a seu respeito. Manifesta a sua certeza de que as cruzes e tribulações são próprias da peregrinação neste mundo e, expressa a certeza de que, obedecendo se faz o que é a vontade de Deus. Fala, também, do seu vivo desejo de concluir a vida entre os órfãos.

Revm. Padre Faustino,

recebi com muito prazer a vossa agradabilíssima carta, datada de 2 do corrente mês e, de coração lhe agradeço pelas felicitações do novo ano. Agradecendo o bom Deus, gozo de boa saúde e o mesmo lhe desejo.

Embora em meio a cruzes e tribulações, estou contente e agradeço ao Senhor que me faz sofrer neste mundo, para me poupar depois, na eternidade.

Aceito os seus sábios conselhos e procurarei, enquanto dependa de mim, colocá-los em prática. Agradeço-lhe infinitamente e peço me recomendar muito ao Senhor, para que me conceda força, coragem e resignação à sua Santa Vontade. Parece-me impossível que o Senhor não escute meus desejos de me deixar morrer entre os órfãos. Oh! Padre, isto eu desejo de coração e é o único objeto dos meus desejos. Mas se o Senhor não me atender, nem por isso me desespero, porque sei que, obedecendo, faço a vontade de Deus.

Sempre que quiser me consolar um pouco com alguma carta, não duvide, lhe serei sempre muito reconhecida. Por enquanto, não deixarei de recomendá-lo ao bom Deus, esperando o mesmo de sua parte. As Irmãs daqui lhe mandam muitas saudações. Termino pedindo-lhe a bênção e beijando-lhe, respeitosamente, a mão direita.

Vossa, deveras obrigada e profundamente reconhecida [...].

Queira apresentar minha saudação a todos os reverendíssimos Padres e ao Irmão José.

Reflexão sobre a caridade

A caridade torna suave o jugo
e tão leve o peso da lei e da vida,
que semeia com algumas flores
o fatigoso caminho deste exílio,
que é o bálsamo de tantas chagas,
o refrigério de tantos corações:
a caridade, que unida ao maior e primeiro
preceito do amor de Deus nos encaminha,
pobres peregrinos, à obtenção daquela pátria
em cujo limiar imortal, a fé e a esperança nos deixarão,
e onde somente a caridade entrará para reinar.

A caridade que é a grande lei do cristianismo,
que deve resplandecer na nossa frente
e ser árbitra e senhora do nosso coração,
requer de nós algum sacrifício,
sacrifício que não podemos
negar aos nossos irmãos,
sem tornarmo-nos culpados de
uma imperdoável dureza,
sem desmentir, com fatos, o título de cristão
do qual merecidamente nos gloriamos.

São João Batista Scalabrini



Nova Vicenza, 13 de setembro de 1921.

Proc. Vol. XV, f. 35.

A Bem-aventurada Assunta expressa aqui os sentimentos de gratidão ao Padre que a recordou em seu onomástico. Deixa transparecer sua humildade e total adesão à vontade de Deus. Solidariza-se com a dor pelas várias dificuldades com as que P. Consoni enfrenta na sua missão.

Revdo. Padre Faustino,

apenas ontem recebi sua apreciadíssima cartinha. Agradeço, infinitamente, os cumprimentos que V. Revma. se dignou enviar-me pelo meu onomástico. Agradeço-lhe, de modo especial, as orações que V. Revma. fez por mim naquele dia. Sou uma pobre religiosa, não mereço ser tão recordada. Somente sua bondade pode manifestar tanta delicadeza a meu respeito. O Senhor lhe retribua, com Seus mais preciosos favores celestes.

Entendi tudo quanto V. Revma. me dizia na sua apreciadíssima (carta). Fiquei muito consternada, embora indignamente, não deixei, nem deixarei de recomendá-lo ao bom Deus, sobretudo na S. Comunhão, a fim de que o assista no seu fatigoso apostolado.

Eu, graças ao Céu, estou muito bem e feliz, onde a obediência me quer.

Retribuo, de coração, os cumprimentos de Bartolomeu, Orlando, José, Policarpo e todos. Queira estender as minhas reverentes saudações ao Revdo. Padre Enrico, Padre Marco, Padre Stefani e Padre Sblandiano. Estendendo os meus respeitosos cumprimentos, unidos aos das Irmãs e, suplicando sua santa bênção, me confirmo (sic) de Sua Ilma. e Revma. deveras obrigada e, muito agradecida, em Jesus Cristo [...].

Para refletir sobre a inquietação humana...

Desejar momentos ou lugares onde não exista a dor,
onde não se encontre a separação e nos quais
a inquietação humana se transforme em paz interior,
mas esta, frequentemente,
é uma expectativa irreal.

Nenhum amigo, nenhum amante,
nenhum marido,
nenhuma mulher,
nenhuma comunidade,
nenhuma comunhão poderá jamais
apagar o mais profundo
desejo de unidade e de plena completude.

J. M. Nouwen



3. CARTAS A DIFERENTES PERSONALIDADES ECLESIAÍSTICAS

C. N. 5

**Carta a mons. Egidio Lari,
São Paulo, 29 de julho de 1927. Cópia em AGSS 1.5.4.**

Nesta carta a bem-aventurada Assunta comunica ao Visitador Apostólico, Mons. Egidio Lari a aceitação da sua nomeação como superiora geral. Sublinha o conhecimento de si e as dificuldades de bem governar a Congregação, mas se confia inteiramente ao Sagrado Coração de Jesus, como disse em outra carta. Pede humildemente orações.

Ilmo. e Revmo. Monsenhor Lari,

recebi sua apreciadíssima carta de 21 de julho p. p. Peço perdão, Mons., se demorei um pouco em responder. Tratando-se de tão grande responsabilidade que as reverendas Irmãs, minhas coirmãs, querem me confiar, tomei alguns dias para refletir e rezei ao bom Deus para que me iluminasse.

Conheço, Revmo. Mons. minha indignidade e inaptidão e, conheço também, as inúmeras dificuldades que existem, no governo de uma Congregação religiosa, como a nossa. Mas confiando no Senhor e recebendo de Suas mãos este chamado, humildemente aceito e, desde este momento, Revdo. Monsenhor, coloco-me à sua disposição.

Pedindo sua S. Bênção e o poderoso auxílio de suas fervorosas orações, declaro-me de V. R. Ilma. Serva e Filha [...].

Oração: O Senhor vem em nosso auxílio

Cada dia que começa, cada aurora que retorna
e nos anuncia uma nova possibilidade,
nós estamos apreensivas e cheias de esperança:
Apreensivas porque reconhecemos os nossos limites;
cheias de esperança porque o nosso coração
não se cansa de buscar e esperar o melhor.

Mas é só contigo que podemos vencer!
E então, pedimos com confiança a ti Senhor:
seja sempre Tu a nos guiar! Tu a cuidar de nós,
quando entramos em nossa pobre barca,
apertados por todos os lados
por ondas que ameaçam arrastá-la!
Salva-nos, cada dia de novo, Senhor!

Anônimo



C. N. 6

**Carta a mons. Egidio Lari,
Vila Prudente, 7 de setembro de 1927. Proc., Vol., XV, f. 99.**

*A Bem-aventurada, antes de apresentar algumas
questões e dúvidas, mostra quanto a responsabilidade
do cargo assumido lhe seja pesado e quanto seja
forçada a fazer experiência dos seus limites pessoais.*

*Revela, também, sua fé de que, na submissão
incondicional ao Visitador Apostólico, vê a garantia
da fecundidade de suas humildes ações.*

Rev.mo Mons. Lari,

tomo a liberdade de expor, a V. Revma., algumas dúvidas. Mons., peço que tenha compaixão de mim, sou uma pobre religiosa que, dia a dia, sinto aumentar o grande peso da responsabilidade do meu ofício. Conhecendo a minha incapacidade, decidi, diante de nosso Senhor, de não fazer nada, sem consultar antes V. Revma.

Exponho aqui algumas dúvidas e, agirei em tudo, segundo a solução que V. Revma. me dará. Cada conselho, será para mim, uma ordem.

1º Conforme a Regra da nossa Congregação, a Superiora Geral deve ser assistida por quatro Conselheiras e por uma Ecônoma Geral. Posso proceder a esta eleição?

2º A Madre Geral, tendo motivo sério e justo, pode transferir de Casa ou de Província uma Irmã, sem a permissão do Ex.mo. Visitador? ou deve fazer o pedido a ele e esperar a permissão?

3º A Madre Geral tem todos os direitos no Governo da Congregação conforme dizem as Constituições da nossa Congregação?

4º De quem dependem as nossas Casas (do Ordinário do lugar)?

Mons., digne-se de pedir a Deus, para quem, humildemente, pede Vossa Bênção.

Grata serva em Jesus Cristo [...].

Senhor Jesus, vinde em meu auxílio

Senhor Jesus, não me deixe sozinha quando soffro.
Conheces a minha fraqueza diante da dor.
Sabes que está além das minhas forças.

Sozinha não posso suportar a cruz
que a vida me tem carregado.
Minha dor, contigo se ilumina e
tem um sentido.

A minha cruz contigo se transforma em Amor!
Obrigada Senhor, pelo muito que me amas!
Aleluia!

Autor desconhecido



C. N. 7

**Carta a mons. Egídio Lari,
Vila Prudente, 20 de outubro de 1927.
Proc., Vol. XV, f. 105.**

Esta carta revela a reta intenção e a prudente sabedoria do proceder da Bem-aventurada Assunta Marchetti. Ela deseja que na Congregação se respeitem as regras; que haja colaboração entre todas as coirmãs, ajudando-se mutuamente. Reconhece, humildemente, a dificuldade de estabelecer boas relações com quem não quer obedecer; e recorre à ajuda do visitador Apostólico a quem, humildemente, se submete e obedece.

Rev.mo Mons. Egídio Lari,

retornando de minha viagem a Atibaia e Itatiba encontrei vossa apreciada carta de 9 deste mês. Sensibilizada, agradeço pela solícita comunicação que V. Revma. nos fez desde Roma. Deus, nosso Senhor, para quem unicamente trabalhamos, recompensará, também, esta sua caridade. Sobre o meu vivo desejo de expor, pessoalmente, a V. Revma. minhas dúvidas, decidi esperar a resposta das minhas cartas que escrevi à Revma. Superiora Provincial, do Sul, pedindo um relatório das diversas casas do Sul, tanto da parte moral como material. Por agora, me limito apenas a pedir a V. Revma. que não permita novas fundações de Casas da Congregação no Sul, antes de haver reforçado as já existentes.

Não sei se é verdade, mas ouvi dizer que existem três comunidades da nossa Congregação, compostas somente de duas Irmãs, eu não posso permitir que se forme comunidade que não possa observar a S. Regra. Morei no Sul por quatro anos, conheço bem todos aqueles lugares e não posso carregar a responsabilidade pela vocação de duas jovens Irmãs sem formar comunidade. Outro motivo ainda: aqui em São Paulo tenho diversas Irmãs doentes, entre estas, duas necessitam ser operadas, mas estão adiando, adiando sempre até o final do ano.

De modo que, é mesmo necessário para manter as casas em São Paulo, que venham as três que já solicitaram pertencer a esta Província; caso contrário, eu não sei o que fazer para remediar a situação. Já pago quatro professores leigos, e todas as Irmãs trabalham e têm boa vontade, mas não posso sacrificá-las mais. Se a Divina Providência continua a nos ajudar, esperamos poder pagar a próxima prestação da casa do Pari, sem pegar nada emprestado.

Peço ainda, a V. Revma.: que não permita, neste ano, que as Irmãs visitem os seus parentes, sem um justo motivo.

Todas as outras dúvidas, posponho, para quando poderei ter alegria de vos falar pessoalmente.

Pedindo a ajuda de suas poderosas orações e a santa Bênção, subscrevo-me de V. R., Madre Geral [...].

Oração: Deus não me deixe desencorajar

Senhor Deus, caiu sobre mim uma grande miséria.

A opressão quer me sufocar.

Não sei como sair.

Deus, seja benévolo e socorra-me.

Dá-me força para suportar

o que me mandas.

Não deixe que o medo me domine,

Pensa Tu, como um Pai, a mim e aos meus.

Dietrich Bonhoeffer



C. N. 8

Carta mons. Benedetto Aloisi Masella,

São Paulo, 25 de abril de 1933.

Proc., Vol. XV., f. 64.

Conforme as orientações das constituições, a Bem-aventurada apresenta, por meio da carta abaixo referida, sua demissão ao Visitador Apostólico, três meses antes do término do mandato recebido em 1927. Com grande espírito de desprendimento, assegura especiais orações para quem for chamada a substituí-la, no serviço da autoridade.

Ex.mo e Rev.mo Mons. Benedetto Aloisi Masella

DD. Nuncio Apostólico no Brasil, Rio de Janeiro,

estando próximo o término do mandato que, em virtude da santa obediência, humildemente venho desempenhando, com os limites dos poucos talentos que o Senhor me concedeu, com a presente, me permito depor, nas mãos de V. E. Revma., o cargo de Superiora Geral da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, com sede em São Paulo.

Faço votos e continuarei rezando, para que o Senhor, ilumine as nossas mentes e nos seja concedida a graça, de ver eleita e confirmada uma nova guia, um novo Governo, animado de santos propósitos e, com uma mente eleita para bem guiar, ao porto seguro, a nossa humilde Congregação.

Agradeço vivamente V. E. Revma., pelos sábios conselhos e pela preciosa proteção dispensada a todas nós e, principalmente, à humilde, abaixo assinada que, reconhecida e com respeito, beija o sagrado anel e se professa devotíssima [...].

Oração: Senhor, fazei crescer a esperança

A virtude que prefiro, diz Deus, é a esperança.
A fé não me causa admiração.
Não é espantosa. É como uma esposa fiel.
A caridade segue por conta.
Para amar o próximo é preciso deixar-se ir,
só é preciso esperar uma semelhante desolação.
Para não amar o próximo precisaria fazer-se violência,
torturar-se, atormentar-se, contrariar-se (...).
A caridade é uma mãe, uma mãe terna e uma irmã...
Mas a esperança, fala de Deus, eis o que me maravilha.
Isto é assombroso. Que aqueles pobres filhos vejam
como as coisas acontecem e que acreditam
que amanhã será melhor.
Que vejam como as coisas estão hoje e
que acreditam que amanhã será melhor.
Isto é encantador e é mesmo
a maior maravilha da nossa graça.
E eu mesmo estou admirado.
E é necessário que a minha graça
seja efetivamente de uma força incrível.
E que jorre de uma fonte como um rio inexaurível.
Desde a primeira vez que jorrou
e para sempre continue a jorrar.
Porque as minhas três virtudes,
fala Deus, as três virtudes minhas criaturas,
são elas mesmas, como as minhas
outras criaturas, da raça dos homens.
A Fé é uma Esposa fiel. A Caridade é uma
Mãe.
A Esperança é uma criança de nada.

Charles Péguy



**Carta de Madre Assunta Marchetti a Mons. Aloisi Masella,
S. Paulo, 7 de outubro de 1933.**

A carta tem a finalidade de agradecer ao Rev.mo Mons. Benedito Aloisio Masella pela autorização concedida e, sobretudo, para apresentar ao Núncio Apostólico a situação econômica da Congregação, com particular detalhe sobre a situação da Província do Sul.

Ex.mo e Rev.mo Mons. Benedetto Aloisi Masella
DD. Núncio Apostólico no Brasil, Rio de Janeiro

Agradeço vivamente V. E. Rev.ma, por conceder a autorização para proceder à construção do Colégio de Nova Vicenza (Rio Grande do Sul) conforme carta de protocolo n. 10618, em data de 30 de setembro pp.

Para descargo de consciência devo, porém, informar V. E., sobre a exata condição daquela Província: O saldo de Caixa Geral de todas as casas daquela Missão é de apenas R\$ 7.168\$890 como resulta da prestação de contas semestral e somente com um pouco de economia poderá ser aumentado até o final do ano. Os fornecedores de cal, areia e tijolos, quase todos abastados, estão dispostos a fornecer aqueles materiais a preços de favor, como o da Igreja Paroquial e a longo prazo, com pagamento sem juro. Iniciados os trabalhos não faltará, certamente, o apoio de corações generosos, e do Rev.do Pároco de Nova Vicenza, Padre Thiago (não é scalabriniano) que, sempre se manifestou favorável e bem-disposto a proteger as Irmãs de S. Carlos.

A Província de S. Paulo não poderia colaborar na construção daquele Colégio com dinheiro, por ter sempre favorecido, como tive ocasião de expor a V. E. Rev.ma, aquela Província com empréstimos consideráveis que ainda não foram restituídos para serem aplicados na compra de imóveis, e usados em diversas despesas de exclusiva competência daquela Província.

A Província de S. Paulo deveria, preferencialmente, prover para as reformas que se impõe em breve para o Colégio Santa Teresinha, do Pari, prover para diversas Irmãs equilíbrio no trabalho e também a expansão desta Província, de forma mais eficiente e vantajosa, ao mesmo tempo.

As Irmãs do Rio Grande, portanto, ao arcar sozinhas com aquela construção deveriam seguir a uma planta bem adaptada do edificio, construir aquela parte mais conveniente para as Irmãs e, pouco a pouco, prosseguir conforme os meios disponíveis para a mão de obra e outras despesas pagas à vista.

A meu critério, seria um pouco difficil, prescindir de contrair dívidas, sempre comprar a prazo dos fornecedores, ao menos o material de construção.

Conforme o desejo de V. E. Rev.ma, solicitarei o parecer e o conselho do Rev.do Padre Carlino, dos Scalabrinianos, naquele Estado, suplicando-lhe de dirigir-se a Nova Vicenza, se fosse necessário, para avaliar in loco, sobre a conveniência daquela construção.

Permito-me, porém, informar V. E. que, aquele Rev.do Missionário, seja que resida em Puttinga ou em Guaporé, encontra-se a mais de um dia de viagem de Nova Vicenza.

As residências dos Scalabrinianos, situadas todas em outra zona, se encontram há mais ou menos um dia de viagem, das Irmãs de S. Carlos, residentes em Nova Vicenza.

A fim de que não haja uma equívoca interpretação, às condições, que o Rev.do Padre Carlino. concorde com aquela construção, nos termos expressos por V. E. Rev.ma, que em vez de um conselho, implicitamente poderia ser necessário quase uma intervenção dos Scalabrinianos, enquanto, se apresenta às Irmãs de São Carlos e sobre o caminhar da nossa Missão, serei grata a V. E. Rev.ma, se desejar dignar-se escrever, umas linhas de resposta a respeito para o meu governo.

V. E. perdoará a minha ousadia, atribuindo apenas, à minha e à inexperiência das minhas coirmãs.

Sumamente grata por quanto V. E. Rev.ma faz, e espero, continuará a realizar para o bem desta nossa Congregação, beijo o sagrado anel e, com sentimentos, da mais alta estima e respeito, me professo de V. E. Rev.ma Attma e Obligma Serva em J. C.

Buscar-te

Com todas as minhas forças,
aquelas que Tu me deste,
busquei-te, desejando ver aquilo
em que acreditei.

E lutei e sofri, meu Deus, meu Senhor,
minha única esperança,
dá-me ainda a coragem de buscar-te.

Possa eu buscar o teu rosto
com paixão, incessantemente.

Santo Agostinho



C. N. 10

**Carta ao cardeal Raffaello Carlo Rossi,
São Paulo, 18 de julho de 1934,
Orig.: APC (Pasta Irmãs Missionárias de S. Carlos Borromeo,
scalabrinianas).**

*Carta de agradecimento da Bem-aventurada
e coirmãs por tantos benefícios obtidos do
Cardeal, especialmente pela aprovação das novas
Constituições. Isso revela o delicado reconhecimento
da superiora a respeito do seu benfeitor, o Cardeal.*

Eminentíssimo senhor Cardeal Rossi,

por meio do Muito Revdo. P. Santo Bernardi, digno Diretor do orfanato Cristóvão Colombo, sentimos o forte dever, de enviar à E. V. Rev.ma estas humildes linhas, para expressar todo nosso reconhecimento pelos numerosos benefícios que tem prodigalizado e ainda hoje continua prodigalizando ao nosso modesto Instituto. Especialmente o grande benefício das novas Constituições, como agradecer-lhe? De nossa parte procuraremos corresponder a tanta solicitude, esforçando-nos, em observar escrupulosamente estas mesmas Constituições e rezando, cada dia ao Senhor, nas piedosas intenções da Eminência V. Revma.

Suplicamos querer continuar a nos honrar com sua valiosa proteção, que imperecível será o nosso reconhecimento.

Desejando-lhe, do céu, a digna recompensa por suas santas fadigas e beijando-lhe atenciosamente o Sagrado Anel, temos a honra de subscrevermo-nos, de Vossa Eminência Ilma. e Revma., humilíssimas Servas em Jesus Cristo [...].

Refletindo sobre vicissitudes da vida...

Nada te turbe.
Nada te espante.
Tudo passa.
Deus não muda.
A paciência tudo alcança.
Quem Deus possui nada lhe falta.
Só Deus lhe basta!

Santa Teresa d'Avila



4. CARTAS

À CONGREGAÇÃO, ÀS PROVINCIAIS, ÀS MESTRAS E OUTRAS IRMÃS

C. N. 11

**Circular às Irmãs da Congregação,
São Paulo, 8 de setembro de 1927.**

Orig.: AGSS 1.5.4; Proc., Vol. XVII, f. 657.

*É a primeira Circular da Bem-aventurada Assunta
depois de sua eleição como superiora geral.
Demonstra ainda uma vez sabedoria, prudência,
sobriedade e muita humildade. Faz apelo às coirmãs
a unirem-se de coração para o bem da Congregação.*

Diletíssima coirmã,
a paz de Nosso Senhor esteja com as senhoras.

As queridas e bondosas coirmãs, com seu voto, carregaram meus pobres ombros com uma tremenda responsabilidade. Gostaria de me esquivar de tanto peso – consciente da minha incapacidade absoluta – mas a insistência do nosso Exmo. Visitador Mons. Lari (que me acenava nesta eleição a voz de Deus), me senti forçada a aceitar.

E assim, como em nenhuma circunstância e lugar, é confirmada – como nesta – a profunda sentença: que Deus se serve dos instrumentos mais inaptos, mais insuficientes, para realizar suas obras.

Toda a minha confiança coloquei-a no Dulcíssimo Coração de Jesus. Por Ele e n'Ele, eis-me neste delicadíssimo e muito espinhoso exercício.

Nesta minha aceitação, pois, uma grande esperança me sorri: a cooperação leal, pronta e generosa de todas as minhas bondosas coirmãs e, sobretudo, das Superiores de cada Casa.

V. R. sabe muito bem de que tremenda luta está saindo a nossa querida Congregação. Uma tormenta inominável procurou arrastar e tragar-nos. Estamos salvas por milagre e, podemos dizer que, neste duro desafio, que foi a prova de fogo, o bom Deus nos deu um sinal visível da sua admirável proteção.

Agora, trata-se de estreitarmo-nos todas, em um afetuoso vínculo de caridade e – esquecidas de um triste passado – retomar nossa caminhada, ou melhor, recomeçar uma vida nova.

Pelo que eu saiba, nenhuma novidade será introduzida. O que nos é pedido dos nossos Veneráveis Superiores, com amabilidade, mas com toda energia, é a observância íntegra e fiel da Santa Regra, e a dependência absoluta e incondicional a sua autoridade.

A experiência do passado nos pede para nos encaminharmos em um caminho de maior disciplina e obediência aos (*sic*) Ex.mos Superiores que, salvando-nos de certa ruína, dedicam seus admiráveis esforços, para o desenvolvimento da nossa querida Congregação.

Em base, portanto, a este princípio, minha querida Coirmã, considero necessário para meu bom governo e de V. Revma, (*sic*) avisá-la que nenhuma decisão, de nenhum tipo; nenhuma mudança ou novidade; nenhuma coisa, pode ser feita sem licença do Rev.mo (*sic*) Visitador da Concistorial de quem, unicamente e diretamente, nós dependemos.

Cada Superiora, pois, governe sua Comunidade com tal clareza e conformidade com as Santas Regras e os costumes da Congregação, como se devesse, de um dia a outro, deixar sua função, à voz da Santa obediência.

Conclamo humildemente, e com toda caridade, a atenção sobre este ponto muito essencial para a boa ordem, para não incorrer em dolorosos mal-entendidos e amargas decepções.

Conto muito, minha bem-amada Coirmã, com sua prudência, bondade e caridade e me congratulo, com sua firmeza e santo Espírito de sacrifício. Trabalhem todas para a glória do Senhor, para a nossa santificação e para o verdadeiro bem da nossa Congregação.

O bom Deus nos abençoe.

Vossa humilde serva em Jesus Cristo. [...].

Oração na pequenez

Estou aqui, Senhor, como um grão de areia no deserto.
Estou aqui, Senhor, com os pés descalços, em tua terra.
Estou aqui, Senhor, com o coração aberto a tua escuta.
Estou aqui, Senhor, buscando paz na tua resposta.
Quero permanecer junto de ti, sentada aos teus pés,
sem pensar, nem buscar, disponível ao que chega.
Quero que o meu coração perturbado
se coloque na escuta.
Desejo estar gratuitamente contigo, aqui e agora.
Desejo a unificação do meu ser, na tua essência.
Estou aqui, Senhor, repleta de ruído.
Quero silêncio, para escutar tua palavra,
porque o meu coração anseia
pelo retorno às origens, ao paraíso,
e ao final da minha vida
encontrar-me contigo.

M. Marquez



C. N. 12

**Carta a Irmã Imaculada Mileti e Conselho,
Bento Gonçalves, 22 de novembro de 1929.
Proc., Vol. XVI, ff. 330-331.**

*Nesta carta pode-se ler alguns passos que evidenciam
o pensamento de fundo da Bem-aventurada: a
sua constante preocupação de que as Irmãs sejam
animadas de sentimentos de paz, de caridade,
de espírito de sacrifício e de zelo pelas almas.*

Irmã Imaculada e Conselho.

Seja louvado Jesus Cristo.

A finalidade desta é [que] não tendo nenhuma resposta de Mons. Lari, pensei em mandar um telegrama [e] incluo a resposta; considero que será impossível para mim ir logo. Contudo, mando as três Irmãs juntas: as duas que virão para visitar os pais, em lugar das três, das quais, duas devem fazer o segundo ano do Noviciado e uma a vestição, se forem dignas, porque suas Superiores devem emitir seu parecer. Há também as que devem fazer os Santos votos perpétuos; mas também para elas suas Superiores deverão dar o seu consenso; reúnam o conselho e depois façam tudo conforme a S. Regra e, se nas mesmas, houver o mérito de serem admitidas aos Santos votos perpétuos, parece-me ser o tempo de fazer a solicitação.

As Irmãs que venham aqui e fiquem na Vila Prudente para a cozinha: uma no lugar de Ir. Emília, outra considerem um pouco, uma que vá ao Pari, no lugar da Ir. Egídia. Virá ainda Ir. Cecília, que poderia ocupar o seu lugar, mas vejamos as senhoras como lhes parecer melhor.

Para a casa de Jaboticabal penso em colocar como Superiora Ir. Joaquina, Ir. Maria S. para escrever e, se elas acharem bom, uma destas três que venha, ou aquela que elas considerarem mais contente, que todas estejam contentes, para viverem um pouco em paz e fazer um pouco de bem, antes de tudo para nossa alma, depois para o bem do próximo e tudo para o bem da nossa Congregação.

Quanto ao contrato, vejamos os outros como são feitos e para a mensalidade das Irmãs, o mínimo é que não seja menor daquilo que dão em Monte Alto.

Depois, espero que me informem a respeito do que foi decidido, e, se houver alguma dificuldade a respeito do pagamento, as senhoras são livres de fazer o que acharem melhor para contentar a todos. Parece-me ter explicado bem e creio que todas podem estar satisfeitas; sem sacrifício não se pode fazer o bem ao próximo e, menos ainda, se pode fazer, se não tivermos caridade entre nós;

mas esperamos que esta não venha a faltar entre nós. Com união e caridade tudo se suporta, todas as cruces pesam menos.

Agora desejo saber sobre Ir. Rafaela e Ir. Carolina; em uma carta vos perguntei sobre elas, como estava sua saúde, mas nada me responderam; gostaria de saber como estão.

Fico feliz que as Irmãs estejam melhor, agradeçamos a Jesus e Maria. Saudações a todas as Coirmãs, particularmente a Ir. Angelina e a toda a Comunidade do Pari e de Vila Prudente; recebam também saudações desta Comunidade, de Ir. Borromea, das Novilhas e postulantes. Rezem por mim, Deus as abençoe. Vossa sempre afetuosíssima Madre [...].

Reflexões sobre a experiência de estar juntas

Que eu nunca me separe de ti.
Se, nos espera um longo e fatigoso caminho:
nesta nova estação devemos, na verdade,
tornarmo-nos competentes da complexidade,
espertos da diversidade, capazes de encontrar
e de comunicar com homens e mulheres
que venham de outras experiências
e percorram outras estradas que não são as nossas.
Devemos exercitar-nos na escuta,
na acolhida do outro,
e depois, aprender a aceitar
o mistério e o enigma
de quem não conhecemos,
de quem nos parece como o estranho
e não apenas o estrangeiro...
Os outros não são o inferno,
são a nossa bem-aventurança sobre esta terra.

Michel de Certeau



São Paulo, 29 de janeiro de 1931.

Proc., Vol. XVI, ff. 469-70.

Acena a um mal-entendido surgido entre ela e padre Foscallo sobre uma doação em Roca Sales, doação que permitiu a constituição de uma Comunidade de Irmãs Scalabrinianas naquela localidade. Confirma, pois, que somente o parecer do Visitador Apostólico poderá determiná-la em mérito à solicitação de padre Foscallo.

Estimadíssima Ir. Borromea, Bento Gonçalves,

recebi contemporaneamente o vosso telegrama e a vossa carta junto àquela de Padre Foscallo. Se grande foi a surpresa daquele bom sacerdote, ainda maior foi a minha ao constatar que confia mais em estranhos que à minha palavra de religiosa. Nunca se falou das condições introduzidas na escritura de doação, e a prova é que, a senhora mesma, ficou surpresa; se fosse verdadeira, a teríamos comunicado a Mons. Lari. Nós obtivemos a licença de abrir aquela casa e de aceitar aquela doação em Roca Sales com as condições expostas por nós e escritas por vós, sem ônus e condições de nenhuma espécie.

Por quantas razões se queira expor, eu não posso tomar nenhuma decisão sem consultar Mons. Lari, a quem devemos obediência, na observância de todas as suas disposições. Sem uma sua autorização não podemos dar um passo, nem alterar a ordem das coisas, bem o sabeis; inútil, pois, insistir que eu lhe dê uma resposta urgente, por telegrama, de sim ou não.

Qualquer que seja a sua determinação vo-la transmitirei, imediatamente, por enquanto recomendo tranquilidade e paciência. As disposições tomadas por Mons. Lari são de conhecimento da Sagrada Congregação Concistorial, da qual nos recomenda tranquilidade e paciência. As disposições tomadas por Mons. Lari são

do conhecimento da Sagrada Congregação Concistorial, da qual dependemos. Todo nosso ato contrário incorreria em uma sua re-provação e em nosso dano.

A nossa máxima deverá sempre ser: obedecer, obedecer a todo custo, também a custo do nosso amor próprio e dos nossos interesses. Cordiais saudações a todas as coirmãs.

Deus vos abençoe. Vossa devotíssima no Senhor[...].

Diálogo de Madre Assunta com Jesus crucificado

M. Meu querido Jesus, nos envias tantas cruzes pequenas e grandes...

J. Minha querida esposa! Não existe maior amor que dar a vida pelos órfãos, doentes, migrantes.

M. Jesus, te vejo suando sangue...te ofereço a dor da minha perna enferma.

J. Me queres seguir... toma cada dia a tua cruz e segue-me.

M. Vejo teu coração transpassado... o meu sangra pela morte do meu irmão José...

J. Filhinha, lembre-se desta palavra ao discípulo amado: Mulher, Mãe Maria, eis a tua filha Assunta.

M. Salvador, do mundo, quantos pecados, minha culpa e de todo mundo.

J. Pai, perdoa porque não sabem o que fazem.

M. Meu Jesus, a função de Superiora é uma cruz pesada...

J. Coragem. Estarás comigo no paraíso.

M. Assim seja. Toda minha confiança a deponho Jesus, no teu Amabilíssimo Coração.

LM



**Carta a irmã Clementina Zini,
Vila Prudente, 18 de maio de 1931.
Orig. em português: AGSS 1.3.2;
tradução em Proc., Vol. XVII, f. 471.**

Esta escrita, em tom pacato, claro e determinado, demonstra o estilo da Cofundadora no exercício da autoridade. Recorda a importância de fazer a vontade de Deus, nas circunstâncias simples da vida.

Caríssima Ir. Clementina,

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como sei que a senhora não quer saber de responsabilidade, aproveito do fato de encontrarmo-nos no belo mês consagrado a Maria Santíssima, para pedir-lhe um sacrifício, em honra dela e para o bem da nossa Congregação, ou seja, de tomar a cruz de superiora do hospital Tacchini, “e terá como lema, fazer em tudo a vontade de Deus”, e verá como se sentirá feliz em fazer a vontade de sua Madre Geral e, do governo, que trabalham por um fim sobrenatural.

Se a cruz lhe parece pesada, olhe para aquela de Nosso Senhor e assim terá a coragem de carregar a sua.

Abençoando-a no Coração de Jesus, me subscrevo, sua humilde serva [...].

Oração: Maria do coração jovem

Ó Maria, do coração jovem, ensina-me o teu sim!
Desejo correr pelo caminho de Amor,
mas o egoísmo sobrecarrega o meu passo,
desejo cantar as melodias da alegria,
mas conheço somente pouquíssimas notas.
Guia-me, ó Maria, na estrada de Deus
assinalada pelas pegadas dos teus passos:
o caminho da coragem e da humildade,
a estrada do dom sem reserva,
a estrada da fidelidade que não fenece,
a estrada da pureza plena de Amor.
Ó Maria, do coração jovem,
ajuda-me a reconhecer a hora
da minha Anunciação
para dizer o meu sim junto a ti.
Esteja próxima a mim para repetir hoje:
“Eis-me Senhor, faça-se em mim
segundo a Tua palavra:
palavra de amor e de alegria para mim!”
Amém.

Arcebispo Ângelo Comastri



**Carta à Ir. Josefina Oricchio,
V. Prudente, 8 de junho 1932, Orig.: AGSS 1.3.2.
Proc., Vol. XVI, f. 252.**

*A carta revela que a prudência,
o discernimento, a caridade, estão na base
do agir da Bem-aventurada, Madre Assunta,
mas também sua capacidade de trabalhar, sofrer,
oferecer tudo a Deus, silenciosamente.*

Caríssima Ir. Josefina e Conselheiras,
Sela louvado nosso Senhor Jesus Cristo!

Recebi sua carta, me aborrece muito que Ir. Catarina tenha mudado tanto em tão pouco tempo, como me dizem na carta; todas as vezes que estive ali, nunca uma queixa me foi feita do seu comportamento, agora, em pouco tempo acontece tudo isso, que posso fazer? Neste caso, pelo que posso deduzir, não será que ela esteja sofrendo uma grande tentação e esteja desanimada? Tomem o assunto com muita paciência e muita calma e grande caridade, vigilância e prudência, expliquem o fato ao seu Confessor e então veremos o que acontece, e depois tomaremos uma decisão. Não falei no Conselho, porque vi que a carta estava separada e que falava só dela; achei muito prudente que assim tenham feito, porque, se Deus quisesse que fosse tentação e desânimo, é prudente ter feito assim.

Para o demais: reúno o Conselho e depois escreveremos tudo. Saudações a todas. Deus as abençoe e me creiam sempre vossa afetuosíssima Madre em Jesus e Maria [...].

P. S. Parece impossível, mas não devo encontrar um momento de repouso, paciência: tudo por amor a Jesus.

Oração nas dificuldades da vida

Senhor, a tua terna misericórdia está nos altos céus
e nos fala da tua verdade. Ela é repleta de santidade.
Enquanto eu medito humildemente encarcerada
entre estas paredes, tu és minha luz, meu conforto.
A tua glória é o meu apoio.
Rogo-Te, não consideres os meus defeitos,
nem os pecados da humanidade.
Perdoa-nos com bondade,
e seremos purificados.
Imploro a tua graça,
concede-me a tua proteção.
Assim a paz estará conosco agora
e por toda a eternidade. Amém.

Liliuokalani (Rainha do Havai-1893)



C. N. 16

**Carta às irmãs Amélia e Rosa Garcia,
Vila Prudente, 14 de junho de 1932. Orig. em português:
AGSS 1.3.2; tradução em Proc., Vol. XVI, f. 473.**

O breve escrito, de tom delicado e pacato, transmite uma mensagem eficaz e decididamente encorajante à perseverança. Leva a crer que estas duas irmãs, ainda não tenham feito votos, pois lhes escreve: “Que Ele vos estreite sempre mais ao Seu Coração terno e vos faça suas fiéis noivas e um dia Suas fiéis e felizes esposas”. Vê-se que ela tem uma relação esponsal com Jesus e isto o deseja às jovens em formação.

Caríssimas irmãs: Amélia e Rosa Garcia,

Viva Jesus!

Grande tem sido a alegria que me propiciaram as boas e santas disposições que manifestastes na carta que me enviaram.

Que Jesus aumente, cada dia, os bons e santos desejos de vossas ardentes almas na prática das mais belas virtudes. Podeis ‘armar-vos’, -revestir-vos-, com as santas vestes de Cristo.

Que Ele vos estreite, sempre mais, sobre o Seu Coração terno, e vos torne suas fiéis noivas e um dia Suas fiéis e felizes esposas. Não se esqueçam de rezar por quem vos envia a bênção [...].

Oração a Jesus, Esposo celeste

Jesus amigo verdadeiro, verdade bem-aventurada,
abismo de amor, desejo amar-te sempre.

Jesus única minha salvação, companheiro inseparável,
amor incondicional, me entrego hoje a Ti.

Esposo celeste, misericórdia dos fracos, atrai-me a Ti.

Luz verdadeira do mundo rasga as trevas do meu coração,
e guia-me nos teus caminhos.

Ó vida sem ocaso, ó paz incomparável,
ó tesouro inestimável, estreita-me a ti e
não me deixes vaguar por meus caminhos...

Jesus amigo, Jesus esposo, Jesus,

Bom Pastor, me abandono a Ti.

Renovo a ti minha consagração
batismal e religiosa.

Permita-me viver sempre mais a castidade
com amor; a obediência com fé;
a pobreza com a esperança do prêmio
eterno. Amém.

LM



**Carta a irmã Faustina Bosio,
Vila Prudente, 9 de julho de 1932.
Orig., AGSS 1.3.2. Proc., Vol. XVI, ff. 392-394.**

*Neste escrito a uma superiora provincial,
a Bem-aventurada revela um pouco do seu
temperamento enérgico e a sua intransigência
quando se tratava de obediência à autoridade
eclesiástica à qual a Congregação era submissa.
Convida com afabilidade, a coirmã a carregar com
ela os pesos da responsabilidade de governo da
Congregação, mesmo se a nível de comunidade.*

Bondosa Irmã Faustina,
Seja Louvado Jesus Cristo!

A finalidade desta minha carta é para dizer-lhe que compreendi tudo o que me disse sobre o acontecimento das falas; a este respeito faça a caridade de dizer-me qual é a comunidade que não a obedece. E o porquê e sobre que pontos.

Este é o motivo pelo qual a senhora não quer continuar no seu cargo. Por favor, favoreça enviar-me tudo por escrito, ponto por ponto, o porquê e os motivos reais, tudo para o bem, em consciência; envie-o para nós, para depois expedi-lo ao Núncio e ele resolverá o caso. Diga-lhe que faremos o que ele disser, a senhora sabe que eu não posso fazer nada sem a sua permissão!

As ordens que eu tenho, são estas: de deixar tudo como está até o término dos 6 anos e depois aquilo que a Providência dispuser se fará; estas são as precisas palavras que o senhor Núncio me disse. Agora, deixo a seu critério meditar sobre estas palavras e refletir bem sobre o que poderia acontecer se não quiser continuar por apenas um ano.

2. A respeito do hospital: quando tenha a certeza de ter as Irmãs sem importunar as demais casas, se tiver a certeza de ter as irmãs, escreva-nos para fazer o pedido, embora as condições devam ser as mesmas de Roca Sales. Mas lhe repito: antes de tudo é necessária a licença do Núncio.

3. A respeito de Guaporé, não querem compreender antes de tudo que as contas não são feitas corretamente, é necessário colocar os débitos e os créditos e nelas não há nenhuma explicação; segundo: escreveu-me que é necessário limpar a casa, fazer o muro, desmanchar a casa velha, e ainda se deve fazer a calçada, todas estas coisas, parece-me, que antes de escrever para nós, deveriam estar de acordo com a senhora, que é a Provincial e que deveria escrever, não lhe parece que assim deveria ser?

Depois quer uma Irmã instruída para lecionar para uma única menina, em cada momento haverá outra, e tantas outras coisinhas. Não tenho tempo para escrever tudo, mas digo que em verdade, não me agradou que a senhora tenha se oferecido para ir no lugar dela e que não podia estudar, e não quis aceitar a sua proposta: isso não me agradou, nem a nenhuma do Conselho. Peço que tenha a bondade e a paciência de ir a Guaporé, quanto antes, para ver tudo o que é necessário fazer; esteja de acordo, também, com o Padre Angeli que, ele sim entende de tudo; ou melhor eu recomendei tanto a ele todas essas coisas, quando ele passou por aqui; procure considerar bem tudo e que tudo esteja conforme à S. Regra.

Escrevi a ela que estou esperando a licença do Núncio para a limpeza da casa e para o muro, mas receio que, antes ele queira saber e ver todas as contas; contudo a senhora faça e depois escreva tudo.

Armemo-nos de paciência e trabalhemos por amor a Deus, se queremos bem a nossa querida Congregação; reze por mim, e carreguemos juntas a cruz: a minha pesa mais que a sua! Agradeça, por mim, a Ir. Vitorina, (*sic*) apenas posso, escreverei. Deus a abençoe e creia-me sempre sua afetuosíssima em Jesus e Maria [...]. Saudações a todas as boas Coirmãs: Ir. Imaculada, Ir. M. Camila, Ir. Ignez Oricchio.

Oração: Sinto o peso da vida

Frequentemente me sinto velho, Senhor:
velho como a desilusão, o pessimismo
e a angústia de não acreditar
que o amor supera o mal do mundo.
E “gemo como pomba ...”
Se tu me repetes:
segue-me, se voltas a cingir-me a veste,
Tornar-me-ei jovem como a esperança,
o otimismo,
O entusiasmo de descobrir
em cada coisa a ti
e amar em ti, também a morte.

Valentino Salvoldi



C. N. 18

**Carta a Irmã Angelina Meneguzzi,
Vila Prudente, 1º de maio de 1933.**

**Orig. em português: AGSS 1.3.2;
tradução em Proc., Vol. XVI, f. 455.**

O escrito, muito espontâneo, mostra a gentileza de ânimo da escrevente e a sua capacidade de amizade e de gratidão. Faz também um aceno à enfermidade da perna, enfermidade que levará a Bem-aventurada à morte, mas que, momentaneamente, parece solucionada.

Querida Irmã Angelina,

Viva Jesus!

Felicitações de boas festas de Páscoa e também de feliz aniversário. Não apenas de minha parte, mas de todas as Irmãs desta Comunidade, de Vila Prudente e da Isoleta.

No dia 3 todas nós e as meninas faremos a Santa Comunhão, e participaremos da Santa Missa nas suas intenções, pedindo ao bom Deus, que lhe conceda as graças que mais desejas e que Deus a conserve ainda, por muitos anos, entre nós, nossa querida Irmã Angelina.

Penso que logo partirei, talvez a próxima semana, para o Sul. Graças a Deus estou completamente curada da perna. Irmã Pierina está melhor.

Todas lhe enviam muitos abraços, particularmente Irmã M. José e Irmã Conceição que lhe pedem orações.

Um forte abraço de quem lhe envia uma bênção, acompanhada dos mais ardentes votos de serenidade [...].

Oração de cada dia

Quando o deserto se abate sobre meu espírito
e a noite me envolve com angustiosas trevas;
quando em vão parece chamar-te por nome e
o céu parece sempre mais distante,
olho para os sinais dos pregos impressos
nos teus pulsos, Cristo, e compreendo o mistério:
te encontra sozinho quem coloca a mão lá
onde existe uma ferida,
onde o homem não tem mais dignidade,
onde a dor desfigura o rosto.
E ao cuidar da chaga sinto ressoar
em mim o desejo de paz.

Valentino Salvoldi



**Circular da Superiora Geral, Madre Assunta Marchetti,
à Congregação das Irmãs Missionárias
de São Carlos Borromeo.
Vila Prudente, 11 de outubro de 1934.
Orig. em português: AGSS 1.3.2.**

A Circular tem como principal objetivo pedir orações e a mais intensa caridade comunitária na eminência do Capítulo Geral, para obter a necessária e especial assistência divina para o mesmo Capítulo. Revela todas as suas grandes devoções e deseja comprometer todas as coirmãs na intercessão, especialmente, para que se cumpra a vontade de Deus.

Caríssimas Irmãs,

estamos em um momento em que temos necessidade de muita oração para o feliz êxito do Capítulo Geral. Por isso vos indico as seguintes orações:

- 1° Uma novena ao Espírito Santo.
- 2° Uma novena ao Sagrado Coração de Jesus.
- 3° Uma novena à Imaculada Conceição.
- 4° Uma novena a S. Carlos.
- 5° Uma novena a S. José.

Em cada Novena vos peço um dia de jejum, Três pequenas mortificações e sacrifícios para merecer as bênçãos de Nosso Senhor.

Abusando ainda da vossa grande bondade, em me ouvir, vos peço algo mais, ou seja, de mandar celebrar as seguintes Missas:

- Uma em louvor ao Espírito Santo.
- Outra por nossas Irmãs falecidas para que elas nos enviem do Céu as graças de que necessitamos e as luzes que nos são necessárias.

– Peço-vos, também, unida ao meu Conselho, a mais indulgente caridade entre as senhoras, para obter de Deus a graça de realizar a sua Santa Vontade.

Como deverão realizar o Capítulo eletivo, não lhes explicarei aqui. A Rev.ma Madre Provincial irá em cada casa e explicará o que deverão fazer. Desde já, porém, vos digo que o Capítulo Geral se reunirá para as eleições na primeira quinzena de janeiro.

Ainda uma vez, confiando na vossa grande bondade e docilidade em ouvir minhas solicitações, vos agradeço de todo coração. Peço ao bom Deus a bênção para cada uma. Um afetuoso abraço e a bênção de vossa Madre [...].

P. S.: Façam o favor de unir à novena ao Coração de Jesus uma novena de Comunhões.

Cântico de louvor ao Esposo celeste

Jesus, doce à memória, que das as verdadeiras alegrias ao coração: a tua presença é mais suave do que o mel e de qualquer outra coisa.

Não se canta nada de mais belo, nem se ouve nada de mais amável, nem se pensa nada de mais doce de ti, meu Jesus, Filho de Deus.

Jesus, esperança dos penitentes quanto sois compassivo e bom para quem te busca!

Que dizer, pois, de quem te encontra?

A língua não pode falar nem a palavra expressar: somente o experiente pode acreditar, o que significa amar Jesus.

Jesus rei admirável e nobre triunfador, doçura inefável, todo desejável.

Quando visitas o nosso coração, então brilha a verdade; a vaidade do mundo desaparece, dentro ferve a caridade.

Jesus, doçura dos corações, fonte viva, luz das mentes,

que supera toda alegria e todo desejo.
Ó vós todos contemplai Jesus, suplicai o seu
amor: buscai ardentemente Jesus
e buscando-O, inflamai-vos.
Ó Jesus, a nossa voz te cante,
a nossa vida te manifeste, os nossos corações
te amem agora e para sempre.

Antigo hino da festa do Nome de Jesus



C. N. 20

**Carta a irmã Xavier e Coirmãs,
Mirassol, 19 de agosto de 1939.
Cópia em AGSS 1.3.2.**

*Carta de conteúdo fraterno, grato,
confidencial, da qual pode-se colher algum aspecto
concreto da vida da Bem-aventurada
Assunta Marchetti, no tempo de sua missão na
Santa Casa de Misericórdia, Mirassol, SP.*

Bondosa Ir. Xavier e Coirmãs,
tenho em minhas mãos duas cartas suas. Hoje respondo. Antes
de tudo, obrigada pelos votos e ainda mais pelos sacrifícios que
se dignaram fazer por mim. Este é o verdadeiro bem que se quer
a uma coirmã, Deus vos pague por tudo, e espero que, sempre de-
sejem recordar-me a Jesus; eu, nas minhas pobres orações, não as
esqueço nunca.

Agora, me diz que foi a Bento Gonçalves fazer o Santo Retiro
e me disse também que a Provincial não recebe minhas cartas; eu
sempre as tenho respondido, apenas uma vez não respondi, não sei
como isso aconteceu, paciência. Agora creio que já terá a carta em
mãos, pois escrevi imediatamente, apenas fiquei sabendo.

Pediu-me ainda se temos muito trabalho; a senhora sabe como são os hospitais; temos bastante, não há o perigo de que fiquemos sem trabalho; os doentes são sempre entre 15 e 25, e depois tem tudo o mais: injeções e várias medicações para fazer; alguns vêm ao hospital e para outros devemos fazer a domicilio, porém na vizinhança, não longe; mas graças a Deus todas estamos bem de saúde; minha perna é mais ou menos a mesma, paciência: Jesus sabe e vê e além do mais, sem cruz ninguém está, não é verdade? A minha é esta.

Pergunta-me também quando é que vou fazer um passeio aí no Sul: não podeis crer quanto prazerosamente iria ver-vos todas. Talvez, antes de morrer, possa ir: a Jesus nada é impossível.

Bem, por agora chega. Novamente, Deus vos pague por tudo quanto fizeram e fazem por mim, a despeito dos meus méritos. Saudações daqui a toda a Comunidade, e rezem sempre, por nós e Deus vos abençoe. Aceitem um abraço apertado, e creiam-me sempre, vossa afetuosíssima coirmã [...].

P. S.: Favor saudar a Superiora e as Irmãs de Nova Milano, quando tiver a ocasião de encontrá-las. A mesma.

Oração: Sobre as pegadas de Cristo

Sobre as tuas pegadas, rumo ao meu Calvário,
faz-me derramar amor a mãos cheias.
Se perder contigo é ganho,
contigo morrer eu quero, ó Cristo.
Como grão de trigo debaixo da terra
porei raízes fortes e profundas...
De tal modo que no tempo da colheita,
para todos abunde o pão sobre a mesa.
Multiplicarei o amor dividindo-o,
o oferecerei a quem bater à minha porta:
terei o cêntuplo aqui, nesta vida,
e paz eterna no tempo sem fim.

Valentino Salvoldi



5. CARTAS AOS FAMILIARES

C. N. 21

Monte Alto, 16 de março de 1927.

(Orig.: AGSS. 1.3.2. Proc., Vol. XVI, f. 480).

Madre Assunta teve a tarefa de anunciar a morte de sua mãe à sua irmã Elvira e ao seu irmão Pio, que viviam na Itália. Ela fez esse anúncio em um tom calmo, cristão e equilibrado. Esta carta é um exemplo tocante de comunicação familiar marcada pela fé, serenidade e amor cristão, mesmo diante da dor da perda. Aproveitou a oportunidade para fazer uma breve exortação, a viver os princípios e exemplos cristãos aprendidos com sua mãe.

Querida irmã Elvira, um abraço caloroso. Depois de muito tempo sem notícias suas, agora venho lhe dar a minha. As minhas são boas, assim como as dos nossos parentes, mas, talvez você já saiba, nossa querida mãe, Jesus a levou para nós no céu. Ela morreu em 22 de fevereiro; teve uma morte santa, assistida com todos os confortos religiosos; ela foi ela mesma até o último momento.

Foi assistida por todos os Padres de São Carlos, eles nunca a deixaram, estiveram a seu lado todos os dias. O Padre Faustino recomendou-lhe a alma, chorando muito pela bela morte que teve. Ela morreu nos braços de Teresina e nos meus e Padre Faustino à cabeceira da cama. Ele consolou meus cunhados e sobrinhos, que estavam ao redor da cama.

Quantas vezes ela chamou você, Elvira e Pio! Ela teve todos os confortos da fé, exceto o de não poder ver vocês dois, novamente;

paciência, o que devemos fazer? Nós nos resignamos à vontade de Deus. As irmãs não conseguem aceitar o fato de que sua mãe não está mais viva. Elvira, mande celebrar algumas missas, se você puder. Agora só nos resta rezar e continuar sendo bons e honestos cristãos, como foram nossos queridos pais, para que eles nos ajudem e nos abençoem do Céu.

Se você tivesse visto o funeral! Que lindo que era! Todos os Padres de São Carlos foram, dois Jesuítas também, os órfãos, tanto homens quanto mulheres, e muitas outras pessoas. Ela foi enterrada no túmulo do pobre Beppe. O Padre Faustino fez-lhe um discurso no túmulo; em uma palavra, em nossa tristeza, tudo isto foi um consolo para nós filhos e para todos os parentes.

Todos se lembram daqueles que fazem o bem no mundo. Imitemos também os nossos pais para que possamos ganhar o Céu. Reze por mim. Estou agora a doze horas de trem de São Paulo, numa Santa Casa; diga às suas duas filhas e a todos os outros netos, diga-lhes para rezarem pela tia e pela avó.

Por favor, aceite um abraço apertado e acredite sempre que sou sua irmã afetuosa [...].

Oração para os momentos de dor e vazio

Olha, Senhor, para todo o nosso sentimento de vazio
e de inutilidade, para nossas ansiedades e nossos pesadelos.

Ouve também os nossos silêncios.

Foste Tu quem nos chamou para a vida
e nos fez peregrinos e estrangeiros neste mundo,
para nos mostrar, porém, a cidade a
que nos destinaste, a Jerusalém celestial,
onde Teu Filho ressuscitado nos aguarda,
onde Ele enxugará toda lágrima
dos nossos olhos, onde não haverá mais
tédio, tristeza, aflição, lamento,
luto e morte.

G. Ravasi



C. N. 22

Mirassol, 23 de agosto de 1942.

Proc., Vol. XVI, f. 512.

*Neste escrito, a Bem-aventurada se aproxima dos
problemas de seus familiares com um tom materno
e comovido, e relaciona a doença de sua perna à
lei universal do sofrimento à qual estão submetidas
todas as criaturas.*

Viva Jesus Maria e José!

Querido cunhado Giuseppino e Marietta,

Saudações cordiais.

Recebi sua carta, fiquei contente e ao mesmo tempo triste ao saber que estive novamente doente, e Marietta também; agora espero que estejam melhores, ainda que sempre haja incômodos a suportar. Eu também, com a minha perna: mais ou menos está na mesma, embora não faltem os cuidados; é mesmo assim, é preciso sofrer – paciência.

Marietta, se você não se cuidar, verá o que vai lhe acontecer; mas não quer entender, e bem vê que os filhos, quando crescem, dão mais preocupações do que quando são pequenos. Fico contente com a Annina, que Deus os abençoe sempre.

Refletindo sobre a fragilidade humana

A autêntica originalidade do ser humano brota da relação com Deus que fala e pede para ser acolhido pela sua liberdade; e a solidão é o espaço apropriado para se libertar da obsessiva ideia de querer fazer tudo sozinho [...].

Então o homem foge.

Foge do ser para o fazer ou o ter.

Foge do pensar para o falar.

Foge do existir para o parecer.

Foge do autêntico para o substituto.

Foge e substitui.

Substitui o novo pelo verdadeiro.

Substitui a repetição pelo inesgotável.

Substitui o efêmero pelo eterno.

E. Antonello



**Carta à irmã Maria Luisa (Marietta)
e ao cunhado Giuseppe Zioni.**

Mirassol, 19 de março de 1943. Proc., Vol. XVI, f. 515.

*A carta mostra como a Bem-aventurada Assunta
sabia manter sua fé sólida e inalterada diante das
grandes dores da vida, como é a perda de um filho.
Ela havia aprendido, ao longo da vida, que as perdas
têm valor para quem vive pela fé.*

Viva Jesus, Maria e José!

Queridíssima irmã e bom cunhado, saúde e paz em Jesus e Maria!

Nestes momentos, é inútil dizer “fiquem contentes”, mas que fazer? Deus o deu a vocês e Deus o levou. Consolai-vos com o fato de que agora vocês têm um anjo no paraíso que rezará por vocês, por todos. Certamente, para vocês foi um golpe, um golpe grande, mas pior teria sido se ele estivesse longe, como acontece com tantos pobrezinhos. Vocês fizeram mais do que o seu dever e mais do que podiam, em tudo, absolutamente. Deus assim quis; tenham coragem, animem as meninas, especialmente a Annina e a Itália.

Tu, Sandi, procura alegrar o Papai, a Mamãe e as irmãs o máximo que puderes. Procura encorajá-los e distraí-los bastante.

Faz de tudo para mantê-los alegres, para que não adoeçam; agora ele, do paraíso, reza por todos nós.

Mais uma vez, Giuseppino, tenha coragem e anime a Marietta e as meninas, especialmente a Annina. Saúda-a muito, junto com seu esposo, Miguel. Marietta, estou longe, mas com a oração estou perto, embora seja uma pobre “pecadora” como sou.

Aqui, todos os doentes e todas as Irmãs comungaram e, em breve, o Pároco celebrará a Santa Missa por ele.

Muitas saudações a todos, especialmente ao dom Vincenzo: recomendo-me às suas orações. Cumprimentem também a Teresina. Rezem por mim, eu estou bem, não pensem em mim.

De vocês, sempre muito afetuosa irmã e cunhada [...]

Tocados pela dor

Senhor Jesus, tocados pela dor, nós Te suplicamos:
concede-nos o Espírito de sabedoria
para que possamos intuir e acolher
com fé e humildade, com gratidão
e paz, as provações da vida.
Faze com que não nos rebelemos,
nem jamais nos sintamos injustamente tratados
ou pretendamos recompensas e honras
que não merecemos.
Mas, ao contrário, que aprendamos a reconhecer
que o sofrimento nos torna
mais atentos e voltados
para as coisas essenciais da vida.
Não há dom maior do que sermos
chamados a compartilhar contigo
a obediência do amor
até o “sim” da Cruz. Amém.

Anna Maria Canopi



C. N. 24

**Carta ao sobrinho Alessandro Zioni,
Mirassol, 3 de fevereiro de 1945.
Proc., Vol. XVI, f. 520.**

*A Bem-aventurada Assunta, menciona sua
enfermidade com grande resignação, serenidade
e desprendimento. Não quer atrair a atenção dos
demais familiares sobre si.*

Queridíssimo sobrinho Alessandro,

Recebi a tua carta; soube que todos estão bem, e isso foi minha única consolação. Eu também estou bem; não estive doente, apenas o incômodo na perna; como tu sabes, de vez em quando dá erisipela, mas por isso estou sempre me tratando: fica tranquilo quanto a isso, porque não me falta nada. Deus quer assim, e assim seja. Quando Ele quiser, isso também passará.

Obrigada pelos votos de uma boa Páscoa; nós também a passamos bem; é certo que Mamãe e Papai devem ter estado um pouco tristes. Deus quis assim, paciência. Por favor, retribua os votos de boas festas a todos; cumprimente todos, também a tia Teresina. Por favor, envie muitos cumprimentos ao dom Vincenzo, ao Angelino e sua família.

As irmãs também retribuem os cumprimentos de Annina e sua família. Mais uma vez, saudações a todos. Reze por mim, que Deus te abençoe.

Sempre tua tia muito afetuosa [...]

Minhas saudações à pessoa com quem queres casar-te; não sei o nome dela.

Oração: Não temas

Estende tua mão sobre os meus olhos,
Senhor, para que eu veja.
Toca os meus ouvidos e prepara-os
para acolher a Tua Palavra.
Abre os meus lábios para que cantem o Teu louvor.
Impõe Tuas mãos sobre o meu coração,
para que me ensinem a linguagem do amor.
E toca o meu corpo com a orla do Teu manto:
reviverão os meus ossos ressequidos.
Florescerá o meu espírito.

Valentino Salvoldi



Mirassol, abril 1936.

Carta da bem-aventurada Assunta ao sobrinho Vincenzo que volta da Itália onde fez filosofia e teologia e foi ordenado Sacerdote. Ela manifesta o seu apreço pelo dom do sacerdócio. Menciona, com emoção, a volta do sobrinho sacerdote, após um longo período de estudos longe da família. Manifesta seu desejo de ter estado em família na oportunidade, mas por motivos de força maior, não pode estar junto aos familiares para recebê-lo.

Viva Jesus, Maria e José!
Bom sobrinho, dom Vincenzo,
saudações cordiais.

Minhas congratulações, e espero que tenha feito uma boa viagem. Por tudo isso devemos agradecer a Jesus e, à Santíssima Mãe Maria, pela grande graça que nos concedeu: retornar como sacerdote, são e salvo, ao convívio dos seus entes queridos (os pais, toda a família, todos os parentes) é uma graça que devemos a Deus.

Imagino quanta consolação houve quando chegou em Santos, e ao abraçar a querida Mamãe, o Papai e todos os outros que, acredito, devem ter ido ao seu encontro. Ainda que um pouco distante, também eu quero participar da alegria e consolação de todos.

Gostaria de ter estado presente, já que a Madre Geral me escreveu pedindo que eu estivesse no dia 20 em São Paulo, mas as ocupações neste momento não me permitiram, como escrevi há alguns dias para o vosso papai. No entanto, já estamos quase no fim do ano, e em breve irei fazer os Exercícios Espirituais e assim passaremos algumas horas juntos, em família, nós dois.

Ofereçamos, então, a Jesus e Maria este pequeno sacrifício, não é mesmo? Reze por mim, digne-se de abençoar esta pobre religiosa que tanto precisa, e acredite sempre, no carinho da sua muito afetuosa tia [...]

Oração pelos sacerdotes

Senhor Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote,
nós Te louvamos e agradecemos
pelo dom sublime do Sacerdócio.
Tu que chamaste homens frágeis para serem
instrumentos do Teu amor, concede-lhes corações
puros e generosos, cheios de zelo e compaixão.
Sustenta-os nas lutas diárias,
fortalece-os na fidelidade à sua vocação,
enche-os com a Tua luz
para que sejam reflexo da Tua presença no mundo.
Faze de suas mãos canais de graça,
de sua voz, o eco da Tua Palavra,
e de sua vida, testemunho do Teu Evangelho.
Maria, Mãe dos Sacerdotes,
cobre-os com o teu manto materno
e guia-os sempre para mais perto
do Coração de Teu Filho.
Amém!

Anônimo



1. APRESENTAÇÃO DOS DOCUMENTOS

Foi apresentado à análise um documento de apenas uma folha, reproduzido em fotocópia, cuja fidelidade é garantida. Trata-se de uma carta redigida com pena metálica e tinta preta em papel, sem linhas. É impossível solicitar outros documentos, pois este é o único escrito que resta do sujeito a ser analisado. O texto começa com as palavras: “V. G. M. G. Villa Prudente 6-1-1931. Boa Irmã Maria de Lourdes”.

A autora da carta – conforme esclarece quem solicitou a análise – possuía baixo nível de escolaridade, o que se evidencia claramente, pelo nível muito elementar de personalidade gráfica. Contudo, chama a atenção a diferença entre o estilo gráfico do corpo da carta e o da assinatura e da nota – “Envio-lhe esta carta...” –, escritas de forma transversal, à esquerda da página. Isso obrigou à realização de um trabalho pericial sobre a identidade de todo o escrito. O parecer dessa perícia concluiu pela autenticidade integral do documento, o que permitiu prosseguir com a análise.

Essa dúvida surgiu porque toda pessoa com pouca escolaridade tende a produzir uma escrita tipicamente incerta, elementar e totalmente desprovida de agilidade e de personalidade gráfica, como se nota na parte final da assinatura aposta de maneira transversal na página. É verdade que nem o texto desta carta apresenta grande personalidade gráfica, fluidez e agilidade; entretanto, no conjunto, o traçado se mostra mais nítido, seguro e personalizado, revelando, portanto, certa individualidade que contrasta com a simplicidade da referida assinatura. Observa-se um cuidado gráfico maior, completamente isento de artificialidade ou afetação, a ponto de quase

se poder defini-lo como uma espécie de “cuidado espontâneo”¹ em uma pessoa de tendência austera.

Do ponto de vista grafológico, isso não é irrelevante, pois a personalidade gráfica é um reflexo direto do potencial da personalidade psicológica. O fato de que, no corpo da carta, exista um senso estético diferente leva a concluir que a simplicidade da escrita decorre apenas da falta de escolaridade, enquanto a autora possui, na verdade, um substrato de personalidade psicológica muito distinto. Isso faz pensar na personalidade gráfica que a autora teria desenvolvido se tivesse podido prosseguir seus estudos e alcançar, assim, a verdadeira espontaneidade do gesto gráfico. Deduz-se que ela possui um potencial de inteligência e delicadeza de alma que não consegue expressar na escrita por falta de prática, mas que se manifesta de modo concreto em sua vida e em suas relações.

A questão deve ainda ser considerada sob outro aspecto grafológico: o significado da assinatura em relação ao texto escrito. O grafólogo deve sempre levar em conta esses dois elementos, verificando se há correspondência ou discrepância entre ambos. No nosso caso, enquanto o texto é mais cuidado e expansivo (veja-se o belo espaçamento largo entre letras), a assinatura não tem qualquer cuidado e é mais apertada entre uma letra e outra. Para ajudar o leitor a compreender, considere-se o seguinte: se o texto da carta tivesse modos artificiais e a assinatura modos simples, tratar-se-ia de uma pessoa que, no plano exterior e social, se revestiria de uma máscara para aparentar uma amabilidade inexistente. Ao contrário, no nosso caso, o texto (isto é, o comportamento social) é moderadamente mais cuidado, personalizado e natural, e a assinatura (isto é, o modo de ser interior) é mais simples e despojada. Isso indica que a autora, no plano social, tem atitudes respeitadas e delicadas,

1. O cuidado espontâneo – que dá origem ao sinal *Accurata spontanea* – é um dos índices que mais qualificam o ser humano, porque revela: a) equilíbrio entre os fatores do inconsciente e da consciência; b) autonomia de julgamento e de ação; c) pessoa evoluída e livre que, percebendo e cultivando os valores superiores da existência humana, persegue metas seguras sem qualquer preocupação em se mostrar bem diante do ambiente. O cuidado espontâneo é, por fim, indício da pessoa que possui senso estético e um sentido de dignidade pessoal que é verdadeiro e autêntico, porque brota da dignidade que ela percebe e venera na personalidade alheia.

mas, em sua interioridade, vive a si mesma em verdade, humildade e simplicidade, impondo-se um regime de vida austero e rigoroso. A maior abertura para o exterior (isto é, o espaçamento amplo entre letras) não é ostentação nem máscara de liberalidade, mas respeito íntimo pelo valor e pela dignidade alheios.

Esse aspecto é importante, porque qualquer leitor, mesmo não grafólogo, percebe imediatamente, o fundo de severa austeridade dessa grafia. Como tal característica tenderia mais a afastar do que atrair, a autora suaviza a severidade e liberta o sentimento. Com isso, revela que, por trás de um rosto de intensa seriedade,² há um coração que palpita de humanidade e de um amor que – como indica o contexto – certamente, não assimilou do ambiente em que cresceu. Tudo isso será bem evidenciado pelo estudo das várias tipologias e características de personalidade.

1.1. Aspectos gerais do documento

Precisando melhor o que foi dito acima, a primeira coisa que salta aos olhos – sobretudo do especialista – é o nível incomum de energia da escritora, com uma trama gráfica caracterizada por acentuada homogeneidade, ordem, firmeza e linearidade. As massas gráficas estão bem distribuídas; as margens são regulares, mas a da esquerda tende levemente a aumentar em direção à parte inferior da página. Os gestos, apesar da inexperiência gráfica, são seguros e nítidos. A pressão é intensa e limpa (veremos mais adiante o significado disso), mas sem forçar os traços descendentes (o sinal *Intozzata I modo* não ultrapassa 4-5/10). Antecipando o que será explicado depois, isso indica que a autora não empenha sua forte energia vital de modo dinâmico para ostentação, confronto ou desejo de dominar.

O texto é ordenado, bem disposto e cuidado, sem artificialidade ou afetação. Como já se observou, chama a atenção o cuidado cortês no corpo da carta e o modo simples e modesto da assinatura. As massas gráficas apresentam um elemento muito importante: a presença simultânea do ritmo do cheio (intensidade do traçado grá-

2. Tenha-se presente que as atitudes interiores sempre se refletem também no rosto, nos olhos, na postura, no tom de voz, em toda a gestualidade.

fico) e do ritmo do vazio (amplo respiro entre os vários elementos gráficos: letras, palavras, linhas).

Percebe-se, imediatamente, o contraste entre a certa escolaridade das formas gráficas e a nitidez e segurança dos gestos; um conjunto de características que corresponde ao que a grafologia chama de “personalidade gráfica”, entendida como reflexo da personalidade psicológica do sujeito que escreve. Isso significa que, junto à incomum energia vital e de caráter, ela une modos delicados e sensibilidade de alma: dois dons, sem os quais, não existe sequer o elemento mental-espiritual que permite sintonia com os fenômenos da vida. Se, além disso, forem encontrados indícios de positivos processos de interiorização, essas qualidades assumirão também o significado de uma vida interior densa e sólida.

1.2. Metodologia

A análise será conduzida segundo o método grafológico italiano de G. Moretti, por uma escolha bem justificada. De fato: a) é o único capaz de uma quantificação exata dos sinais, permitindo definir a irrepetível individualidade do sujeito que escreve; b) é a única grafologia derivada diretamente do homem vivo, possibilitando reconstruir a personalidade com critérios verdadeiramente humanos. Sua semiologia abrange, de fato, todos os aspectos da personalidade: biotipológica, evolutiva e caracterológica, psíquica, afetiva, mental, social, somática e clínica.

Segundo este método, a análise seguirá as seguintes fases:

- **I fase.** Identificação dos sinais gerais presentes em todo o escrito.
- **II fase.** Identificação dos sinais particulares, distinguindo-os – como será explicado – em uma escala diversificada de valores.
- **III fase.** Entre os sinais substanciais, devem ser buscados os dominantes, isto é, aqueles de grau acima da média e superiores a todos os outros. Seu significado será explicado adiante.
- **IV fase.** Atribuição aos sinais particulares das respectivas indicações psicológicas, que serão positivas ou negativas conforme sua natureza e o contexto geral dos sinais.

- **V fase.** Delineamento das grandes sínteses que configuram o quadro total da personalidade: a) o biotipo de base; b) o temperamento; c) a organização do aparato psíquico (atitudes e funções psíquicas junguianas); d) os traços de caráter que fundamentam os diversos tipos de comportamento.

As quatro primeiras fases tornam-se, também, documentação de todas as afirmações subsequentes da análise.

2. SEMIOLOGIA GRAFOLÓGICA

No método morettiano, os sinais possuem uma tripla gama de valores: **substanciais**, **modificadores** e **acidentais**.

- São **substanciais** os que têm valor estrutural da personalidade biotipológica e caracterológica.
- São **modificadores** os que indicam aspectos dinâmicos que alteram, favorável ou desfavoravelmente, os sinais substanciais.
- São **acidentais** os que acrescentam apenas modalidades expressivas, como, por exemplo, espontaneidade, ousadia, etc.

Os sinais devem ser quantificados em décimos, de 1 a 10. A abreviação *mod.* – que, às vezes, aparece próxima ao grau de alguns sinais – indica que estes são positivamente modulados de um pouco mais a um pouco menos. É uma observação muito importante, pois a riqueza de uma personalidade é dada pela sua plasticidade; ao contrário, toda rigidez é indício de pobreza do ser. Essas indicações serão brevemente assinaladas entre parênteses, junto a cada sinal.

2.1. Sinais substanciais

- **Curva 5/10 mod.** (adaptação à realidade e aos estímulos do ambiente, caracterizada por generosidade e forte consciência. Indica que o sujeito possui intenso poder de discernimento para perceber, quando e como, é justo ou não adaptar-se aos estímulos do ambiente. Tal espírito discrimi-

nativo, pressupõe uma vivência difícil e cheia de estímulos que exigiram tornar consciente e personalizada cada resposta de comportamento).

- **Ângulos A 5/10 mod.** (controle consciente e equilibrado do ser e do estar, que no contato com a realidade permite evitar tanto excessivas concessões quanto reservas indevidas).
- **Ângulos B 5/10 mod.** (tenacidade acentuada, mas não irrazoável, que garante estabilidade do ser e do sentir, coesão de pensamento e coerência de vida).
- **Intozzata I modo 4-5/10.** (grande vitalidade e energia que o sujeito emprega em um constante dinamismo construtivo, sem desejo de destacar-se, impor-se, governar ou dominar, embora disponha de forte ascendência psicológica).
- **Intozzata II modo 2/10.** (sensibilidade e receptividade das quais deriva uma emotividade equilibrada, que dificilmente altera o estado psicoafetivo e mental).
- **Fechado entre letras em torno de 7/10.** (atividade perceptiva da realidade, constantemente orientada a produzir, nos planos superiores da mente, uma consciência distinta e setorializada das coisas. Daí intensa atenção e concentração. O sinal está em consonância com o indicado em *Curva*, ou seja, a dependência de uma vivência que exigiu ao máximo a condição de consciência e vigilância).
- **Espaço largo entre letras mod. 5-6/10.** (sentimento que, apesar dos mecanismos inconscientes de intensa vigilância e do esforço da razão, mantém-se constantemente aberto e disponível à compreensão e à necessidade de socorrer e curar).
- **Espaço largo entre palavras** que, no início das linhas, está em torno de 7-8/10 e depois se reduz progressivamente a 3-4/10. (acentuada evolução das funções críticas, que permitem conceber, planejar e agir, sempre a longo prazo, nunca se detendo em sucessos imediatos, com uma visão de conjunto que não perde de vista os detalhes – cf. *Fechado entre letras*. Nesse caso, o espaçamento visível entre palavras – pela presença do tamanho grande – não indica

hipercrítica, mas concepções amplas e ação previdente. O fenômeno é ainda mais positivo porque o sujeito, uma vez adquiridas as devidas seguranças, reduz progressivamente o rigor crítico e não se condena a excessos de tensão).

- **Calibre grande.** (dimensão gráfica superior a 3 mm). Impulso expansivo relevante da energia vital, que leva a conceber e agir em grandes proporções.
- **Calibre desigual metodicamente do I tipo 5/10.** (boa sensibilidade, receptividade e intuição. Uma sensibilidade interior que a experiência tende a não deixar transparecer, imediatamente, ao exterior).
- **Desigual, metodicamente, na inclinação 6-7.** (intuição psicológica que permite compreender as situações íntimas alheias e eleva ao máximo a consciência das coisas).
- **Mantém a linha 8/10.** (firmeza e maturidade de caráter, linearidade, fidelidade, acentuado senso moral e perfeita adesão às normas ou linhas de conduta estabelecidas pelo grupo ou pelo próprio sujeito).
- **Ordenada 8/10.** (grande amor e respeito pela ordem, tanto interior quanto exterior. Alto senso de dependência, mas também grande autonomia de juízo e ação).
- **Homogênea 8/10.** (coesão interior, estabilidade de caráter, coerência entre pensamento e vida; qualidades que tornam o sujeito previsível e confiável).
- **Clara 8/10.** (acentuada evolução das funções discriminativas da mente e do senso moral. Clareza de orientações e de diretrizes).
- **Nítida 6-7/10.** (nitidez mental e moral que qualifica ainda mais a clareza mental e moral expressa por Clara).
- **Pendente méd. 6/10.** (afetividade em constante busca de contato íntimo e comunhão com o objeto de ternura – a figura paterna – ausente na infância. O contexto mostra que tal busca está sempre isenta de languidez afetiva, sentimentalismos e egoísmo; por esse motivo, é passível de altos níveis de sublimação).

2.1.1. Sinais modificadores

- **Fechamento no alto dos ovais 8/10.** (constante controle do mundo dos sentimentos e da influenciabilidade da esfera erótico-sentimental. Prudência, reflexão, ausência de qualquer sombra de fofoca. São qualidades que favorecem ao máximo o recolhimento interior).
- **Hastas retas 8/10.** (inflexibilidade a toda prova diante de influências negativas do exterior: isso se torna um apoio inabalável da vontade e da firmeza psicológica. Pessoa que se quebra, mas não se dobra diante do que não é justo e correto: energia a toda prova, no sustento da justiça e da verdade).
- **Hastas côncavas à esquerda 8/10.** (atitude repulsiva diante do que a consciência sente que não deve aceitar).
- **Decidida 8/10.** (acentuado poder de decisão que corta remorsos e incertezas inúteis, internas ou externas, ocasionalmente até de modo firme e incisivo).
- **Precisa 7/10.** (exatidão em tudo, no planejamento e na condução de qualquer tipo de atividade. É a condição típica do sujeito que sabe sempre o que quer e aonde deve chegar. Daí a pessoa convicta e convincente).
- **Austera 6-7/10.** (austeridade e severidade de costumes, próprias do sujeito essencial em tudo, da pessoa que rejeita tudo o que é marginal e superficial. Pessoa inteira e fiel na observância de toda lei e norma justa).
- **Distinta 8/10.** (é o sinal que se torna a expressão dos sinais anteriores de Clara e Nítida. A explicação do porquê faltam 2/10 para atingir 10/10 neste sinal é dada pelo sinal seguinte).
- **Calma 6/10.** (caráter intenso, mas não impulsivo, tendente a enfrentar com serenidade e ponderação, situações e problemas, dominando qualquer indevida interferência emotiva).
- **Confusa 2/10,** dado por alguns entrelaçamentos entre linhas das hastas inferiores e superiores. (isso indica que, apesar da bela clareza e senso de distinção que caracterizam

as funções do Eu e da consciência, no inconsciente da escrevente, existe alguma zona de sombra que ela supera pela força [cf. acima o alto grau de Hastas retas e de Decidida]. Tal zona de sombra, corresponde às contradições emotivo-afetivas experimentadas na infância e adolescência; diante delas a escrevente fechou os olhos e seguiu em frente; adulta, a força de vontade continua a não levá-las em conta, mas no inconsciente persiste sua presença, mesmo que não consiga prejudicar a clareza do caminho a percorrer).

- **Curva afundada 9/10.** (mesmo na idade adulta a vida impôs fortes sensações de dificuldade e de obstáculo, pelas quais foi necessário acentuar o nível de tensão psíquica e neuroendócrina. O sinal é, de fato, índice de estresse psíquico e físico).
- **Laços de sobriedade 8/10.** (moderação, parcimônia, sobriedade, reserva, constante busca da essencialidade em todas as coisas).
- **Margem esquerda** muito ampla e crescente para baixo. (existe uma energia relevante em constante expansão. O sujeito está bem distanciado da origem e projetado para a frente com crescente generosidade e sem arrependimentos ou preocupações do Eu).

2.1.2. Sinais acidentais

- **Desligada 7/10.** (o ambiente evolutivo impôs uma acentuada ativação das funções conscientes através da análise das situações a enfrentar. Aqui, desapegada, acontece, porém, através de contínuas justaposições que evitam “gestos aéreos” que teriam significado de inseguranças e hesitações, indicando que a escrevente – ainda que se analise em seus comportamentos – não perde poder de decisão, nem continuidade: uma prontidão ao mesmo tempo prudente e sempre oportuna).
- **Apegada 3/10.** (o forte desenvolvimento dos sistemas de vigilância não impediu que a escrevente pudesse expressar de forma sã e consciente, o instinto de contato que

leva a sentir-se em sintonia com o ambiente e com seus problemas).

- **Completa expansiva**, que aqui assume valor de cuidadosa espontânea. (a vivência infantil-adolescente estimulou o sujeito a desenvolver um acentuado controle consciente de si e de suas reações espontâneas, mas ela soube conservar o impulso justo à expansão de si mesma e à participação nos sentimentos e problemas do ambiente).
- **Espadiforme de III espécie**. (o sujeito – por mecanismos já automatizados – é continuamente levado a ponderar e refletir sobre os movimentos interiores; isso reduz um pouco a continuidade do ritmo e a plena espontaneidade do proceder, mas a consciência e o empenho nas coisas saem ganhando).

2.1.3. Sinais substanciais dominantes

Os sinais substanciais que emergem como dominantes são: Mantém a linha 8/10 e Ordenada 8/10, indicando que o núcleo portante da personalidade da escrevente é dado pelos seguintes traços: linearidade tenaz e a toda prova – mesmo a custo de sacrifícios e de ter que pagar pessoalmente –, elevado senso de ordem e respeito daquilo que é necessário para realizá-la e mantê-la.

Sobre esse núcleo substancial que dá suporte, agem, como reforço, outros sinais modificadores de igual grau: Hastas retas 8/10, Firme 8/10, Distinta 8/10, Clara 8/10, Homogênea 8/10, Fechamento no alto dos “o” e “a”. Um conjunto que indica, respectivamente: vontade inflexível diante do que deve ou não deve ser; firmeza moral inflexível; forte poder discriminativo da consciência psicológica e existencial; clareza, coesão interior e estabilidade no tempo; reflexão e compostura interior e exterior.

A partir dessa semiologia de base já é possível compreender como a escrevente tenha iniciado, desde a adolescência, – e talvez desde a infância – um treinamento, não para aquilo que é mais fácil e plano na vida, mas para o que é mais árduo e exigente.

Surge, de forma legítima, a pergunta se, na escola que a educou para esse estilo de vida, ela apenas sofreu uma imposição, ou

se foram a virilidade de seu ânimo e a força de vontade que a levaram a escolhas que – pela semiologia dominante – se configuraram realmente, como pouco cômodas. Outra pergunta poderia ser: nessa escola – que, com clara evidência, impôs muitas repressões de desejos espontâneos e de necessidades – ela suprimiu ou não o sentimento, que também é a base do feminino do qual faz parte? A essas perguntas deverá responder a análise, baseando-se não em prováveis deduções, mas unicamente no contexto da semiologia como um todo.

2.1.4. Avaliação psicológica do contexto dos sinais

Já se viu que, em grafologia, os sinais isolados podem ter significado positivo ou negativo, dependendo tanto de sua natureza, quanto do contexto geral positivo ou negativo.

No nosso caso, o contexto é avaliado como positivo porque a porcentagem de sinais positivos gira em torno de 75%; aquele 25% de positividade incerta tende a emergir de uma configuração psicoafetiva – pelo menos aparentemente – pouco suave e, de certo modo, pouco favorável à maleabilidade e à ternura do coração. Também esses aspectos, contudo, não podem ser absolutizados, pois devem ser analisados à luz da psicologia dinâmica, do temperamento de base, das condições pré-natais, das situações ambientais nas quais a redatora se desenvolveu, e dos tipos de adaptação impostos pelo ambiente infantil e adolescente. Até mesmo uma elevada austeridade – ainda que com alguns limites – pode ser expressão de grande virtude, não excluindo um grau consciente de ternura mais virtuoso do que aquele de quem a possui por espontaneidade natural. Por ora, conta o fato de que o contexto semiológico é, em sua maior parte, positivo; caberá à análise, evidenciar eventuais aspectos menos favoráveis, dos quais, aliás, nenhuma personalidade está totalmente isenta.

3. ANÁLISE DA PERSONALIDADE

Peço desculpas desde já se, durante a análise, surgirem repetições. Em uma análise de personalidade isso é, praticamente inevitável, porque certos traços e modos de ser precisam ser observados sob múltiplos aspectos dinâmicos. Quem realiza a análise percebe isso claramente, mas é necessário que também o leitor esteja consciente.

3.1. Constituição

Com esse termo, entende-se, a combinação dos fatores biológicos que estão na base do desenvolvimento fisiológico, humoral e funcional – sempre extremamente diferenciado – do indivíduo humano. O estudo e a análise dessa base estão hoje fundamentados, sobretudo, no grau e no tipo de evolução das lâminas embrionárias do endoderma, do ectoderma e do mesoderma. As ciências clínico-holísticas, entretanto, preferem fazer referência à biotipologia hipocrática do “linfático”, do “nervoso” e do “sanguíneo”, e isso porque, estudando-a profundamente, Périot – um neurofisiologista dos Hospitais Reunidos de Marselha – constatou que ela leva em conta sobretudo a função dessas lâminas embrionárias:

- o linfático – ou endoderma – como função digestivo-assimilativa;
- o nervoso – ou ectoderma – como função nervosa da sensibilidade e da aceleração psicomotora (ativação da musculatura rápida);
- o sanguíneo – ou mesoderma, que ativa a musculatura lenta – como função respiratória e como expressão de potência da energia vital.

O maior interesse por essa tipologia, porém, está no fato de Hipócrates, ter acrescentado, um quarto elemento, chamado “bilioso”. Este reveste notável importância no plano dinâmico, caracterológico e clínico, porque diz respeito ao fator “tensão”, que organiza e administra a energia vital de um indivíduo, de modo que, a psique disponha da energia necessária para controlar a relação entre o ambiente interno e o externo.

Em parte, o fator bilioso, é certamente, adquirido, também nas fases adolescente e adulta; mas quando – como no nosso caso – ele é de nível muito elevado, é certamente, em grande parte, de origem pré-natal, como efeito da ressonância do feto com a tensão da mãe gestante. Esse ponto será retomado na análise do ambiente de desenvolvimento.

É um fator determinante da personalidade porque, enquanto sua ausência implicaria falta de “tensão” dinâmica do ser, de vontade, de organização psíquica e existencial e, portanto, de ordem, seu excesso poderia se tornar causa de dureza, inflexibilidade e esfriamento do ser, pelo absolutizar-se da vontade que oprime o sentimento.

Na medida certa:

- o fator linfático é fonte de senso prático e de estabilidade; quando em excesso, determina baixa vitalidade, estaticidade, monotonia e frieza do ser;
- o fator nervoso sensibiliza e anima a afetividade; por outro lado, acelera e vivifica a psicomotilidade; mas, quando prevalece em excesso, degenera em inquietação, hipersensibilidade, instabilidade e desordem;
- o fator sanguíneo é fonte de potência, de impulso ativo e irradiativo; quando exagerado e sem equilíbrio com o fator nervoso, reduz-se a mera força sem sensibilidade e sem interioridade.

Postas essas premissas, a análise da constituição da redatora fornece os seguintes resultados:

- Linfático: 17%
- Nervoso: 14%
- Sanguíneo: 26%
- Bilioso: 43%

Esse quadro constitucional delinea um substrato biotipológico e psicofísico dotado de grande estabilidade e senso prático (fator linfático), de elevada energia física, de impulso do Eu para sair de si e enfrentar dificuldades (fator sanguíneo). A sensibilidade é boa (fator nervoso), mas constantemente dominada por uma ener-

gia psíquica, ainda mais elevada (fator bilioso), que potencializa a estabilidade e o senso prático do fator linfático e o empenho das energias vitais do fator sanguíneo.

A predominância do bilioso aqui é tão marcante que, ao fazer prevalecer a vontade e o domínio de si sobre a espontaneidade e o sentimento, poderia tender a concentrar em excesso o ser em si mesmo, tornando-o formalizado e, de certo modo, isolado. Algo, porém, impediu que a severa austeridade – típica dos sujeitos demasiadamente biliosos e volitivos – se transformasse em insensibilidade e dureza. Isso é demonstrado pelo bom espaçamento entre as letras (já reconhecido como índice de expansão generosa de si), aliado ao cuidado gráfico espontâneo: tudo revela um contexto comportamental que expressa respeito e veneração pelo próximo. Isso significa que ela acolheu e assimilou mensagens de ordem superior que suavizaram essa sua espécie de “voluntarismo”.

É necessário reconsiderar, também, aquele senso estético, quase espontâneo, que permeia – apesar de sua elementaridade escolar – as formas desta escrita. Psicologicamente, por “senso estético” entende-se a íntima compreensão e vivência das cores e dos tons da vida em geral, e especialmente, do mistério da personalidade alheia; daí brotam sentimentos que abrem o coração à acolhida e, são capazes de mitigar, até mesmo o rigor ao qual tende o excesso de “bilioso”. Esta é a hipótese explicativa das aparentes contradições entre austeridade e senso estético da nossa autora.³ A psicologia conclui que a redatora, tão fortemente concentrada em si mesma e, quase inexorável, quanto à observância e fidelidade às próprias escolhas de estilo de vida, – embora, sem sombra de permissividade – torna-se mais suave e compreensiva em relação aos outros.⁴

De todo modo, esse quadro biotipológico mostra uma natureza dotada de rara energia física e psíquica.

3. Também o olhar do leigo pode perceber a elegância e o espaçamento entre as letras, com os quais a escrevente suaviza a forte tensão gráfica (veja-se as hastes retas, rígidas e longas).

4. Na semiologia, isso resulta da combinação dos índices de firmeza inflexível com os do senso estético do cuidado gráfico e do senso psicológico das condições psíquicas alheias, expresso pelo sinal *Desigual metódico* da inclinação.

3.1.1. Tipologia junguiana

Após a análise do biótipo de base, reveste grande importância a da tipologia junguiana, porque esta, sem prescindir da constituição, torna-se descritiva de significativas modalidades do ser, do sentir e do modo de se colocar diante da vida. A tipologia junguiana permite, de fato, analisar a forma como certas atividades fundamentais da psique estão organizadas. Dessa organização dependem o equilíbrio ou o desequilíbrio, a saúde ou a patologia psíquica e mental.

3.1.2. Atitudes vitais

Por atitudes vitais, Jung, entende o modo – equilibrado ou não – com que o Eu e suas energias se orientam diante das duas instâncias humanas fundamentais que fazem parte do inconsciente: a dimensão coletiva – definida como extroversão – e a dimensão interior – definida como introversão. Em geral, uma das duas tensões tende a prevalecer sobre a outra, mas é preciso ver em que proporções, porque uma predominância absoluta seria indício de patologia. Tudo deve, como sempre, ser avaliado à luz do contexto global que, no nosso caso, já se mostrou, em sua maior parte, positivo. A prática ensina que, nas personalidades dotadas de verdadeira interioridade e de empenho existencial – como são, em geral, as dos santos – tende a prevalecer a dimensão interior.

No nosso caso, a análise das atitudes vitais oferece os seguintes dados: Introversão: 63% – Extroversão: 37%

A predominância da introversão aqui é positiva, não só porque deixa espaço para um bom 37% de extroversão, mas também porque a sustenta com a riqueza da interioridade. O contexto mostra, de fato, que – dada a forte autonomia da qual é capaz a redatora – o movimento para o exterior não é motivado pela necessidade de distração ou de apoio, mas pela abundância da interioridade e pelo impulso de doar-se⁵ e irradiar a riqueza acumulada no íntimo.

5. Isso, repetimos, é expresso pelo espaçamento entre as letras; e o fato de fazê-lo com delicadeza é indicado pelo cuidado gráfico que suaviza a certa dureza do conjunto.

3.1.3. Organização das funções psíquicas

Jung identificou quatro funções ou atividades fundamentais da psique humana:

- **Sensação:** é a atividade com que a psique representa a realidade exterior por meio da percepção sensorial; dela dependem a adesão à realidade, o senso prático e o grau de vitalidade dos sentidos.
- **Intuição:** é a função – ainda misteriosa – com a qual a psique percebe, espontaneamente, como por instinto, aquilo que está oculto dentro e além da superfície das coisas percebidas pelos sentidos. Diferentemente da sensação, que capta mensagens de baixa frequência provenientes da superfície das coisas, a intuição capta informações de alta frequência, conferindo à psique um poder de abstração do qual a sensação carece; por isso, é a função privilegiada que está na base da inteligência original e criativa.
- **Sentimento:** Jung o entende como a função do coração. Indica, portanto, o grau de capacidade de envolver-se, emocional e afetivamente, com a realidade percebida pelas duas funções anteriores. É indubitavelmente uma função de avaliação da objetividade, mas sob a chave afetiva e apenas da emotividade. Por isso, é vista como uma forma de subjetivação da realidade.
- **Pensamento.** Para Jung, é visto como a função racional e consciente que orienta e gerencia todas as atividades espontâneas dos centros inferiores do cérebro (percepções, sensações, intuições, sentimentos, lembranças, experiências, etc.). Diferentemente do sentimento, que avalia e se envolve com base nas emoções de prazer-dor, atração-repulsão, o pensamento avalia o valor dos objetos com base na sua natureza objetiva; por isso, tem valor racional e abstrativo. Nesse sentido, está em antítese com o sentimento.

Deve-se lembrar que, essas quatro funções, são pares de opostos: sensação-intuição, sentimento-pensamento, de modo que a prevalência de uma delas reduz o nível da outra. Onde há muita sensação, por exemplo, existe pouca intuição. O mesmo acontece

no par sentimento-pensamento. Portanto, é sempre uma questão de equilíbrios.

No nosso caso, a análise das funções psíquicas revela estes dados: Sensação 17% – Intuição 14% – Sentimento 29% – Pensamento 40%.

É um quadro bastante positivo, pois define uma atividade psíquica em que a mente, com seu senso prático (sensação), nunca perde o contato com a realidade; sabe ver e ir além dos dados sensíveis (intuição); avalia tudo, intensamente, de modo lógico e crítico (pensamento), sem esfriar o coração e a capacidade de ternura (sentimento). É relevante o fato – verdadeiramente singular – de que os fatores racionais do pensamento e da consciência, tão fortes e predominantes entre todas as atividades psíquicas, deixam amplo espaço, também, para um sentimento que, o contexto mostra, não ter sido certamente assimilado pelo ambiente.

Esse tipo de análise, também permite, lançar um primeiro olhar retrospectivo sobre a vivência da escritora, pois é o próprio Jung quem descobre que uma função psíquica não se desenvolve em alto grau, se o indivíduo, não encontrou dificuldades no ambiente evolutivo. Sendo aqui dominante a função do pensamento, significa que a vivência, de certo modo, a “forçou” a refletir e pensar muito. Também P. Valéry observa que, “nós pensamos quando nos deparamos com obstáculos”; isso significa que, neste caso, a vida não foi nada fácil, oferecendo muitos estímulos para reprimir necessidades e sentimentos espontâneos. Segundo Szondi, isso tende a provocar fixações neuróticas na fase, que ele define, como *homo repressor*, isto é, o homem que, em consequência das repressões impostas pelo ambiente, torna-se violento contra si mesmo e contra os outros. Só, adequadas sublimações, o fazem evitar isso. Pelo contexto, aqui se vê que houve uma capacidade incomum de sublimar sofrimentos íntimos e renúncias.

3.1.4. Atitudes das funções psíquicas

Não basta avaliar o grau de evolução das funções psíquicas, mas é necessário ver qual é a sua atitude, pois elas, também seguem a atitude extrovertida ou introvertida da base da psique. Isso

é importante porque, uma mesma função – dependendo de uma ou outra atitude – tem comportamentos e efeitos muito diferentes dentro da personalidade. Sem nos demorarmos em muitas explicações, passemos logo aos resultados do nosso caso, no qual constatamos, como prevalente, a **introversão**.

- **Sensação introvertida.** O sujeito, após perceber a realidade, não retorna, imediatamente para o exterior, mas espera que os centros superiores da psique elaborem os dados. Dessa forma, não se perde imediatamente na realidade exterior, evita se abandonar às sensações mais imediatas e dar muito espaço à vida sensitiva (como faz o tipo sensação extrovertida). Esse comportamento evita, sobretudo, o risco da superficialidade e de atribuir importância indevida ao lado material das coisas.
- **Intuição introvertida.** Como o intuitivo vive das emoções derivadas das novas coisas que intui, o tipo introvertido não dilui, imediatamente, essas emoções, mas as interioriza, elabora e estrutura em um pensamento rico e personalizado, diferentemente do tipo extrovertido que, esgotando rapidamente tais impressões, é forçado a buscar novas emoções cognitivas. Assim, corre o risco da curiosidade excessiva, instabilidade, dispersão, vagabundagem mental, afetiva e existencial. O processo de interiorização, em vez disso, faz com que, no tipo intuição introvertida, se produza uma paixão progressiva e intensa pelo conhecimento e aprofundamento.
- **Sentimento introvertido.** É o tipo que vive das emoções do coração, mas de maneira bem diferente, dependendo da atitude extrovertida ou introvertida. O primeiro, entrando, em sintonia com os sentimentos do ambiente, dilui rapidamente as emoções e não interioriza nada. O senso de vazio o obriga a retornar, rapidamente, ao ambiente em busca de novas emoções afetivas. Também o tipo introvertido sente, em sintonia com o ambiente, mas, pela presença da função pensamento, interioriza os sentimentos, os intensifica e busca, intuitivamente soluções para os problemas do ambiente do qual participa. A atitude pensativa – que lentamente o caracteriza – tende, externamente a dar uma espécie de

impressão de distância; na realidade, é a pessoa mais constantemente disponível, de ânimo e de empenho prático, em relação ao ambiente, revelando-se, assim, como o caráter mais dotado de senso social.

- **Pensamento introvertido.** Ao contrário do tipo extrovertido que, faltando-lhe a devida dimensão interior, acolhe o pensamento comum do ambiente, sem aprofundar nem personalizar os conteúdos, o tipo pensamento introvertido interioriza constantemente o aprendido e empenha o poder intuitivo e introspectivo, de modo que possui uma personalidade de ideias e de pensamento próprias, um modo próprio de ser, de avaliar e de se orientar. Obviamente, é preciso levar em conta a complementaridade com as outras funções; se, por exemplo, faltar a justa dimensão da Sensação e do Sentimento, perdendo-se nos meandros da própria mente, o pensamento introvertido torna-se demasiado subjetivo, abstrato e rígido. Isso não ocorre no nosso caso porque, dominando as funções mais conscientes do Pensamento e do Sentimento, permanece íntegra a contribuição do senso prático (da Sensação), e as próprias intuições, são orientadas no plano da realidade.

3.1.5. Caracterologia de Le Senne

Torna-se importante a investigação da personalidade segundo esta caracterologia, porque considera alguns traços da personalidade que se tornam fundamentais para a definição do caráter. São eles: a emotividade, a atividade, a primariedade, a secundariedade e a amplitude do campo de consciência.

- **A emotividade** é entendida como a capacidade que a afetividade tem de responder de forma mais ou menos intensa aos estímulos do ambiente. Dado seu conhecido risco, de excitar e perturbar as funções do Eu e da consciência orientadora, conforme o grau, a emotividade interfere positiva ou negativamente na organização e na atividade interior e exterior da personalidade. O mesmo autodomínio deve sempre ser considerado em relação à emotividade e à maneira como esta é controlada e administrada.

- Oposto à emotividade está a **não emotividade**, que pode depender de duas condições. A primeira é biotipológica, ou seja, ligada a uma constituição pouco vibrante, portanto com uma afetividade pouco apta a sintonizar-se com os fenômenos e estímulos da vida. A segunda é caracterológica, e ocorre quando um sujeito, constitucionalmente dotado de intensa emotividade, alcançou tal equilíbrio psíquico a ponto de ser senhor de suas próprias reações emocionais, chegando a parecer imperturbável (um quase não emotivo) aos olhos do ambiente. A condição ideal é esta última; de fato, por si só, a emotividade qualifica positivamente a personalidade, pois se torna fonte de todo elevado e intenso sentir humano: a ternura, o amor, a compaixão, a sociabilidade, a arte. Assume caráter patológico, quando é, de alto grau e não é controlável pela razão e pela vontade; nesse caso, não é possível gerir e canalizar, dinamicamente, as energias liberadas pela emoção.
- Segundo Le Senne, não existem no mundo sujeitos, totalmente inertes, porque isso equivaleria à frieza humana. É, portanto, apenas uma questão de graus; com o termo “emotivos”, a caracterologia indica apenas os sujeitos hiperemotivos.
- **A atividade.** É entendida como o impulso endógeno de sair de si para agir, empreender e realizar, superando, com coragem e perseverança, os contrastes e obstáculos da vida. Nesse sentido, a atividade, ao mesmo tempo que responde a uma necessidade íntima e ao gosto de agir (a libido junquiãna), é, também, expressão de vitalidade, dinamismo, iniciativa, espírito construtivo, senso de identidade do Eu.

Oposto à atividade, Le Senne, coloca-a, não na atividade, entendida não como inação, mas como agir por motivações, não endógenas, e sem aquelas qualidades vistas acima para a atividade. Além de estar em risco de ineficiência, a não atividade é fonte de não identidade pessoal e – segundo J. Rivière – até mesmo de muitas doenças mentais.

- **A primariedade.** É entendida como a tendência e a atitude de responder com imediatismo e espontaneidade aos estímulos, sem muita reflexão ou elaboração de modelos de

comportamento adequados às circunstâncias. É um traço importante, porque, se moderado, é fonte de frescor, calor, espontaneidade, superação, renovação. Em grau excessivo, assume a forma de impulsividade, irreflexão, instintividade, dispersão mental, afetiva e energética.

- **A secundariedade**, corresponde ao poder da psique de inibir o impulso primário, de responder aos estímulos, dando lugar à reflexão, consideração, deliberação, programação dos modelos de comportamento adequados. Quando está em equilíbrio com a primariedade, torna-se fonte de maturidade, interioridade, profundidade, domínio de si e das situações. Quando, em excesso, torna-se fonte de intempestividade, bloqueios psicoemocionais e instintivos, de hábitos rígidos, de estereotipia psíquica e mental, até o esfriamento do ser por distanciamento afetivo, em relação aos fenômenos da vida. Embora, não sejam a mesma coisa, existe certa relação entre extroversão-introversão e primariedade-secundariedade.

Quanto aos traços de emotividade-atividade, a análise fornece os seguintes resultados: Emotividade 18% – Não emotividade 29% – Atividade 43% – Não atividade 10%.

Em harmonia com o biotipo de base, esse quadro mostra, claramente, que a aquisição da secundariedade permitiu à escritora, espírito reflexivo, profundidade de análise ponderada dos prós e contras das coisas, elevado domínio de si e das próprias emoções, juntamente com uma calma, que é fruto de uma firmeza, que não se deixa influenciar e que, até o olhar inesperto, percebe em todo, o grafismo.

Um conjunto de elementos que explicam o sinal Austera, que surgiu durante a pesquisa da semiologia. Por temperamento, ela teria tido uma emotividade normal (cf. o justo grau de “nervoso” de Hipócrates), mas a análise do vivido, mostrará que o ambiente evolutivo, provocou estados emotivos, sobre os quais, ela teve de exercer um forte controle, obrigando-se a acentuar o fator bilioso, que já era de alto grau, desde o nascimento. Ora, o fator bilioso possui muitos pontos de contato com a **secundariedade** de Le Senne.

Quanto à primariedade–secundariedade, a análise dá os seguintes resultados: Secundariedade: 75% – Primariedade: 25%

De acordo com o princípio, segundo o qual, um traço da personalidade assume sentido positivo ou negativo em função do contexto, no nosso caso, uma prevalência, tão nítida da secundariedade deve ser interpretada, positivamente: por um lado, como elevado nível de domínio de si, por outro, tanto como atitude reflexiva e meditativa, quanto como acentuada organização da atividade e, como ordem interior e exterior. É, também, positivo o fato de que, ainda que limitado, permanece um âmbito de primariedade que ressurgue quando, após madura reflexão e ponderação, chega o momento de agir. Em outros termos, o sujeito, depois de refletir bem sobre as coisas, decide de modo firme e seguro, sem ambivalências nem incertezas.⁶

3.1.6. A amplitude do campo de consciência

Em psicologia, entende-se por **amplitude do campo de consciência**, a quantidade de representações, imagens e conceitos que a consciência consegue manter, simultaneamente presentes, de modo integrado. O oposto da amplitude é a estreiteza do campo. À justa amplitude de campo de consciência atribui-se: visão de conjunto, flexibilidade, tolerância, adaptação afetiva e prática, humanidade, expansão, permeabilidade, lógica divergente, capacidade de rever e de se colocar em discussão. Os excessos, porém, correm o risco de gerar vaguidão, indefinição, uma visão nebulosa das coisas.

Psicologicamente, à justa estreiteza de campo de consciência correspondem: intensa tomada de consciência, nitidez, profundidade, verificação, lógica convergente, reserva, especialização, unidade, finalidade. Aos excessos atribuem-se: tomada de consciência rígida, exagero do espírito analítico, impermeabilidade, integralismo, fixidez, estereotipia. Se os excessos de amplitude produzem vaguidão e nebulosidade na mente e na consciência, as mesmas

6. Esse poder de decisão, isento de incertezas e ambiguidades, é expresso pelos sinais Firme, Resoluta e Precisa. Isso se comprova pelos sinais Clara, Distinta, Espaçamento entre palavras e, sobretudo, Espaçamento entre letras, cujo significado já foi explicado.

condições criam os excessos de estreiteza pela incapacidade de perceber as coisas em seu conjunto. O equilíbrio se dá, quando as duas modalidades coexistem no grau justo e interagem entre si.

Existe relação entre emotividade e campo de consciência, pois, onde prevalece, exageradamente, a emotividade; há uma impressionabilidade que, diante de certos estímulos, reduz a clareza, o controle consciente e, conseqüentemente, a amplitude de campo.

No nosso caso, a semiologia mostrou que, na escrevente, teve de prevalecer a estreiteza do campo de consciência, pela necessidade de controlar a situação evolutiva, mas ela soube conservar – ou talvez recuperar – a justa dimensão de amplitude, sobretudo no que diz respeito à clareza da consciência orientativa, da consciência existencial, da projetualidade de vida e da relação de amor com o ambiente.⁷ É um equilíbrio de difícil realização e que não seria possível alcançar, sem elevado grau de inteligência prática (intelectualmente, não é um sujeito que se perde em abstrações teóricas).

Ao olhar do grafólogo experiente, o seu grafismo revela correção, intensa interioridade em que coexistem sofrimento⁸ e profunda paz: é esta última que lhe abre o coração (cf. o bom espaçamento entre letras, em oposição ao pouco espaçamento entre elas), quando entra em contato com a dimensão do não-Eu, ou seja, com a dimensão do espírito e do homem.⁹ O próprio Jung afirma que, numa prevalência positiva da dimensão introversiva, existe uma amplitude na qual se reencontram em harmonia o Eu, a natureza, a vida, o homem e Deus.

3.1.7. Caracterologia morettiana

Para a análise da personalidade é importante considerar, também, esta caracterologia pelo fato de que – única em seu gênero

7. Isso se comprova pelos sinais Clara, Distinta, Espaçamento entre palavras e, sobretudo, Espaçamento entre letras, cujo significado já foi explicado.

8. Note-se a quase sensação de sofrimento nas palavras da assinatura.

9. Observe-se a diferente modalidade do texto da carta (foi assinalado que, no plano simbólico, enquanto a assinatura indica o comportamento íntimo, o texto da carta revela o comportamento social, ou seja, o modo de se relacionar com o exterior); deste último, transparece uma paz autêntica, não simulada: uma espécie de austera mansidão que rompe as barreiras da forte austeridade interior.

– ela coloca na base do caráter, quatro fatores psíquicos comuns a todo indivíduo, dinamicamente compostos em dois pares: **assalto–espera, resistência–cessão**.

Analisados a fundo, esses traços não são apenas a base do caráter de cada indivíduo, mas correspondem aos quatro mecanismos, com que a natureza administra a conservação, a evolução e a expansão de todo tipo de vida.

- **Assalto** → tem sentido de poder e eficiência no enfrentamento dos contrastes e obstáculos do ambiente e da vida. Dele depende a territorialidade necessária a todo ser, para garantir a sobrevivência individual e da espécie. É coeficiente de energia, atividade, crescimento, confiança e identidade. Só por desvio se torna invasão destrutiva, violência, agressividade, prepotência.
- **Espera** (aspera em Moretti) → tem sentido de reflexão, ponderação, previsão, necessárias às faculdades decisórias e à eficiência na ação. Se, portanto, o assalto é fator de excitação, a espera o é de moderação, de orientação, de controle e de consciência. Em excesso, torna-se fonte de suspensão de ânimo, insegurança, ansiedade, intempestividade e incapacidade de enfrentar e realizar.
- **Resistência** → significa capacidade de se opor e conter todo tipo de invasão destrutiva do indivíduo, tanto a invasão de agentes externos, quanto dos impulsos instintivos e apetites que, tentem minar o equilíbrio psíquico e as atividades superiores do espírito. Também, indica a capacidade de não ceder, de não se deixar dominar por desânimos ou inconsciências. Desse fator, deriva a capacidade de resistência ao esforço, de continuidade e de fidelidade. Entendida como resistência a agentes destrutivos externos, torna-se condição, não só de sobrevivência, mas também de evolução: são, de fato, os indivíduos fortes que, resistindo aos agentes nocivos do ambiente, fortalecem e fazem evoluir a espécie. Em sentido psíquico e moral, a resistência é condição de liberdade de espírito, de crescimento interior, de elevação do ser. Só por desvio, pode se tornar oposição irracional, obtusidade, fechamento, dureza e teimosia.

- **Cessão** → em sentido positivo significa oblatividade, disponibilidade para a doação de si sob duas modalidades: a) em relação à espécie, com dedicação e amor que implicam a entrega ao instinto sexual, ou seja, ao instinto de continuar a vida da própria espécie; b) em relação ao ambiente, com disponibilidade e dedicação ao serviço do próximo. Só por desvio, a cessão se torna fraqueza, cedência, covardia, depressão.

Como parte orgânica do aparato psíquico, esses quatro fatores revestem grande importância na análise da personalidade sob vários aspectos: a) equilíbrio ou desequilíbrio psíquico e existencial; b) equilíbrio ou desequilíbrio afetivo e moral; c) equilíbrio ou descompensações energéticas, pois cada um deles mobiliza energias da psique. Nesse sentido, interessa também ao plano clínico-médico.

No nosso caso, a análise desses quatro fatores do caráter dá os seguintes resultados: Assalto: 13% – Espera: 24% – Resistência: 46% – Cessão: 17%.

Não deve aqui enganar o baixo nível de assalto, como se a autora fosse uma tímida, incapaz de enfrentar as dificuldades da vida (note-se acima o alto nível de atividade emergido da caracterologia de Le Senne); isso indica, antes, que ela, por natureza, não é inclinada à agressividade, mas sim à conciliação consciente¹⁰ e construtiva. Aliás, é sabido que o assalto mais eficiente não é o que se lança contra os obstáculos, mas aquele sustentado por firmeza, consciência, empenho e senso de espera.

Importante, também, a análise do alto grau de **resistência (46%)**, que aqui não deve ser entendida como oposição contra o externo, mas contra si mesma, pela violência com que teve de se opor às reações instintivas diante de um ambiente evolutivo, para ela, cheio de dificuldades para sentir-se em sintonia¹¹ e livre na

10. Veja-se o sinal *Desigual metódico* da inclinação, combinado com o *Espaçamento entre letras*.

11. Com esse termo, Bleuler entende o sujeito cuja afetividade está em sintonia com as pessoas ao seu redor e com as circunstâncias do ambiente; os sentimentos atuais, encontram-se todos internamente harmonizados e, assim como as aspirações, unificados.

expressão do Eu e das tendências. O esforço de superação de si mesma consistiu em sublimar o instinto natural de reação contra a repressão de afetos, sentimentos e necessidades espontâneas. Na vida adulta, a resistência a ajuda a superar todo possível senso de cansaço ou de dificuldade. É a sublimação que lhe permitiu sair da fase do *homo repressor*, mencionada acima, e assim chegar a expressar aquele belo 17% de cessão. Não parece baixo este grau de cessão; ele adquire um valor singular, porque não é fruto de espontaneidade inata, mas de intensa consciência.

Em definitivo, também esta caracterologia nos apresenta o quadro de um raro e difícil equilíbrio, fruto de seu intenso “pensar” sobre mensagens que, com evidência, ultrapassavam o sentir humano normal.

3.1.8. Temperamento

Etimologicamente, o termo *temperare* indica o ato de combinar em certas proporções os elementos de um conjunto com o objetivo de corrigir excessos ou carências. Referido ao biótipo, o termo indica a maneira mais ou menos equilibrada com que se desenvolveram as três lâminas embrionárias; de fato, cada um desses fatores contribui para a constituição fisio-psíquica (funções fisiológicas, estrutura ósseo-muscular) e neuroendócrina (riqueza da atividade hormonal que, regula tanto a vida fisiológica quanto a psíquica).

O temperamento determina o tipo e a intensidade das respostas neuroendócrinas aos estímulos da vida, os tempos e a intensidade da reação das quais derivam as emoções e os comportamentos típicos de um sujeito. Ainda que, depois, intervenham outros fatores ambientais e de aprendizagem, a base que tende a distinguir o comportamento adulto no nível afetivo, mental, íntimo, prático e social é, sobretudo, essa base temperamental.

Por estar tão ligado à constituição, o temperamento é imutável, mas o vivido modifica sua expressão, em função dos ajustes aos estímulos do ambiente evolutivo, e dos aprendizados da experiência, dando origem ao caráter, que, por isso, é passível de mudanças no tempo.

Essa premissa teórica nos permite compreender, através da análise da constituição, realizada acima, qual seja o temperamento

da escrevente. O fator mais elevado (26%) revelou-se o **sanguíneo**, que é fonte de intensidade vital e metabólica, de impulso para mover-se, agir; empenhar suas energias, superando obstáculos de impulso para encontrar; de capacidade de exercer influência ativa sobre o ambiente;¹² um conjunto de qualidades que, também, se define como dinamismo, autonomia de personalidade e de ação: coisas que faltam nos tipos vitalmente fracos. Potencialmente, portanto, o seu é um temperamento vital que, de uma forma ou de outra, sempre deixa um rastro atrás de si.

Em segundo lugar (17%) encontra-se o fator **linfático**, que já vimos, ser fonte de estabilidade e senso prático. Se esse tivesse sido dominante, teríamos um sujeito pouco dinâmico, tendencialmente passivo e, portanto – como o define a biotipologia – preocupado, apenas, com a segurança de sobreviver. Combinando-se, no entanto – como em nosso caso – com um fator sanguíneo elevado, garante estabilidade, constância e senso prático na atividade.

Em terceiro lugar (14%) surgiu o fator **nervoso**, visto anteriormente como fonte de sensibilidade, receptividade, emotividade, iniciativa mental (na tipologia junguiana ele se torna de fato intuição). Esse fator não é muito alto, mas é suficiente para animar, de maneira satisfatória, os dois anteriores.

Acima de todos (43%), porém, revelou-se a **tensão do bilioso**, que, de certo modo, condiciona e freia a expressão da sensibilidade; quando é muito elevada, reduz a expansão do Eu e condensa ao máximo o ser em si mesmo, e no empenho de todas as próprias energias.

Deste quadro, emerge um temperamento vital e psiquicamente forte, tendencialmente pouco inclinado à expansão espontânea do Eu. Com base nisso, a motivação existencial deveria ter sido pouco aloclétrica, e a evolução do caráter teria corrido o risco de assumir as características do bilioso, como o descrevem os dicionários: “fechado em si mesmo, cheio de bile, rancoroso, irascível, dominador”. Se, ao contrário, encontramos uma evolução do caráter

12. Somente as personalidades fortes são capazes de exercer uma influência – positiva ou negativa, conforme o caráter – sobre o ambiente. Já os sujeitos fracos são apenas influenciados pelo ambiente.

ter que corrigiu de modo evidente essas tendências, significa que o sujeito operou grandes modificações interiores, conformando-se a linhas de mentalidade e de conduta, que se tornaram fermentadoras e libertadoras.¹³

3.1.9. Ambiente evolutivo

Ninguém hoje nega que, na orientação das tendências dos indivíduos, intervenham fortemente, também, as influências do ambiente evolutivo. A grafologia permite reconstruir muitos aspectos dos condicionamentos desse ambiente, sobretudo pelo modo como repousam no inconsciente de quem escreve as imagens parentais e, como se organizam as várias funções da psique.

Através da análise do biótipo e das tensões inerentes às estruturas de base de um sujeito escrevente, a grafologia também consegue remontar ao tipo materno e às próprias condições psicoemocionais da mãe gestante, ao seu grau e tipo de tensão. Não há mais dúvidas de que, isso incide de modo determinante, no plano emocional, sobre a estrutura biotipológica e temperamental do filho no ventre, desde os primeiros momentos da vida uterina. O próprio nível do fator bilioso, mencionado acima, é fruto da ressonância do feto com a tensão materna.

No nosso caso, emerge uma figura materna vital, dotada de muita energia e força de temperamento. Pelo contexto, parece que a mãe tenha sido a figura dominante entre os pais. Suas condições emotivas, durante a gestação, mostram-se muito tensas,¹⁴ predispondo, também a filha que, carregava no ventre, a fortes tensões (veja-se o alto grau do fator bilioso).

Nem mesmo no período pós-natal a relação com a mãe foi serena¹⁵ o que intensificou ainda mais, além do normal, a busca

13. Seguindo a semiologia – e, precisamente, o *Espaçamento entre letras* (que é indício de abertura do sentimento) –, o leitor terá notado que, com a evolução do caráter, na escrevente a motivação do temperamento colérico inato se orientará para um movimento alocêntrico e altruísta.

14. À parte o tipo materno que emerge da escrita, seria importante também conhecer o número de gestações anteriores àquela da nossa escrevente.

15. Na carta em análise, a margem esquerda tão ampla, em um sujeito com tendência introvertida como a escrevente, indica a necessidade de se libertar da proteção materna.

pelo envolvimento emotivo-afetivo da figura paterna: uma busca que permaneceu apenas no desejo, obrigando a escrevente, quando criança e adolescente, a pensar muito, impor-se controle e interiorizar sentimentos e necessidades espontâneas.¹⁶ A necessidade não realizada do objeto psicológico de ternura permaneceu sempre ativa e intensa no inconsciente (*sinal Pendente* de alto grau).

Os padrões educativos, dentro da família, parecem ter sido corretos, mas rigorosos, se não mesmo rígidos. O grande mérito de inteligência e de coração da escrevente foi aquele já mencionado acima: ter progressivamente sublimado as repressões infantis e da adolescência, impedindo assim, que seu caráter se expressasse de modo violento e dominador contra o ambiente. O contexto mostra que ela guardou, para si, o sofrimento e o controle da afetividade, refletindo (*espera*)¹⁷ e reprimindo cada impulso de revanche ou reivindicação (*resistência*), tornando-se capaz de reservar todas as energias restantes para a doação de si mesma (*cessão*).

Que ela tenha chegado à verdadeira pacificação do espírito, é demonstrado pelo já dito: o grafismo transmite paz, através das dobras do comportamento – tanto no gráfico quanto no somático – de sua forte austeridade.¹⁸ Compreende-se, então, o valor revelado pelo quadro do caráter segundo Moretti, expresso na fig. 1.

Não dispondo de grafias muito juvenis, o grafólogo não pode saber quanto tempo a escrevente levou para chegar a conformar assim o seu caráter.

Ajudamos o leitor a interpretar esse gráfico. O campo de aplicação revela, em qual direção de comportamento, ela orientou todas as suas energias psicofísicas, qual foi sua motivação existencial

16. Daí a prevalência da função junguiana do pensamento, a dominante dimensão invertida e o sinal de “fechamento no topo das letras a, o”.

17. Isso explica como, na caracterologia morettiana, o ataque situa-se aqui em apenas 13%, a resistência é tão alta, 47%, e a expectativa também é elevada, 24%. Na prática, essa combinação tem a função de permitir aquela bela cota de 16% de cedência.

18. Vale lembrar que os traços gráficos – ágeis, serenos, fluidos ou austeros – encontram sempre correspondência nos gestos e na fisionomia de quem escreve. É um autêntico retrato de todo o ser interior e exterior. Não por acaso, Moretti também desenvolveu a grafologia somática.

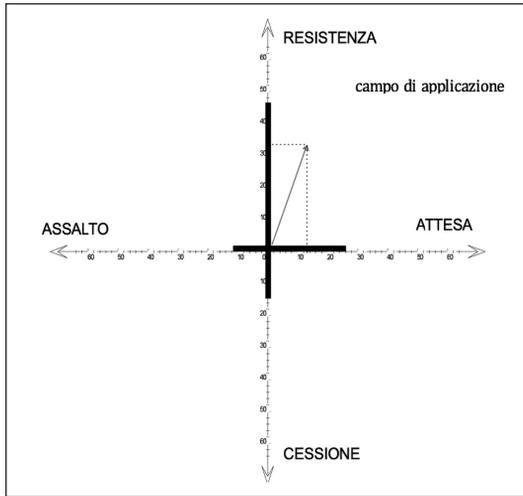


Fig. 1. O gráfico mostra os valores absolutos do caráter segundo Moretti e, ao mesmo tempo, o cálculo matemático da resultante das forças do caráter, que são o assalto, a espera, a resistência e a cessão (cf. paralelogramo das forças).

e qual seu estilo de vida. Esse quadro explica, em parte, o que a análise mostrou acima:

a) Ela empenhou, ao máximo, todas as energias para reprimir (= resistência) qualquer reação negativa de revanche, de recriminação e de contra-ataque diante das repressões infantis-adolescentes sofridas, quanto a sentimentos e necessidades espontâneas.

b) Ela empenhou ao máximo suas energias para acolher e se conformar a modelos superiores àqueles que poderiam ser apenas sentimentos humanos. Isso, através do intenso poder de reflexão, expresso pelo alto grau de espera. Segundo Szondi-Maeder,¹⁹ as mensagens que, ela acolhia e os modelos aos quais se conformava, eram de origem transcendente, pois para eles ela reduziu ao mínimo o “assalto” para dar o devido espaço à “cessão”, ou seja, a um dom de si mesmo, sem reservas e ilimitado. Caracterologicamente,

19. Segundo esses psicólogos, “a fonte do amor ao próximo não se encontra nos impulsos sentimentais ou pulsionais do homem, mas é um dom de origem transcendente, uma consequência e uma graça da fé” (SZONDI, Leopold. *Introdução à análise do destino*, Roma: Astrolabio, 1975, p. 22).

trata-se de um verdadeiro milagre de equilíbrio e de bondade humana, um “violento”²⁰ superamento de si que a levou a responder à vida, com um contínuo “eis-me aqui”.

O gráfico da fig. 1 mostra, com evidência, o que já emergira da semiologia grafológica, ou seja, que, para chegar a construir esse caráter, a escrevente passou por sofrimentos, renúncias e tensão. Isso explica, também, aquele nível de tensão expresso, além do alto grau de “bilioso”, pela condição de esforço e estresse representada pelos sinais *Compassata* e *Curva afundada*. Esforço e estresse que também explicam aqueles 10% de não-atividade, surgidos na caracterologia de Le Senne; assim, aqueles altos 43% de atividade, indicam que ela, na expressão do dom de si, gastou energias, além de suas próprias forças.

3.1.10. Comportamento emocional

É importante destacar que, para a neuroendocrinologia, o termo emoção é aceitável, apenas, se referido à impressionabilidade que, as reações aos estímulos ambientais provocam na personalidade, quando o cérebro, transmitindo, com neuro-hormônios à periferia, determinadas mensagens, modifica todo o estado metabólico e funcional.

Uma análise sistemática das condições em que se manifestam essas complexas e integradas modificações mostra que, elas aparecem caracteristicamente em circunstâncias que, envolvem ou a sobrevivência do indivíduo, ou a sobrevivência da espécie.²¹

- **Nível de sobrevivência do indivíduo** → a reação fisiológico-comportamental integrada, se manifesta diante de estímulos ameaçadores ou perigosos para a integridade física ou para a vida.
- **Nível de sobrevivência da espécie** → ela se manifesta em várias fases do ciclo reprodutivo, como a busca de um parceiro sexual, o acasalamento e a proteção da prole.

20. Aqui o termo “violento” refere-se à frase evangélica de que “o reino dos céus implica violência e que somente os violentos o conquistam”.

21. PANCHERI, Paolo. *Stress, emoções e doença*, Mondadori, 1989, p. 31.

Com isso, a neuroendocrinologia convida à análise dos dois grandes quadros das reações emocionais humanas: a) em relação à sobrevivência individual; b) em relação à sobrevivência da espécie.

3.1.11. Emotividade no nível da sobrevivência individual

Para a criança, a segurança de sobrevivência deriva da ternura e da proteção segura da mãe e do pai. Que na infância-adolescência da escrevente, não tenham sido muitas as condições ideais de ternura tranquilizadora – e, portanto, de segurança de sobrevivência – é demonstrado pela forte tensão de todo o grafismo; uma condição que a obrigou a se organizar e a empenhar todas as energias, para fortalecer sua força de vontade e sentir-se segura.

Como dito acima, esse estado de coisas poderia tê-la orientado para o fechamento, para um forte egoísmo ou, pelo menos, para a presunção de enfrentar e superar o obstáculo que o ambiente representava à sua livre expansão²² – mas isso não ocorreu. A escrita mostra que a experiência emocional a tornou bem consciente da importância positiva ou negativa dos estímulos que, provêm das pessoas e das situações, de modo que, sabe bem ao que é ou não justo adaptar-se (*Ângulos A*). Se não deve adaptar-se, o faz também de modo firme e decidido (cf. os sinais *Recisa* e os cortes das letras *t* nítidos e fortes), e, no entanto, sem qualquer indício de arrogância, imposição ou pretensão de dominar. Pelo contrário, emergem indícios de linearidade, moderação e respeito pelo ambiente.²³

22. O sinal dessa presunção é o sinal *Ascendente*, que a escrevente evitou apresentar.

23. Os índices ausentes em sua escrita são: *Arrogante*, nem mesmo nas elevações dos traços do ‘t’ (ausência de qualquer arrogância, ostentação de força e poder, de qualquer necessidade de se impor ou impor a própria vontade). Aqui, os traços do ‘t’ são cruzados e bem retos para frente (como índices de reflexão, consciência e energia voltadas para o progresso do ambiente e da vida). Também não existe o sinal *Ascendente*, que indicaria um esforço constante de superar o obstáculo representado pela figura paterna inconsciente, e que sempre implica um certo grau de presunção. Aqui há apenas um alto *Mantém a linha*, mas não rígido, porque apresenta uma leve ondulação, como índice de forte linearidade, isenta de qualquer inflexibilidade mesquinha.

O domínio emocional a que chegou é demonstrado também pelo baixo grau de *Intozzata II modo*, que é o índice do nível de impressionabilidade emocional que os mecanismos de defesa das fases evolutivas criaram dentro dos sistemas neuroendócrinos. Isso não é apenas sinal de equilíbrio psíquico e de grande força de vontade, mas também – e sobretudo – de virtude.

3.1.12. Emotividade no nível da sobrevivência da espécie

O outro aspecto das reações emocionais evidenciado pela neuroendocrinologia, diz respeito, ao instinto de sobrevivência da espécie. Também chamado de instinto sexual, porque provoca a atração dos sexos e a emoção da intimidade e da ternura. Para analisar esse tipo de emoções, é necessário também recordar, a constituição e o temperamento da escrevente, bem como seu vivido.

Predominando nela o fator sanguíneo, dispõe de boa potência da atividade córtico-suprarrenal, à qual, entre outras coisas, correspondem, também, a eficiência dos hormônios sexuais e a vitalidade do instinto sexual. O fato de ter sido obrigada a fortes repressões infantis-adolescentes dos sentimentos espontâneos e da necessidade de ternura, faz com que não seja um sujeito naturalmente propenso à ternura e à intimidade; ao contrário, a semiologia a apresenta como alguém que, teve de aprender a não expressar seus próprios sentimentos (cf. o fechamento dos ovais), a falar pouco, a empenhar ao máximo a vontade, o espírito de organização e a conter o impulso à ternura e à intimidade. Isso explica a forte prevalência da dimensão introversiva.²⁴

Uma das consequências dessa condição foi que, ela não pôde se identificar com a figura materna, portanto com o arquétipo feminino e, conseqüentemente, com a própria feminilidade. A semiologia de sua escrita, mostra claramente que, seu psiquismo é nitida-

24. As dimensões extrovertida e introvertida são duas instâncias fundamentais da natureza humana, mas Jung explica que, quando um sujeito experimenta insucesso em uma das duas dimensões, ele se refugia na outra. No nosso caso, houve, portanto, um insucesso relevante no relacionamento emocional-afetivo com o ambiente evolutivo.

mente marcado pelo *animus* junguiano (o masculino psicológico) e não pela *anima* (o feminino psicológico).

A pergunta espontânea é, então, o que – na escrevente – pôde sobrepor aos austeros comportamentos do *animus* aqueles da *anima*, que se abre ao objeto íntimo e entra em sua intimidade (cf. os sinais *Pendente* e *Abertura de parágrafo*); o que pôde recriar nela as atitudes da *anima* que se doa (cf. *Espaço amplo entre letras*), com a ternura (*Pendente*) e a quase veneração da mãe em relação ao objeto de sua doação? (cf. *Cuidadosa espontânea*).

Estudando a vida de Santa Maria Madalena de Pazzi, o psicólogo L. Ancona, hipotetiza, uma ação toda particular da graça que, agindo de cima, alcança as raízes do inconsciente, libertando a pessoa dos condicionamentos e das neuroses desencadeadas pelo vivido. A teologia mística, atribui esse poder transformador, à sponsalidade mística²⁵ que, reencontrando a plenitude do objeto de ternura, faz emergir, um instinto materno superior, até mesmo ao natural.²⁶

Esse contexto, permite compreender, qual é o verdadeiro quadro do comportamento emocional e íntimo da escrevente. Por sua vez, o gráfico, visto acima na fig. 1 mostra o quase drama de sua história, as lutas que teve de travar consigo mesma e, portanto, a verdadeira dimensão de sua personalidade.

3.2. Perfil psicológico

3.2.1. Comportamento social

Do que foi dito, emerge claramente que, seu comportamento social não pode deixar de carecer daquela imediatidade, vivacidade e espontaneidade que teria tido, se o ambiente evolutivo tivesse permitido uma maior facilidade e, expressão de si e de seus sentimentos.

25. Aqui, a austera semiologia grafológica mostra que a escrevente concebe e vive a espiritualidade conjugal mística, não sob a perspectiva de uma ternura lânguida, mas como uma vontade férrea que se doa e se sacrifica. A teologia mística interpreta esse estilo de vida consagrado, como identificação com Cristo crucificado.

26. Será explicado a seguir qual é essa corrente psicológica.

Na relação com o exterior, há uma espécie de contradição aparente, da qual, porém, Le Senne nos ajuda a descobrir o segredo. A contradição está no fato de que, embora esteja longe de ser espontânea e expansiva, é aquela que, no íntimo, tem o mais alto senso do social. Isso decorre do fato de que, na tipologia junguiana, ela faz parte do tipo **Sentimento-introvertido**, e, na caracterologia de Le Senne, pertence ao tipo **Emotivo-Ativo-Secundário**, aquele que Le Senne também chama de “apaixonado” – não no sentido de ter reações paroxísticas e passionais (já se viu que ela tem um raro controle de si e de suas emoções).

A razão de tal denominação, está no fato de que o tipo “sentimento introvertido” (ao qual pertence a escrevente) participa, intensamente, dos sentimentos e problemas do ambiente, mas não projeta, imediatamente, para fora esse sentir (como faz o tipo sentimento extrovertido), nem expressa, de imediato, as emoções que dele derivam: interioriza-as, reflete sobre elas, empenha nelas toda a atenção e intuição, vive-as com toda a intensidade do ser, apaixonando-se por elas e, buscando suas soluções. Só então, retorna ao ambiente com programas já formados, colocando à disposição tudo de si, suas próprias energias, a alma e o coração, acreditando, profundamente, naquilo que foi objeto de seu apaixonamento (daí o termo “apaixonado”). A atitude desse movimento apaixonado em direção ao ambiente – diz Le Senne – torna-se, então, a da pessoa convicta e convincente,²⁷ que vai para salvar e redimir.

Assim sendo, acostumado a pensar tão intensamente e a controlar suas emoções, o sujeito assume lentamente, uma fisionomia de austeridade e de aparente impassibilidade, de modo que, externamente, tende a dar a sensação de quase ausência, de dureza, de quase falta de sentimento; na realidade, porém, é o mais disponível dos caracteres e, como dito acima, aquele que tem o mais alto senso do social.

Le Senne chama esse caráter de “apaixonado”, também porque, em sua essencialidade em tudo, é, ao contrário, o caráter mais ávido de alcançar o grau máximo do ser, o mais capaz de altos

27. Por isso, em geral, conquista confiança e seguidores, também porque não manda nos outros, mas se coloca ela mesma na linha de frente.

ideais. Estes lhe derivam do fato de que seu intenso sentir e pensar o leva a descobrir os valores que estão no vértice da escala dos valores existenciais: estes se tornam ideais que o sujeito persegue com todas as forças, sacrificando, qualquer outro interesse secundário. Esse é o quadro que, permite compreender, o verdadeiro comportamento emocional e íntimo da escrevente.

Griéger define o “apaixonado” como “o caráter de mais alta tensão”. No plano social, portanto, a escrevente, embora não seja uma desmancha-prazeres, é totalmente alheia ao modo comum ou banal com que a massa concebe e vive a alegria e o sentido da vida.

Nela há também a característica evidenciada por Le Senne: devido à sua interioridade e à intensidade com que pensa e vive, ela – como apaixonada – irradia ao seu redor uma espécie de mistério que, em vez de afastar, atrai e conquista. Isso significa que é dotada de forte dominância psicológica, de modo que inspira respeito e reverência, sem precisar impor-se, pois até mesmo em seu aspecto, transparece sua autonomia de pensamento e de ação; e, no entanto, é o caráter mais respeitoso da autoridade e amante dos valores tradicionais, sobretudo os de ordem ético-religiosa.

3.2.2. Comportamento mental

Apesar do baixo nível de escolaridade, esta grafia revela bons coeficientes mentais, tanto no aprendizado quanto na organização do pensamento: bom ritmo modulável (ver *Desigual metódico do Calibre*), indicador de boa intuição e de um pensamento que se afasta da repetitividade do aprendido e da convencionalidade; o contexto geral é composto de senso de ordem, necessidade de organização, método e sequencialidade – todas qualidades que sustentam a forma de pensar, planejar, desenvolver associações mentais e realizar a ação cotidiana.

A capacidade de concentração e memorização é muito elevada, devido a uma atenção precisa, ainda que um pouco meticulosa – mas sem mesquinheria ou pedantismo – que revela seu alto nível de consciência. Aparecem, bem desenvolvidas, as funções discriminativas da mente e da consciência orientativa, revelando uma pessoa que exige clareza de si mesma e dos outros, em tudo.

Reflexiva e sempre ponderada, não corre risco de dispersão mental, vaguidade, ou de julgamentos e decisões precipitadas. Antes de tomar uma posição ou decisão, pondera tudo com atenção; mas, quando decide, torna-se firme e segura, evitando presunção e teimosia. De fato, não é facilmente influenciável, mas, com discernimento, é capaz de rever-se e questionar a si mesma e os planos traçados.

A intensa adesão aos ideais que persegue, não diminui seu senso prático da vida, sobretudo, porque dispõe de bom poder introspectivo sobre pessoas e situações. Sustentada por constante prudência e capacidade de deliberação que considera prós e contras, dificilmente se depara com imprevistos. Além disso, embora mantenha o nível adequado de síntese, apresenta também funções analíticas bem desenvolvidas, não por desconfiança, mas por necessidade de introspecção e busca do justo e do verdadeiro (ver sinais *Clara* e *Nítida*). Esse conjunto permite-lhe ter um pensamento sólido, objetivo, sistemático e bem orientado na teleologia mental e prática.

Apesar da mencionada falta de cultura, sua inteligência apresenta poder abstrativo, racional, analítico, dedutivo e visão de mundo normais, mas o que mais a distingue é o senso de realidade; de fato, instintivamente, ela evita elucubrações teóricas.

3.2.3. Qualidades físicas e psíquicas

Muitos aspectos de suas qualidades físicas e psíquicas já surgiram na análise anterior. A intensa vitalidade libera ótimo nível de energia para sustentar a ação com força, continuidade até o limite, mesmo a custo de grande sacrifício. O impulso ativo natural leva-a a sair de si mesma, a movimentar-se, a empreender; assim, se não tem uma atividade, cria-a e a enfrenta com empenho e elevado senso de responsabilidade.

Mantida sob intenso controle, sua motricidade não é muito rápida, mas é segura, incisiva, sem hesitações ou indecisões. Resulta daí uma atividade regular e constante, organizada e eficiente, ainda mais porque, a forte energia, a torna quase incansável ou, melhor, se se cansa, não se entrega à primeira sensação de fadiga; assim, ao canalizar energia do aparato psíquico, está sempre acima de si mesma (ver grau de resistência morettiana).

3.2.4. Qualidades morais

Também neste aspecto, muitos elementos já surgiram na análise anterior. A primeira qualidade é uma vontade forte e constante, não apenas pela energia natural de que dispõe, mas sobretudo por seu elevado poder de reflexão, deliberação e ponderação; assim, nunca age por impulso, e quando se determina a respeito de algo, age sempre com decisão e convicção. Ademais, compromete-se nas coisas, somente com plena consciência de sua importância; inconscientemente, sente que cada compromisso assumido será como um imperativo categórico, sem espaço para tergiversações ou interpretações benevolentes (ver *Mantém a linha*).

A inflexibilidade da vontade (*Ângulos B, Hastes retas*) é talvez a qualidade moral que mais se destaca nela, com a virtude de não ser fruto de um Super-Eu convencional, mas de virtude racional e ponderada; de fato, impõe a si mesma essa rigidez e inflexibilidade, tornando-se mais branda – sem leniência ou fraqueza – com os outros.²⁸ Pessoas irrazoavelmente inflexíveis, por falta de sentimento, são rígidas consigo mesmas e com os outros, mas, geralmente – observa Moretti – mais com os outros do que consigo.

É, também, a qualidade que confere à personalidade, rara estabilidade e constância de atitudes, um senso de firmeza que, se manifesta externamente, e se impõe a quem tenta atacá-la ou influenciá-la. Resulta, daí uma dominância psicológica de grande poder, que, ao dar instruções, o faz com autoridade, sem necessidade de se impor. Nesse sentido, torna-se apoio para pessoas mais fracas.

Desse modo, destaca-se a notável qualidade de coesão entre pensamento, ser e conduta. São qualidades que a tornam crível e previsível, constante ao longo do tempo, mas também capaz de crescimento interior (ver sinal *Desigual metódico*). Resultam método e regularidade em todas as atividades,²⁹ elevada fidelidade aos planos traçados e ao dever.

28. Isso se expressa pelo espaço largo entre as letras, que é indicio de abertura do sentimento e de compreensão para com os outros.

29. Além disso, já se viu acima, que não se cansa e não fica ofegante no trabalho.

Em relação a si mesma, é inflexível quanto à disciplina interna e externa. Isso faz com que siga normas, diretivas e ordens sem protestos ou rebeldia. Sendo fruto de sua mentalidade, não concebe possibilidade de comportamento contrário. Dessa força interior, extrai grande capacidade de superar dificuldades internas e externas; assim, é capaz de estar acima de suas próprias energias físicas, demonstrando que, nela, as energias do espírito potencializam também as fisiológicas.

É evidente que esse conjunto de qualidades se traduz também em capacidade de dirigir e governar o grupo ao qual pertence, por vários motivos: a) A citada coesão e clareza refletem-se na forma de dar instruções. Com seu espírito de disciplina e essencialidade, e sua concisão, não gosta de repetir várias vezes o que diz. Além disso, já se percebe de que dominância psicológica dispõe. b) Serve de bom exemplo por estar sempre na linha de frente das atividades, estimulando, mesmo sem intenção, os mais lentos e resistentes. c) Não é do tipo que se agita, se perde ou perde a paciência em momentos difíceis. O aparente baixo grau de ataque morettiano, torna-se elevado pelo seu poder de reflexão, planejamento e ação.

3.2.5. Quadro instintual

Moretti – e com ele a moderna neuroendocrinologia – vê na base de toda instância profunda do homem três instintos:

- a) **Instinto vital ou de sobrevivência individual.** É o instinto que ativa os mecanismos de defesa do Eu e a busca e conservação dos meios necessários à referida sobrevivência.
- b) **Instinto sexual.** É o impulso da vida para buscar um parceiro, e os meios adequados à conservação da espécie, da qual o indivíduo faz parte. Desse instinto deriva a atração entre os sexos e o impulso de transmitir a própria vida ao filho.
- c) **Instinto psíquico.** Sendo o homem composto de animalidade e de espírito, este instinto corresponde à exigência humana de dar uma marca espiritual e racional a toda expressão do instinto vital e sexual. Na prática, é o instinto psíquico que elimina todo o lado animalesco dos instintos comuns com os animais.

Os instintos formam um organismo dinâmico dentro da personalidade; por isso, o equilíbrio humano, depende de como um instinto se expressa em harmonia com os outros, sem inibições recíprocas ou sobreposições. Enquanto nas espécies animais essa harmonia é regulada por férreas leis da natureza, no indivíduo humano, a manutenção desses equilíbrios é confiada ao espírito; mas este tanto pode carecer de energia para isso, como também exagerar e criar inibições irrazoáveis.

No plano fisiológico, no nosso caso, pela relevante força do temperamento sanguíneo de Hipócrates, poderia, facilmente, dominar os instintos vital e sexual; mas, no plano psíquico, surgiu ao contrário, totalmente dominante, o fator bilioso de Hipócrates, com o risco não mais regular, mas de inibir a espontaneidade de expressão e de comunicação dos sentimentos espontâneos e da ternura. Por si mesmo, o que mais deveria ter sido negativamente afetado, era então, o instinto sexual.

Na realidade, como já se viu acima, algo recriou o instinto de dar vida, o instinto da doação de si, o impulso oblato, a abertura do sentimento e uma amabilidade que, são a expressão típica do instinto sexual; e tudo isso, em nítido contraste com o outro contexto de dureza e austeridade do tipo bilioso. Com Jung, deve-se concluir que, o fato foi muito além da simples sublimação do instinto sexual, enquanto com o psicólogo L. Ancona se supõe um poder transformador e libertador da graça bem superior àquilo que a sublimação³⁰ pode realizar. Esta não é uma dedução qualquer, mas a simples leitura da semiologia.

3.2.6. Quadro das tendências segundo M. Otero

Existem várias teorias psicológicas que definem as tendências humanas, mas talvez a mais simples e significativa seja a de M. Otero. Cada tendência considerada por este autor pode ser positiva ou negativa,³¹ com comportamentos opostos que permitem definir o

30. Cf. FILIPPI, L. S. *Maturità umana e celibato*, Brescia: Editrice La Scuola, 1970, p. 282.

31. Os termos “positivo-negativo” não devem aqui ser tomados no sentido comum de bom-mau, de integrado-desviante, mas segundo o significado do

grau de maturidade ou imaturidade de um sujeito. É uma análise importante, pois permite ver o que de negativo um indivíduo conseguiu evitar para construir positivamente sua personalidade e criar equilíbrio interno. Também, é importante porque, mostra como um indivíduo motiva e direciona a energia vital, a mentalidade e a conduta.

- **Tendência nômade positiva:** indica desejo de mudar de lugar, profissão ou interesses; daí instabilidade e nomadismo. A negativa indica constância, coerência, fidelidade ao próprio estilo de vida, linearidade a todo custo, mesmo com sacrifício, estabilidade de pensamento e ideais, senso de ordem. O que surgiu da análise mostra ao leitor o alto grau de estabilidade e coerência da escrevente.
- **Tendência agressiva positiva:** indica capacidade de luta na vida, iniciativa e decisão. A negativa indica incapacidade de se opor, falta de energia para enfrentar e superar dificuldades e obstáculos, covardia diante do perigo. Inclina ao sensualismo e à homossexualidade. A caracterologia de Le Senne mostrou quanta atividade (43%), luta serena (não-emotividade 29%) e superação de obstáculos a escrevente é capaz. A caracterologia morettiana detalhou, também a modalidade: aparentemente, o ataque é baixo (13%), podendo sugerir pouco poder de luta; na realidade, o ataque é eficiente, pois é programado profundamente com 24% de espera, e sustentado por elevada resistência à ação (46%). Isso indica ausência de violência agressiva.
- **Tendência a emoções violentas positivas:** inclinação a forçar o ambiente para dominá-lo (Szondi), tendência à hiper-crítica e oposição a pessoas e ideias alheias. A negativa, indica abnegação, aceitação sem resistência ou críticas aos atos e ideias dos outros, sobretudo superiores; traduz a humanização das tendências, compreensão e benevolência. No nosso caso, a semiologia de *Ordenada*, do *Espaçamento entre palavras* e do *Cuidado espontâneo* evidencia, modos humanos, benevolentes e oblativos da escrevente perante o

item do texto de Otero. De outro modo, não se compreenderiam as indicações que são atribuídas a cada tendência positiva ou negativa.

ambiente, mantendo apenas, para si a severa austeridade da semiologia de *Hastes retas* e *Austera*.

- **Tendência erótica positiva:** impulso ardente para o outro sexo, com intensa sexualidade difícil de conter; conforme Szondi, o instinto sexual desvia-se da norma e torna-se erotomania quando o sujeito não ultrapassou a fase de individualização. Resultado: egoísmo incapaz de amor e doação de si à vida. A negativa indica capacidade de contenção (continência), sublimação das pulsões sexuais em interesses culturais, científicos, religiosos ou místicos. A análise mostra, grande domínio da afetividade e das pulsões, com elevada sublimação do instinto sexual, para a vida consagrada, a espiritualidade mística, e o amor ao próximo.
- **Tendência romântica positiva:** inclinação a viver o lado sensível, terno e afetuoso das coisas e relações, especialmente com o outro sexo. A negativa indica repressão de afetos e ternura, podendo chegar à indiferença, aspereza e severidade. No caso, não se revela caráter sentimental, mas “passional”, com forte autonomia e intensa afetividade contida. Aparentemente, isso pode dar a impressão de dureza e distância, que, porém, são totalmente desmentidas pela sua total disponibilidade ao serviço do próximo.
- **Tendência mística positiva:** inclinação religiosa e moral ao respeito pelo próximo, admiração e veneração pelos semelhantes, derivando capacidade de dependência saudável; a mais autêntica é a que nasce do amor. A negativa, indica rebeldia e protesto contra autoridade e normas. No caso, a análise evidencia o aspecto positivo: ausência de rebeldia, protestos ou recriminações, e elevado respeito à autoridade.
- **Tendência mágica positiva:** inclinação para o misterioso, crenças míticas e fantásticas, atribuindo forças ocultas a fenômenos. A negativa indica incapacidade de perceber o sublime e transcendente (positivismo). No caso, a tendência é positiva, mas não voltada ao fantástico ou mítico; ordem, harmonia e cuidado gráfico, revelam uma alma permeada pelo senso de harmonia da criação, como reflexo do divino.

- **Tendência lúdica positiva:** inclinação à brincadeira, comichão, humor. A negativa indica seriedade excessiva, podendo gerar frieza e mau humor. A análise mostra que a escrevente evita ambos os extremos; a espiritualidade mística suavizou a tendência à severidade, que permanece apenas na disciplina e deveres próprios.
- **Tendência pícaro positiva:** inclinação à falta de continuidade, dispersão do tempo, prazer mundano, busca de atenção com malícia ou excentricidade. A negativa indica concentração nos deveres e trabalho, disciplina, responsabilidade, moralidade e confiabilidade. A análise evidencia que, a escrevente, apresenta essa tendência negativa: profundidade de convicções, empenho na vida interior e relacional, linearidade intensa e confiabilidade.
- **Tendência retrospectiva positiva:** inclinação a valorizar passado pessoal e histórico, experiência vivida, valores tradicionais sem convencionalismos. A negativa indica rejeição de valores tradicionais e impulso aventureiro imprudente ao futuro, rejeitando autoridade. A escrevente, do tipo “passional” de Le Senne, demonstra amor aos valores tradicionais, respeito à autoridade e veneração pelos outros, refletindo o equilíbrio entre as dimensões introvertida e extrovertida.
- **A tendência social positiva** indica propensão ao afeto pelos semelhantes, ao encontro e associação, a viver em união com os outros e no intercâmbio das emoções da vida. A negativa indica inclinação à baixa sociabilidade, à frieza, à reserva, a ter poucos amigos e conhecidos, a não cultivar e conservar afetos e amizades.

A caracterologia de Le Senne e a de Moretti já definiram bem, a que preço de superação de si mesma, a escrevente alcançou o equilíbrio dessa tendência positiva. A análise evidenciou que ela soube evitar a atitude violenta com a superação da fixação à fase do *homo repressor* de Szondi; que soube evitar os riscos da dureza e dos excessos de tensão (inflexibilidade) a que a obrigava o ambiente evolutivo, a começar do pré-natal; que soube evitar que sua marcada

vitalidade desembocasse na vontade de poder e de domínio; e, por fim, que soube evitar os riscos de uma feminilidade recusada que – no contexto – tendia à aspereza e dureza do *animus* junguiano. A psicologia demonstra que a mulher, quando perde o feminino psíquico, tende à tirania. Como visto acima, em nosso caso, certa psicologia fala de sublimação; outras (cf. Ancona, Szondi, Maeder) falam de uma sobrevivente capacidade de amar que “não é de origem humana ou sentimental, mas de origem transcendente, uma graça da fé”. Observa-se que, a motivação de sua sociabilidade não possui nenhum fundamento em necessidade de apoio ou distração.³²

- **A tendência dominativa positiva** indica inclinação ao desejo de independência e domínio, de presidir, de governar, de ocupar os primeiros lugares. A negativa, ao contrário, indica falta de autonomia, insegurança de quem depende do julgamento e da aprovação do ambiente, de modo que não sabe dizer não, por medo de perder a estima e o contato com os outros.
- **A autonomia de visão e de ação** – juntamente com a capacidade de dependência, típicas do *passional* de Le Senne – é aqui demonstrada pelo grau moderado de *Intozzata I modo*, que se torna índice de um controle voluntário e consciente do instinto de poder. Somente esse controle permite a positiva capacidade de depender, o respeito à autoridade, o espírito de submissão e de grupo. Ao mesmo tempo, os sinais *Recisa*, *Ângulos A e B*, a firmeza dos cortes dos “t”, o ótimo *Mantém a linha*, a boa tensão gráfica, indicam que a escrevente não é tímida, que tem a coragem de intervir e agir por medo do julgamento alheio. Todo o contexto semiológico revela força e coragem.
- **A tendência moralista positiva** indica inclinação a avaliar, julgar, viver e comportar-se segundo as linhas preestabele-

32. Muitos tipos de sociabilidade são de natureza neurótica, por serem expressão do terror de se encontrar sozinho com a própria interioridade, permeada de vazio e de ansiedade.

cidas pelas normas morais e de convivência, de modo que os sentimentos sejam orientados e vividos, com base em princípios superiores que, sustentam, com clareza e energia, a lógica mental e a conduta. Um excesso dessa tendência pode facilmente levar a reduzir a esfera dos sentimentos e da simpatia interpessoal. A negativa leva à chamada “manga larga”, com a qual se avaliam, julgam e vivem as coisas em razão da pouca firmeza e observância das normas éticas. A fisionomia moral da escrevente, emergida da análise, não tende, certamente, à “manga larga”; ao contrário, teria corrido o risco oposto de uma observância inflexível da letra da lei (cf. os sinais de austeridade juntamente ao reduzido *Espaçamento de letras*). A essa mentalidade vimos, sobrepor-se um ótimo *Espaçamento entre letras* e um cuidado gráfico espontâneo, como indícios de abrandamento dessa inflexibilidade. O conjunto deve ser visto como o alcance de um raro equilíbrio de humanidade e liberdade de espírito.

- **A tendência autística positiva** indica inclinação a ficar sozinha, a não querer incômodos do exterior, a não comunicar-se; todos comportamentos de sujeitos que: a) não se colocam a serviço dos outros; b) vêem o mundo, apenas como o representam para si; c) para os quais é o ambiente que deve adaptar-se a eles, e não o contrário; d) exigem ser compreendidos, mas não compreender; e) são incapazes de cortesia e gentileza. A negativa indica inclinação a viver buscando agradar aos outros, receber a aprovação alheia. É a inclinação de sujeitos sensíveis a reconhecimentos e adulações: um vazio de personalidade que leva à vaidade e à ambição de glória. A escrevente soube evitar ambos os comportamentos dessa tendência. O contexto mostra que ela se encontra à vontade na interioridade de sua alma, mas sabe sair dela para encontrar, doar e servir. Não há apenas ausência de qualquer indício de necessidade de sobressair-se e chamar atenção, mas existem sinais de extrema simplicidade e essencialidade.³³

33. Aqui, realmente, se tem o contexto evangélico da mão direita que não sabe o que faz a esquerda.

3.2.7. Quadro final

Como conclusão, parece importante destacar que aquilo que mais marcou a vida da escrevente não foi o prazer derivado da liberdade de movimento e de expansão, mas sim o sofrimento. Isso emergiu da análise do ambiente evolutivo,³⁴ que não foi expansivo nem dilatador do ânimo e do fôlego dela, enquanto criança.

Emergiu do forte controle de toda espontaneidade que ela se viu obrigada a impor a si mesma, de modo que teve de antecipar uma seriedade e uma vontade de compromisso superior à sua idade, proibindo-se de experimentar a felicidade e a alegre sensação de pertença e reciprocidade que deveriam caracterizar a atmosfera de toda infância.

A psicologia sabe que essas elevadas condições de não sintonia sempre geram sofrimento e mecanismos ansiógenos que, no adulto, criam atitudes egocêntricas de retração ao Eu, de desconfiança e de fechamento ao ambiente, incidindo, também, no relacionamento de fé.³⁵ De fato, a escrevente pertence ao grupo de sujeitos que Corman chama de “retratos de frente” (endireitamento do perfil, retração dos olhos e das asas do nariz, compressão dos lábios como em “fecho éclair”), e “retratos laterais esboçados” (cavinhas retraídas nas comissuras labiais, boca com dificuldade de expandir-se e rir, retração esboçada nas faces e nas têmporas).

Nos graus elevados e nos tipos vitais, como no nosso caso, geralmente, se criam tendências à dureza, à imposição de si e à severidade.³⁶ Foi belo e significativo que ela tenha reservado para

34. Isso não significa que o ambiente de crescimento tenha pecado por violência ou maldade; trata-se de questão de caracteres, de critérios pedagógicos, de situações.

35. O sujeito representa para si o materno e o paterno de Deus com os filtros com os quais viveu a relação com a mãe e com o pai terreno.

36. Le Senne distingue o “passional” estreito do mais amplo. Contendo toda forma de expressão secundária do sentimento, o estreito é mais fechado em si mesmo e hermético, é duro, severo e dominador. Considerando a vitalidade da escrevente e sua recusa em identificar-se com o feminino materno (psiquicamente ela é masculina); considerando a semiologia da inflexibilidade, da tenacidade e da severidade, o substrato da escrevente deveria ser o do “passional duro”. Por isso surgiu acima a pergunta: – O que reintroduziu nela

si a severidade e a dureza, descobrindo e vivendo a capacidade de amor e de dedicação que se colocam no oposto do egoísmo e do *homo repressor* de Szondi.

A semiologia, porém, evidenciou que toda a sua vida foi marcada por dificuldades e obstáculos. O grafólogo, nada sabe de sua vida, mas o sinal *Curva afundada*, visto acima, é índice, não de cansaço – já se viu como ela tem elevadíssimo poder de resistência ao esforço –, mas de estresse derivado do esforço de superação de condições ambientais difíceis e adversas.

Em todas essas belas contradições, entre o forte substrato de rigidez e a abertura do coração, a psicologia da fé, vislumbra, o efeito da **esponsalidade mística**, que se identifica com o mistério da Cruz, no qual, o sofrimento humano, se traduz em amor oblativo e redentor.

aquele belo Espaço largo entre as letras e aquele belo cuidado espontâneo, indícios de oblatividade e de sentimento típicos do feminino psicológico? – A coisa em si seria contraditória e foge à norma do simplesmente humano.

4

BEM-AVENTURADA ASSUNTA MARCHETTI MÃE TERNA DOS ÓRFÃOS

*Ir. Leocádia Ortolan Mezzomo, mscs**



* Postuladora da Causa de Canonização de Assunta Marchetti.

Breve biografia

Maria Assunta Caterina Marchetti nasceu em Lombrici di Camaiore, Lucca, Itália, no dia 15 de agosto de 1871. Filha de Angelo Marchetti e Carolina Ghilarducci. A família Marchetti era pobre de recursos materiais, mas rica de fé e tinha muitos filhos.

Maria Assunta, desde jovem sentia o chamado a ser toda de Deus, a tornar-se irmã de clausura. Porém, seu ingresso na vida contemplativa foi adiado por questões familiares, e também, porque seu irmão José havia ido para o seminário e ela deveria ajudar, também o pai, no moinho. Após alguns anos, José tornou-se sacerdote e, mais tarde, missionário para os italianos que migravam para o Brasil.

Assunta, no entanto, crescia na fé e na caridade serviçal no seio da família e fora dela. Acreditava que Deus iria providenciar, também para ela, a realização dos seus bons desejos. E, de fato, a providência de Deus chegou para ela em 1895, através do convite do padre José, seu irmão padre e missionário.

No final do século XIX, a Europa via partir muitos dos seus patriotas, em situação de extrema pobreza e desproteção, em busca de pão, nas Américas. O bispo de Piacenza, Itália, vendo este grande êxodo, fundou várias Instituições, entre elas, a Congregação dos padres missionários de São Carlos Borromeo, scalabrinianos e das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, scalabrinianas com o intuito de ajudar o povo que emigrava.

As necessidades de assistência aos migrantes eram muitas. Padre José Marchetti, iniciou como capelão de bordo dos navios que

levavam os migrantes, mas depois de três viagens oceânicas, dedicou-se à missão de atender as populações migrantes, nas fazendas de café no interior de São Paulo, e a recolher os órfãos abandonados que encontrava. Com a colaboração de muitos colonos, construiu o primeiro orfanato na colina do Ipiranga, São Paulo, SP.

Logo percebeu a falta de corações ternos e maternos que zelassem pelo bem dos pequenos. Regressou à Itália com o objetivo de reunir algumas jovens para o serviço aos conacionais em terras brasileiras. Sabia que Assunta Caterina, sua irmã, desejava ser irmã de clausura, mas ousou convidá-la a abraçar a vida missionária. Falou-lhe: “Lá em São Paulo, estou sozinho com muitos órfãos”. E, indicando-lhe o quadro do Sagrado Coração de Jesus, disse-lhe: “Olhe para o Sagrado Coração de Jesus e pergunta-lhe: “Jesus, que- res que eu seja monja de clausura ou irmã Missionária, junto aos órfãos no Brasil? Escute seus apelos e depois me responda.

Fez-se um grande silêncio! Depois de rezar e discernir, Assunta pronunciou seu sim missionário a Deus, que a interpelava através do irmão missionário. Seu sim foi definitivo e total! Tinha então 24 anos. Padre José, o irmão missionário, convidou também a mãe Carolina, que era viúva, para que partisse para o Brasil com alguns filhos menores, que eram órfãos. Depois disto, convidou mais duas jovens, Angela Larini e Maria Franceschini, que aceitaram tomar parte do primeiro grupo de irmãs para o serviço aos órfãos, no Brasil.

O missionário conduziu o pequeno grupo, por ele reunido, ao bispo, Dom João Batista Scalabrini que, com zelo apostólico, acolheu o grupo missionário e os votos que fizeram em suas mãos. O bispo fundador, Mons. João Batista Scalabrini, exortou as neo-religiosas a viverem na certeza da fé e, entregando-lhes o crucifixo de missionárias, disse: “Eis o companheiro indivisível nas peregrinações apostólicas, o conforto, a força, a vossa salvação”.

Era o dia 25 de outubro de 1895. Nascia assim, um novo Instituto Religioso na Igreja, com uma missão específica: Viver o serviço evangélico e missionário, junto aos migrantes.

No dia seguinte, as missionárias, abençoadas e encorajadas pelo fundador e acompanhadas pelo cofundador, padre José Marchetti, partiram para o porto de Gênova, e embarcaram no navio,

junto aos italianos que buscavam pão e dignidade, no Brasil. Fizeram-se: “Migrantes com os migrantes para servir Cristo nos que migravam”.

Durante a longa viagem de navio, Irmã Assunta e as companheiras, exercitaram sua vocação missionária, preparando 83 crianças e jovens para a primeira eucaristia e, reanimando a fé e a esperança dos companheiros de êxodo – à semelhança de Moisés e Miriam – chegaram a São Paulo, onde várias dezenas de órfãos as esperavam.

Chegadas a São Paulo como “Servas dos Órfãos e Abandonados no Exterior”, assumiram os cuidados dos órfãos, especialmente, os filhos dos imigrantes italianos, mas também, crianças filhas dos ex-escravos que rondavam pelas ruas da cidade. A jovem religiosa, habituada a servir, não media esforços para ser mãe carinhosa, enfermeira dedicada e catequista zelosa daqueles pequenos que, a Providência Divina fazia chegar ao Orfanato Cristóvão Colombo, do Ipiranga, São Paulo.

O Diretor e Provedor do orfanato, Padre José Marchetti, não satisfeito com um orfanato, deu início à construção de um segundo orfanato na Vila Prudente, destinado às meninas órfãs. Padre José, em seu zelo apostólico, não temia nada. Queria ser mártir das fadigas apostólicas. Naqueles tempos, a epidemia da febre tifoide fazia muitas vítimas. Homem de Deus e consumido pela caridade para com o próximo, vivia servindo, mesmo em meio aos contaminados pelo tifo. E foi contaminado, vindo a falecer com apenas 27 anos, em 14/12/1896.

Madre Assunta, corajosa e serviçal, continuou sua missão no Instituto nascente, juntamente com as coirmãs e os sacerdotes missionários de São Carlos Borromeo.

A Congregação das Servas dos Órfãos e Abandonados no Exterior, poucos anos depois da fundação, passou a ser chamada: Irmãs de São Carlos Borromeo, que em seus primeiros anos, passou por grandes dificuldades e perigos de extinção. Madre Assunta foi forte e persistente em superar as dificuldades e preservar, de intromissões indevidas, o Carisma da Congregação. Tinha a firme convicção que: “Deus nos prova, mas não nos abandona”.

É por isto, que a consideramos a “mulher forte e santa de nossas origens”. Uma espécie de pedra angular da *Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas*.

Seu estilo de vida era simples, devoto e serviçal. A santidade que as Missionárias expressavam em sua missão, atraíram muitas jovens, a quem Deus tinha dado o dom da vocação religiosa. Assim, a Congregação cresceu e se expandiu no Brasil e fora dele, expressando a caridade evangélica entre os migrantes, missão própria do Carisma Scalabriniano.

Madre Assunta Marchetti, migrante desde o início de sua vida de religiosa consagrada, continuou sua peregrinação no Brasil, servindo em diversas cidades de São Paulo e no Rio Grande do Sul.

No amor a Jesus eucarístico, ao amável Coração de Jesus e à Santíssima Virgem Maria, hauria forças para viver todos os acontecimentos à luz da fé e, assim foi, em toda a sua humilde e amorosa existência.

Exerceu a missão de superiora geral, por dois períodos. Foi enfermeira, administradora, mãe dos pequenos órfãos, cozinheira nos Orfanatos, nos asilos e hospitais. Uma religiosa exemplar, sempre pronta a “estender os braços ao infeliz e abrir as mãos aos indigentes” (Pr 31,20).

Quando trabalhava nos hospitais, Santas Casas de Misericórdia, tinha pouco tempo para o descanso, pois os doentes a queriam por perto, seja para curar-lhes as feridas, seja para ouvirem dela uma palavra de conforto, de sabedoria. Mas ela sabia prolongar os momentos de oração, de dia e de noite, sem fugir do serviço aos necessitados, que não lhe faltavam. Tinha a convicção profunda de que “Deus nos ama, por isto nos visita, com suas cruzes”. Atenta em fazer a santa vontade de Deus, quis estender este ideal a toda Congregação, dizendo: “O lema de nossa Congregação é fazer a vontade de Deus!”

Madre Assunta Marchetti possuía um caráter forte, mas aprendeu a dominar-se e a tratar a todos, especialmente aos menores, com ternura de mãe e a fortaleza de santa! Era moderada no comer, pobre no vestir, buscando sempre fazer os trabalhos mais difíceis para beneficiar as coirmãs. Vivía a serenidade dos que sabem que

“os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18).

Após uma longa vida, 76 anos, faleceu no Orfanato Cristóvão Colombo, Vila Prudente, São Paulo, no dia 1º de julho de 1948. As órfãs que lá se encontravam exclamaram: “Hoje, morreu a caridade! Hoje, morreu uma santa!” Belas verdades, intuídas pelas pequenas que, bem a conheciam.

A Congregação que reconhecia a grandeza do testemunho de sua Cofundadora, Madre Assunta Marchetti, deu início ao Processo de Canonização. Após alguns anos, o Papa Bento XVI, reconheceu as virtudes heroicas da Serva de Deus e, declarou-a Venerável. Pouco depois, foi reconhecido o milagre de Deus, alcançado por sua intercessão. E, para concluir esta etapa, o Papa Francisco declarou-a digna de ser beatificada. Por isso foi realizada a cerimônia de beatificação em 25 de outubro de 2014, na Catedral Metropolitana de São Paulo, SP, Brasil, com a presença do representante do Papa, o Cardeal Angelo Amato.

Bem-aventurada Assunta Marchetti, flor do Evangelho, replantada em terras brasileiras, ensina-nos a amar com o coração disponível; a servir, sem esperar recompensas; a viver com fé e amor, mesmo nas noites escuras da provação!

Oração pedindo a cura por intercessão da Bem-aventurada Assunta Marchetti

“Vinde a mim vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

Ó Jesus, que assim nos chamas a ti, tem compaixão de nós!
Vê nosso sofrimento e amargura e vem nos aliviar,
vem nos curar com teu poder infinito.

E tu, bem-aventurada Assunta Marchetti, que estiveste junto a tantos enfermos, pede a Deus por nossa cura física e pela libertação de todo o mal. Apresenta-lhe nossos sofrimentos, nossas alegrias e esperanças.

Madre Assunta, tu que confortaste os doentes com a tua presença, com os cuidados, com a oração e com as palavras, pede a Deus que venha em nosso auxílio, nos conforte com a sua graça, nos cure com seu poder e torne eficaz a medicina.

Bem-aventurada amiga de Deus e dos que sofrem, lá do céu intercede pelas nossas necessidades e de todos os doentes, especialmente dos mais pobres e abandonados.

Roga a Deus por nós e pelas nossas famílias para que sigamos teu exemplo e vivamos a alegria de sermos filhos amados de Deus.
Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém!



Oração para pedir graças e milagres

Ó Jesus, que dissestes:

“Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”.

Rendo-vos graças por terdes feito da Bem-aventurada Assunta Marchetti, o conforto dos migrantes, a mãe dos órfãos e o alívio dos necessitados.

Ó Jesus, pelos vossos méritos infinitos e intercessão de nossa Mãe Santíssima, glorificai na terra a vossa humilde serva a Bem-aventurada Assunta e concedei-me, por seu intermédio, a graça que tanto necessito (*pedir a graça*). Amém!



Observação: As orações têm aprovação eclesiástica.



Acesse o livro pelo link:

https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2025/08/Ebook_Madre_assunta_Marchetti_Uma_vida_missionaria_2011.pdf

Este livro convida a mergulhar na estatura humano-espiritual de uma mulher que fez de sua vida um dom. Madre Assunta Marchetti, deixou sua Pátria e atravessou o oceano para oferecer, no altar do Senhor, em terras brasileiras, todo o amor de sua vida, feito de gestos, palavras, sorrisos, lágrimas e muita doação. Religiosa humilde e confiante, de muita fortaleza nas dificuldades da vida, de ternura evangélica em seu agir, especialmente, para os pequenos órfãos.

Missionária de profunda interioridade, de fé sólida e de caridade ardorosa, soube unir contemplação e ação, silêncio e serviço, oração e doação, sem reservas. Por isso, estas páginas são um convite a reviver o amor do primeiro chamado e a descobrir, sempre mais, a beleza do seguimento a Jesus Cristo.

Que esta leitura fortaleça a alegria de pertencer a Cristo, como fez Assunta Marchetti e renove o impulso missionário, que faz sair da própria zona de conforto, para ir ao encontro do outro, com o coração dilatado pela força do Evangelho e fortalecido pela unção amorosa do Espírito Santo.



www.csem.org.br



www.scalabriniane.org